A Liahona

Abril/Maio de 1986

A Liahona

Abril/Maio de 1986 - Volume 39 - Nº 3
PBMA0449PO - São Paulo - Brasil

Publicação Oficial em Português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson.

Conselho dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard.

Comitê de Supervisão:
Carlos E. Asay, Rex D. Pinegar, George P. Lee, James M. Paramore.

Editor: Carlos E. Asay

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Seção Infantil: Diane Brinkman

Desenhista: Sharri Cook

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Gerente de Tradução e Notícias Locais:
Flávia G. Erbolato

Gerente de Produção:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires

Capa: A Primeira Presidência.
(Foto de Eldon K. Linschoten.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 20.000,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 2.500,00**.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.

Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. **Redação e Administração:** Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE

1	**Mensagem da Primeira Presidência: O Que se Espera que Ensineis a Vossos Filhos sobre o Templo** Presidente Ezra Taft Benson
7	**Preparados para a Obra** Nina Hull
10	**Use Seus Talentos** Vernon e Bertha Proctor
12	**Primeiro o Dízimo** Mette Hansen Law
14	**Perguntas e Respostas: A Plenitude do Evangelho no Livro de Mórmon** Daniel H. Ludlow
17	**Perguntas e Respostas: Um Só Deus no Livro de Mórmon** Roy W. Doxey
20	**Algumas Considerações sobre a Liberdade Pessoal** Robert M. Wilkes
25	**A Bênção de Compartilhar o Evangelho** Élder Carlos E. Asay
31	**O Senhor Me Enviou** Patti Lara
34	**Canto de Salvação** Gary Loren McCallister
35	**A Autoridade do Capelão** Victor W. Matthews
36	**Segure-se e Suba!** Élder Dallin H. Oaks
38	**"É Verdade! Esta É a Palavra de Deus!"** Geraldine Pigott Golding
41	**Hino: Avante, ao Mundo Proclamai**

SEÇÃO INFANTIL

2	**João Batista** Judy Stephan Smith
4	**O Tocador de Flauta** Joyce B. Bailey
7	**Quem Será?** Suzanne S. Dean
8	**Círculos Iguais** Colleen Fahy

O QUE SE ESPERA QUE ENSINEIS A VOSSOS FILHOS SOBRE O TEMPLO

Presidente Ezra Taft Benson

Templo da Suíça

A última vez que vi o Presidente Heber J. Grant foi no Edifício de Administração da Igreja, quando já era bem idoso. Ele chegara de carro, e o motorista chamou outro irmão para ajudá-lo a amparar o Presidente Grant, um de cada lado, e levá-lo até seu escritório.

Eu estava entrando no prédio, quando o Presidente Grant se dirigia à porta e ele perguntou aos dois irmãos que o amparavam:

"Este aí não é o Irmão Benson?" ao que replicaram:

"É, sim."

Então ele chamou: "Venha cá. Venha cá, Irmão Benson."

Aproximei-me, e o Presidente indagou-me: "Alguma vez já lhe contei a peça que Brigham Young pregou em seu bisavô?"

"Não, presidente. Eu nem sabia que Brigham Young alguma vez tivesse

Minha mãe falava-me da obra do templo; de como era importante poder ir ao templo e participar das ordenanças sagradas que nele se realizam.

pregado peça em alguém."

"Oh, sim, ele o fez. Vou contar-lhe como foi."

Percebendo que os dois irmãos praticamente sustentavam todo o peso do presidente, respondi:

"Vou fazer-lhe uma visita, um dia desses. Gostaria de ouvir a história."

"Nada disso, vou contar-lhe agora mesmo. Estes irmãos me seguram enquanto a conto. Você sabe onde fica o Banco Zion, ali na esquina da Rua Main com a Rua South Temple?"

"Sei, sim."

"Pois seu bisavô construiu nessa esquina a melhor casa da Cidade do Lago Salgado, depois da de Brigham Young (que era, lógico, a Lion House que ainda existe). Já estava tudo pronto. Era uma bela casa de dois pavimentos, com uma varanda de ambos os lados, nos dois andares. Tinha uma cerca de estacas brancas e árvores ornamentais e frutíferas no quintal, por onde passava um pequeno regato. Estava tudo preparado para a família se mudar das cabanas de troncos para lá, quando ele foi chamado pelo Presidente Young ao seu escritório. 'Irmão Benson', disse-lhe, 'gostaríamos de que fosse para o Vale Cache, no norte de Utah, a fim de desenvolver aquela região e presidir os santos. Sugerimos que venda sua casa a Daniel H. Wells.'"

"Bem", explicou o Presidente Grant, "Daniel H. Wells era o conselheiro de Brigham Young. Não foi mesmo uma peça e tanto? Vamos, irmãos, andemos."

Em todos os anos que participara das reuniões da família Benson, jamais ouvira comentar esse caso. Por isso, mandei verificá-lo pelo Departamento Histórico da Igreja e eles me confirmaram os fatos contados pelo Presidente Grant. Disseram-me ainda que tinham uma foto da velha casa.

Desde aí, tenho-me sentido muito grato pela pretensa "peça" do Presidente Young, pois, do contrário, os Bensons não teriam suas raízes no Vale Cache.

Eu adoro o Vale Cache e os santos de lá. E sou imensamente grato pelo lindo templo em Logan. Ele tem sido realmente um fanal luminoso para o Vale Cache. Se nossos filhos e os deles forem devidamente ensinados, essa casa santa continuará sendo um símbolo de muita importância.

Deus nos abençoe, para que ensinemos a nossos filhos e netos que grandes bênçãos os aguardam, se forem ao templo.

Templo de Nuku'Alofa, Tonga

O templo é um constante lembrete de que Deus tenciona que a família seja eterna. Quão apropriado é que pais e mães digam aos filhos, apontando para o templo: "Ali nós nos casamos para a eternidade." E com isso estarão instilando nos filhos ainda pequenos, o ideal do casamento no templo.

Sou grato ao Senhor que minhas recordações ligadas ao templo remontem à minha meninice. Lembro-me tão bem de quando, ainda garotinho, voltava do campo e, aproximando-me da casa de nossa fazenda em Whitney, Idaho, ouvia mamãe cantar: "Neste mundo, acaso, fiz hoje eu, a alguém um favor ou bem?" (*Hinos*, nº 44.)

Ainda a vejo, mentalmente, curvada, com a testa orvalhada de transpiração, sobre a tábua de passar roupa, tendo o assoalho forrado com papel, alisando longas faixas de tecido branco. Quando perguntei o que era aquilo, respondeu-me: "São vestimentas do templo, meu filho. Papai e eu vamos ao templo em Logan."

Depois ela colocava o velho ferro de engomar em cima do fogão, puxava uma cadeira para junto da minha e falava-me da obra do templo; de como era importante poder ir ao templo e participar das ordenanças sagradas que nele se realizam. Externava também sua fervorosa esperança de que, um dia, seus filhos, netos e bisnetos tivessem oportunidade de igualmente usufruir essas bênçãos inestimáveis.

Essas doces memórias da dedicação à

obra do templo eram uma bênção em nosso lar e pequena ala rural de trezentos membros, e na velha Estaca Oneida. São memórias que reviveram, quando celebrei o casamento de cada um de nossos filhos e netos, os netos e bisnetos de minha mãe, sob o influxo do Espírito na Casa do Senhor.

São memórias preciosas para mim, sobre as quais tenho refletido muitas vezes. Na paz e tranqüilidade desses adoráveis templos, encontramos, às vezes, soluções para os sérios problemas da vida. Pelo influxo do Espírito, ali se derrama conhecimento puro sobre nós. O templo é um lugar de revelação pessoal. Quando estou acabrunhado por um problema ou dificuldade, costumo ir à Casa do Senhor, tendo no coração uma prece implorando respostas. E essas respostas tenho-as recebido de maneira clara e inconfundível.

Gostaria de dirigir minhas palavras a vós, pais e avós. Gostaria de compartilhar convosco o que espero ensineis a vossos filhos sobre o templo.

O templo é um lugar sagrado, e as ordenanças ali realizadas são de caráter sagrado. Exatamente por serem sagradas, às vezes relutamos em falar do templo aos nossos filhos e netos. E assim, muitos não sentem crescer em si o desejo de ir ao templo, ou quando vão, fazem-no sem estarem devidamente preparados para as obrigações e convênios que nele assumirão.

Acredito que o entendimento ou formação apropriados contribuirão em muito para a preparação de nossa juventude para o templo. Essa compreensão, creio, promoverá neles o desejo de buscarem as bênçãos sacerdotais exatamente como Abraão buscou as suas.

Nosso Pai Celeste colocou Adão e Eva na terra com o propósito de ensinar-lhes como voltar a sua presença. Nosso Pai prometeu-lhes que um Salvador viria redimi-los de sua condição decaída. Deu-lhes o plano de salvação e ordenou-lhes que ensinassem aos filhos fé em Jesus Cristo e arrependimento. Além disso, Adão e sua posteridade receberam mandamento de Deus de se batizarem, receberem o Espírito Santo e entrarem na ordem do Filho de Deus.

Esse entrar na ordem do Filho de Deus é o equivalente, hoje, a entrar na plenitude do Sacerdócio de Melquisedeque, plenitude esta que só se recebe na Casa do Senhor.

Ide ao templo, à casa de nosso Pai, para receber as bênçãos de vossos pais, que vos darão direito às bênçãos supremas do sacerdócio.

Templo de Papeete, Tahiti

Tendo cumprido esses requisitos, Deus disse a Adão e Eva: "Tu és segundo a ordem daquele que foi sem princípio de dias e sem fim de anos, de toda a eternidade para toda a eternidade." (Moisés 6:67.)

Três anos antes da morte de Adão, houve um importante evento. Ele levou seu filho Sete, seu neto Enos e outros sumos sacerdotes que eram seus descendentes diretos, e mais outros de sua posteridade justa, para o vale chamado de Adam-ondi-Ahman. E nesse vale, Adão deu sua última bênção a seus descendentes justos.

Então, apareceu-lhes o Senhor.

A imensa congregação levantou-se e bendisse Adão, e o chamou de Miguel, o príncipe e arcanjo. O Senhor, pessoalmente, declarou que Adão era príncipe para sempre sobre sua posteridade.

Então o idoso Adão se levantou e, tomado pelo espírito de profecia, predisse "tudo o que haveria de acontecer a sua posteridade até a última geração". Tudo isto está registrado na seção 107, de Doutrina & Convênios. (Ver os vers. 53-56.)

Diz o Profeta Joseph Smith que Adão abençoou sua posteridade, porque "queria levá-la à presença de Deus". (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 154.)

Eis uma passagem esclarecedora da

Seção 107, de Doutrina e Convênios, que nos informa como Adão foi capaz de levar a si próprio e sua posteridade justa à presença de Deus:

"Essa ordem foi instituída nos dias de Adão, e desceu por linhagem... (a fim) de que sua posteridade (fosse) *a escolhida do Senhor* e... *preservada* até o *fim da terra.*" (D&C 107:40-42; grifo nosso.)

Como, pois, Adão levou seus descendentes à presença do Senhor?

Resposta: Adão e seus descendentes entraram na ordem sacerdotal de Deus. Hoje diríamos que foram à Casa do Senhor e receberam suas bênçãos.

A ordem do sacerdócio de que falam as escrituras é, às vezes, chamada de ordem patriarcal por ter sido transmitida de pai para filho.

Na revelação moderna, porém, esta ordem é descrita como a ordem do governo familiar, pela qual um homem e uma mulher celebram um convênio com Deus, exatamente, como fizeram Adão e Eva, de serem selados para a eternidade, terem progénie e fazerem a vontade e a obra de Deus durante o período de mortalidade.

Sendo fiéis aos convênios, o casal tem direito à bênção do supremo grau do reino celestial. Hoje, esses convênios só podem ser feitos na Casa do Senhor.

Adão foi fiel a essa ordem e levou sua posteridade à presença de Deus. Ele é o grande exemplo que devemos seguir.

Enoque seguiu o mesmo caminho e levou os santos de sua época à presença de Deus.

Noé e seu filho Sem seguiram igualmente, após o dilúvio, esse mesmo caminho.

Abraão, um servo justo de Deus, desejando conforme diz "ser um maior seguidor da justiça", buscou obter essas mesmas bênçãos. Falando da ordem do sacerdócio, diz ele: "Isto me foi conferido pelos patriarcas; descendeu dos patriarcas desde o começo do tempo... até mesmo o direito do primogênito, sobre o primeiro homem, que é Adão, nosso primeiro pai; e por meio dos patriarcas até mim." (Abraão 1:2-3.)

Assim declarou Abraão: "Procurei minha designação para o sacerdócio, de acordo com a designação de Deus aos patriarcas." (Abraão 1:4.)

Moisés ensinou essa ordem do sacerdócio a seu povo e "procurou diligentemente santificar seu povo para que pudessem ver o rosto de Deus;

"Mas eles endureceram os seus corações e não puderam suportar a sua presença; portanto, o Senhor, na sua cólera, pois a sua ira estava acesa contra eles, jurou que, enquanto no deserto, eles não entrariam para o seu descanso, o qual é a plenitude da sua glória.

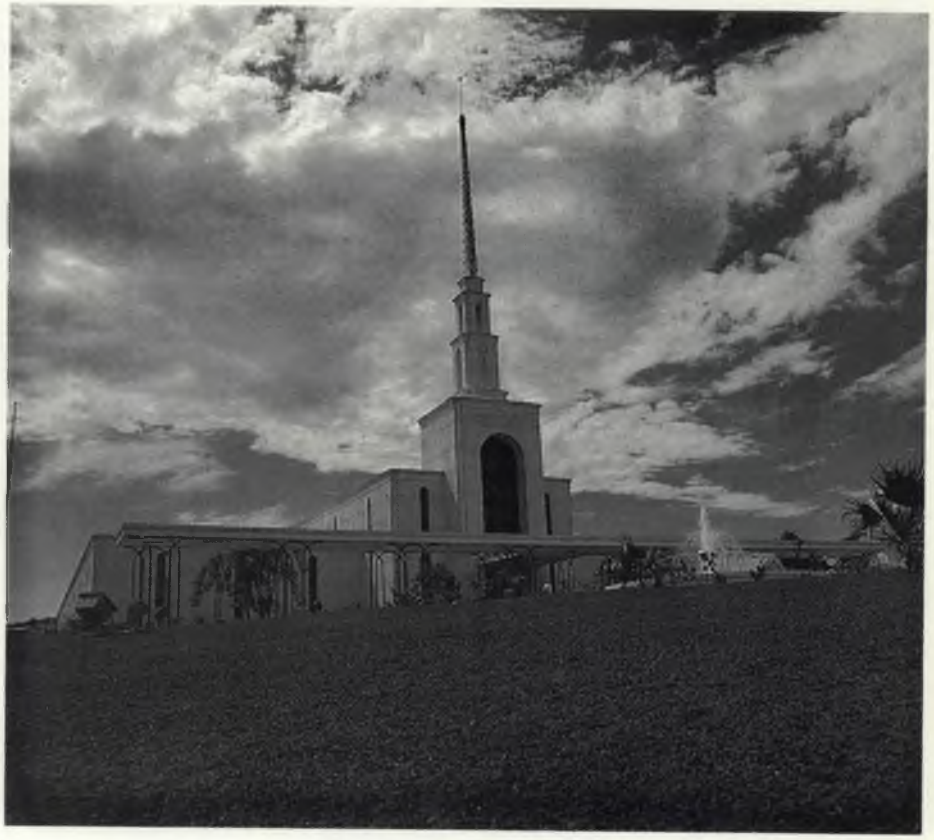
"Portanto, tirou de seu meio Moisés, e também o santo sacerdócio." (D&C 84: 23-25.)

Pela tradução da Bíblia feita por Joseph Smith, vemos que o primeiro versículo de Êxodo 34 diz mais: "Tirarei o sacerdócio de seu meio; *portanto minha santa ordem*, e suas ordenanças." (Grifo nosso.)

O povo de Israel foi privado desse sacerdócio maior e suas ordenanças até a época de Jesus Cristo.

Mencionei esses antecedentes para mostrar que esta ordem do sacerdócio existiu desde o princípio, e é o único meio de algum dia contemplarmos a face de Deus e viver. (Ver D&C 84:22.)

Entre as épocas de Moisés e de Cristo, apenas uns poucos profetas tiveram direito ao sacerdócio maior e às bênçãos



Templo de São Paulo, Brasil

capazes de levar o homem à presença de Deus. Um deles foi Elias.

Elias retinha as chaves do poder selador e realizou muitos grandes milagres em seus dias. Ele tinha poder para selar os céus, levantar os mortos, aliviar a terra assolada pela seca e invocar fogo dos céus.

Segundo o Profeta Joseph Smith, foi o último profeta a portar as chaves do sacerdócio. Ele foi transladado e elevado aos céus sem provar a morte.

Como ser transladado, ele restaurou as chaves do sacerdócio aos apóstolos presidentes do Salvador, Pedro, Tiago e João, no Monte da Transfiguração. No espaço de uma geração, entretanto, a Igreja foi destruída por uma grande apostasia, e as bênçãos do sacerdócio foram tiradas da terra.

Houve necessidade de uma nova dispensação dos céus para restaurar esta bênção em nossos dias.

É significativo que a primeira revelação concedida em 1823, que consta como seção 2 em Doutrina & Convênios, faça esta promessa referente ao sacerdócio:

"Eis que vos revelarei o sacerdócio pela mão do Profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor.

"E ele plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e os corações dos filhos se voltarão aos pais.

"Se assim não fosse, toda a terra seria totalmente destruída na sua vinda." (D&C 2:1-3.)

Que sacerdócio Elias haveria de revelar? João Batista restaurou as chaves do Sacerdócio Aarônico. Pedro, Tiago e João restauraram as chaves do reino de Deus. Para que enviar Elias?

"Porque ele tem as chaves da autoridade para administrar *todas as ordenanças* do sacerdócio", quer dizer, o poder selador. (*Ensinamentos*, p. 168.) Assim diz o Profeta Joseph Smith!

E diz mais que essas chaves são as "revelações, ordenanças, oráculos, poderes e investiduras da *plenitude do Sacerdócio de Melquisedeque* e do reino de Deus na terra". (*Ensinamentos,* p. 328; grifo nosso.)

Mesmo depois de haverem sido restaurados à terra o Sacerdócio Aarônico e o Sacerdócio de Melquisedeque, o Senhor instruiu os santos a edificarem um templo para receberem as chaves pelas quais essa ordem do sacerdócio pudesse ser ministrada novamente na terra, "pois não (havia) lugar nenhum na terra em que ele possa vir para vos restaurar outra vez aquilo que se perdeu... *mesmo a plenitude do sacerdócio*". (D&C 124:28; grifo nosso.)

E diz novamente o Profeta Joseph Smith: "Se um homem recebe a plenitude do sacerdócio de Deus, deve obtê-la da mesma forma que Jesus Cristo a alcançou, isto é: guardando todos os mandamentos e obedecendo a todas as ordenanças da casa do Senhor." (*Ensinamentos*, p. 300.)

Então, a 3 de abril de 1836, o Senhor Jesus Cristo e três outros seres celestiais apareceram nesse templo santo. Um dos mensageiros celestes era Elias, a quem o Senhor, conforme declarou, confiara "as chaves do poder para conversão dos corações dos pais aos filhos, e os corações dos filhos aos pais, para que toda a terra não (fosse) ferida com maldição". (D&C 27:9.)

Elias trouxe as chaves do poder selador, do poder que *sela* um homem a sua mulher e *sela* sua posteridade a eles para sempre, que *sela* a eles seus antepassados remontando até Adão. Esse é o poder e ordem que Elias revelou; a *mesma ordem* do sacerdócio que Deus conferiu a Adão e todos os antigos patriarcas que o seguiram.

E é por isso que o Senhor disse ao Profeta Joseph Smith: "Pois na verdade vos digo que dos pais desceram as chaves da dispensação, que recebestes e, por último a vós foram enviadas do céu." (D&C 112:32.)

Numa revelação posterior, o Senhor explica:

"Na glória celestial há três céus ou graus;

"E para obter o grau mais elevado, o homem precisa entrar *nesta ordem do sacerdócio* (significando o novo e eterno convênio do casamento);

"E, se não, não poderá obtê-lo.

"Poderá entrar no outro, mas esse será o fim do seu reino; ele não poderá ter progênie." (D&C 131:1-4; grifo nosso.)

Quando nossos filhos obedecem ao Senhor e vão ao templo para receber suas bênçãos e fazer o convênio do casamento, entram na *mesma ordem do sacerdócio* que Deus instituiu no princípio com Pai Adão.

Esta ordem lhes dá direito às mesmas bênçãos de Abraão, de quem o Senhor diz que "entrou para a sua exaltação e se assenta em seu trono". (D&C 132:29.)

E depois acrescenta, significativamente: "Esta promessa é tua também, porque és de Abraão." (D&C 132:31.)

Por isso, volto a destacar: "Nessa ordem do sacerdócio, só se entra cumprindo todos os mandamentos de Deus e buscando as bênçãos dos pais, como fez Abraão indo para a casa de nosso Pai. Elas não são recebidas em nenhum outro lugar na terra!

Espero que ensineis esta verdade sobre o templo a vossos filhos e netos. Ide ao templo, à casa de nosso Pai, para receber as bênçãos e vossos pais que vos darão direito às bênçãos supremas do sacerdócio. "Pois, sem isto, nenhum homem pode vêr o rosto de Deus, o Pai, e viver." (D&C 84:22.)

A casa de nosso Pai é uma *casa de ordem*. Nós vamos à casa *dele* para entrar na ordem do sacerdócio que nos dá direito a tudo o que o Pai tem, se formos fiéis. Pois, conforme o Senhor revelou nos tempos modernos, a semente de Abraão são "herdeiros legais" do sacerdócio. (Ver D&C 86:8-11.)

Agora gostaria de dizer uma coisa a todos os que são dignos de entrar na Casa do Senhor. Quando fordes ao templo e efetuardes as ordenanças pertencentes à Casa do Senhor, fareis jus a certas bênçãos:

- Recebereis o espírito de Elias, o qual voltará vosso coração para vosso cônjuge, vossos filhos e vossos antepassados.
- Amareis vossa família com um afeto mais profundo do que amastes antes.
- Vosso coração se voltará para vossos pais, e o deles a vós.
- Sereis investidos com poder do alto, como o Senhor prometeu.
- Recebereis a chave do conhecimento de Deus. (Ver D&C 84:19.) Aprendereis como podeis ser como ele é. Até mesmo o poder de divindade manifestar-se-á em vós. (Ver D&C 84:20.)
- Estareis prestando um grande serviço aos que já passaram para o outro lado do véu, para que possam ser "julgados segundo os homens na carne, mas... possam viver segundo Deus no espírito". (D&C 138:34.)

Estas são as bênçãos do templo e de se ir freqüentemente ao templo.

Por isso, eu digo: Deus abençoe Israel! Deus abençoe nossos antepassados que edificaram os santos templos. Deus nos abençoe, para que ensinemos a nossos filhos e netos que grandes bênçãos os aguardam, se forem ao templo. Deus nos abençoe, para que recebamos todas as bênçãos reveladas *por Elias, o profeta* confirmando nosso chamado e eleição.

Testifico-vos, com toda minha alma, a veracidade desta mensagem e oro que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó abençoe a Israel moderna com o desejo irresistível de buscar todas as bênçãos dos pais na Casa de nosso Pai Celeste. ■

Extraído do discurso proferido no Centenário do Templo de Logan (Utah), em maio de 1984.

PREPARADOS PARA A OBRA

Nina Hull

Um casal missionário descobre que todos os talentos, experiências e habilidades acumulados durante a vida, são úteis na obra missionária.

Desde criança, sempre tive um grande desejo de cumprir missão. Mas, como me casei muito jovem, deixei o sonho de lado, enquanto criávamos nossos filhos, esperando que meu marido, Ben, e eu pudéssemos ser chamados numa outra época.

Entretanto, o antigo sonho pareceu destruído, quando Ben, aos cinqüenta e quatro anos, sofreu um ataque, que o privou da capacidade de falar, escrever ou ler, e paralisou-lhe o lado esquerdo. Apesar de uma recuperação milagrosa pelo poder do sacerdócio, ele continuava fisicamente prejudicado em muitos sentidos, quando o bispo nos chamou, doze anos mais tarde, para entrevistar-nos para uma missão. O ataque prejudicara sensivelmente a fala de meu marido, de modo que tinha dificuldade em se comunicar com qualquer pessoa fora do círculo familiar. Não conseguia pronunciar as palavras claramente e nunca mais pudera orar em voz alta ou mesmo abençoar os alimentos.

Seu braço esquerdo havia sido amputado; a perna direita inchava e doía a maior parte do tempo e, sob tensão, havia a probabilidade de sofrer um outro ataque.

Além de tudo isso, nossa renda era pequena, tão pequena e inadequada como nós nos sentíamos. Mas não tivemos qualquer dúvida quanto a aceitar o chamado. Ben sentia que, se o Senhor precisava dele ou o queria, isso era o suficiente.

O presidente de nossa estaca tinha algumas dúvidas quanto a enviar os papéis aos escritórios da Igreja, mas o conselho do Departamento Missionário foi: "Envie os papéis, e deixe que as autoridades tomem a decisão." Orei fervorosamente para que existisse um lugar adequado

Organizamos os programas para jovens, e usávamos as palestras missionárias como lições. Em todas as reuniões, servíamos um lanche. E logo o ramo começou a crescer.

Ilustrado por Dilleen Marsh

A confusão e o cheiro não pareciam incomodar-me, enquanto limpava o pequeno "trailer". Eu estava ajudando uma filha de Deus.

onde pudéssemos ajudar na edificação do reino. Algumas semanas mais tarde, quando chegou o chamado para servirmos no sudeste dos Estados Unidos, minha alegria foi total. Sabia, sem sombra de dúvida, que minhas orações haviam sido respondidas.

Nosso discurso de despedida, na ala, foi um desafio para meu marido. Tentei auxiliá-lo com um discurso pequeno, mas ele não o conseguiu memorizar. Horas antes da reunião, solicitou uma bênção especial do sacerdócio. Na reunião sacramental, ele falou cerca de dez minutos com relativa facilidade, tendo o bispo afirmado à congregação que haviam acabado de testemunhar um milagre.

Experimentamos a alegria de um segundo milagre, quando nos ajoelhamos em oração em nossa primeira noite na casa da missão. Pela primeira vez, em doze anos, Ben foi capaz de proferir a oração familiar.

Fomos designados para um pequeno ramo, com cerca de sessenta membros, sendo que a maioria deles era inativa. No primeiro domingo, Ben e o presidente do ramo foram os únicos presentes à reunião do sacerdócio. Quatorze pessoas compareceram à Escola Dominical e à reunião sacramental. Entretanto, foi maravilhoso ver meu marido mais uma vez abençoar o sacramento e proferir a primeira oração. Como a maioria dos missionários, creio eu, enfrentamos nossa designação com alguma ansiedade: Como seríamos recebidos, tanto pelos membros quanto pelos não-membros? Seríamos capazes de dar uma contribuição valiosa? O Senhor ficaria satisfeito com nossos esforços? Mas, assim que lá chegamos, descobrimos que as pessoas são as mesmas em todo lugar. Quando percebemos que nossa experiência anterior na Igreja, no trabalho, em casa, como pais, — tudo o que havíamos feito — fazia com que tivéssemos muita coisa em comum com as pessoas que estávamos conhecendo, nossas ansiedades se acalmaram e começamos a nos integrar.

Iniciamos o trabalho visitando todos os membros registrados no ramo e tentando incentivá-los a se tornarem ativos. Não foi fácil. Estavam espalhados em muitas direções, morando em estradinhas que não tinham placas de identificação ou nome. Alguns haviam perdido contato com a Igreja havia anos, e todos os domingos esperávamos ansiosamente as pessoas que havíamos visitado, mas apenas uns poucos apareceram.

O presidente do ramo estava desanimado e recomendou o fechamento da unidade. Sabíamos que, se isso acontecesse, todas as pessoas inativas ficariam perdidas, e o evangelho cessaria de ser divulgado naquela área. O bispo, sob cuja liderança o ramo funcionava, convocou uma reunião na qual apresentou duas alternativas: fechar o ramo ou apoiar Ben como presidente e fazer mais uma tentativa. Ben foi apoiado e designado.

Esta foi uma experiência muito tocante para nós. Com tantos obstáculos pelo caminho, havia apenas uma coisa a fazer: Confiar plenamente no Pai Celestial, orando por sua ajuda e orientação, e trabalhar com toda nossa capacidade. Noite após noite, Ben pedia forças, sabedoria e orientação ao Senhor, geralmente orando na capela silenciosa que ficava ao lado dos dois cômodos nos quais vivíamos e dávamos as aulas aos domingos. Certa noite ele voltou da capela e disse: "Acho que tenho a resposta. É através dos jovens que o ramo vai crescer.

Foi neste ponto que as coisas começaram a acontecer. Ensinamos o evangelho a uma menina de treze anos, que foi batizada. Ela trouxe suas amizades. Tenho certeza de que ela nos foi enviada. Organizamos os programas para jovens, e em todas as reuniões, servíamos um lanche na área de recreação que arrumamos no quintal. Usávamos as palestras missionárias como lições.

Então o Senhor nos enviou uma família de recém-conversos ativos — pai e mãe e três filhos — que se mudaram para aquela área. Isto nos deu mais uma criança para a Primária e dois adolescentes para a Mutual. Deu-me também uma conselheira (eu era presidente da Sociedade de Socorro), e Ben tinha agora um conselheiro para auxiliá-lo. O filho de dezesseis anos dessa nova família não aceitara o evangelho, não tendo sido

batizado, mas os jovens élderes trabalharam com ele, e logo se filiou à Igreja. Tínhamos então um sacerdote para abençoar o sacramento.

Quando organizamos um curso de genealogia, particularmente para um grupo de não-membros da cidade que fazia da pesquisa genealógica seu passatempo, suplicamos ao Pai Celestial que nos ajudasse a encontrar um professor. Ele nos enviou uma outra família, cuja esposa era especialista em genealogia. Ela concordou em dar o curso às terças-feiras. Era também excelente pianista e perita em trabalhos manuais, tornando-se uma grande conquista para o ramo. Seu marido foi chamado para presidente da Escola Dominical, e ganhamos mais uma criança para a Primária.

Por meio dessa família, soubemos de um jovem casal que sentia curiosidade a respeito da Igreja. Eles lecionavam na Escola Dominical de outra igreja, e ouviram tantos comentários negativos sobre os mórmons, que ficaram curiosos. Levamos os missionários até a casa deles para que lhes apresentassem as palestras, enquanto trabalhávamos com outra família. Essas duas famílias se tornaram ativas no ramo, fornecendo-nos um professor para a Escola Dominical, um secretário do ramo, uma professora da Sociedade de Socorro e outra criança para a Primária.

Nessa procura de famílias, ocorreu um caso típico. Durante meses, vínhamos orando para encontrar uma família SUD que, segundo nos haviam dito, morava na cidade. Certa manhã meu marido foi inspirado a perguntar a um funcionário do departamento de águas se conhecia alguém com aquele nome. "Claro, conheço sim", respondeu o homem, dizendo-nos onde trabalhava o membro "perdido". Ben descobriu o homem, que fora batizado havia muito tempo, mas estava inativo havia quatro anos. A esposa dele e seus três filhos freqüentavam outra igreja. Quando o convidamos para assistir às reuniões, ele relutou, pois fumava e gostava de beber. Mas Ben não desistiu. Procurou-o várias vezes no trabalho e assegurou-lhe que o amaríamos, mesmo que fumasse e bebesse. Visitamos a família e conseguimos que os meninos de oito e de treze anos voltassem para a Igreja. Logo esse irmão parou de fumar e beber, e sua família começou a freqüentar as reuniões fielmente. Seus dois filhos foram batizados. Meses mais tarde ele foi ordenado élder e tornou-se professor de nossa classe de pesquisadores.

Por meio de experiências como essa, o pequeno ramo cresceu. No final do ano, todas as auxiliares estavam plenamente organizadas e tínhamos uma freqüência média de cinqüenta pessoas na Escola Dominical e na reunião sacramental. No mês de maio seguinte, a sala estava sempre repleta e já não era suficiente, e começamos a procurar um novo lugar de reunião e um terreno para construir uma capela. Houve mais batismos, outras famílias mudaram-se para a área, e mais membros foram reativados. Em junho, o ramo tornou-se independente e foi escolhido um terreno para a capela. O primeiro irmão que o Senhor nos enviara alguns meses antes, tornou-se presidente do ramo.

Permanecemos na área durante mais dois meses, e então chegou a hora de nos mudarmos para outro lugar. Foi um dia muito triste. Tivéramos grande alegria ao servir ali, e aqueles irmãos e irmãs eram como nossa família. Os telefonemas e cartas amorosos que ainda recebemos de tempos em tempos, são uma fonte constante de alegria em nossa vida.

Uma das bênçãos especiais que recebemos na missão foi a capacidade de amar todo tipo de pessoas, não importando quem fossem ou qual fosse a situação em que se encontrassem.

Certo dia recebemos o telefonema de uma mulher alcoólatra. Ela se filiara à Igreja pouco depois do casamento, e fora uma professora ativa da Escola Dominical. Mas, quando a encontramos estava doente, vivendo num "trailer" de dois cômodos. Depois de levá-la para o hospital, resolvemos limpar o "trailer", onde ela e seus dois filhos, de onze e quinze anos, viviam em condições indescritíveis. Lavando pratos em meio a garrafas vazias de uísque; latas de cerveja e roupas sujas, com o sol batendo no teto de alumínio e o suor correndo-me pelo rosto, com baratas subindo-me pelas pernas e um cheiro quase insuportável no ar — percebi, de alguma forma, que tudo aquilo não tinha muita importância. Uma filha de Deus precisava de ajuda. E não me saía da cabeça esta escritura: "Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25:40.)

Trabalhamos com essa mulher durante dez meses, e os meninos começaram a freqüentar as reuniões da Igreja. Toda vez que a visitávamos, ela me abraçava e dizia o quanto me amava.

No segundo local de trabalho, fomos novamente designados a trabalhar com as muitas famílias inativas do ramo. Nos quatro meses de missão que nos restavam, visitamos cerca de sessenta e cinco dessas famílias, algumas delas várias vezes. Reativamos apenas umas dez dessas famílias, mas fizemos muitos amigos e tivemos experiências gratificantes. Esperávamos que as sementes que plantáramos acabariam brotando e crescendo.

Três batismos na véspera de nossa partida deram um belo fecho à nossa missão. Eram filhos de famílias em que apenas um dos pais era membro da Igreja, e ensinar-lhes o evangelho foi uma das maiores experiências espirituais de nossa missão. Durante as aulas, as crianças se mostravam tão atentas às nossas palavras, que me senti como se estivéssemos cercados de anjos. Havia muita gente no batismo, e novamente sentimos o Espirito com muita força em nosso meio. Depois chegou o momento das lágrimas, abraços e despedidas.

É notável e maravilhoso como o Senhor trabalha através de seres humanos fracos e simples como meu marido e eu, para realizar seus propósitos. Muitas vezes Ben dizia às pessoas: "Eu não faço muito. Minha mulher precisa falar a maior parte do tempo." Mas não é verdade. Apesar de sua deficiência, ele tinha talentos e qualificações muito especiais e necessários

ao nosso trabalho. Foi sua paciência, persistência, altruísmo e generosidade, sua fé, sua capacidade de se aproximar dos desventurados e reincidentes, que permitiu ao Senhor obrar através dele, fazendo-nos vencer as dificuldades encontradas em nossa missão. Refletindo sobre essa etapa de nossa vida, chegamos a uma conclusão importante e surpreendente: Todas as experiências da vida, mesmo as aparentemente corriqueiras, parecem ter feito parte da preparação para a nossa obra missionária. A experiência de muitos anos de Ben trabalhando com jovens escoteiros, na AMM e também na Escola Dominical, nos beneficiou muito. Sua experiência na organização e orientação de homens, no trabalho, também ajudou. Sua habilidade manual também demonstrou ser útil. As crianças o adoravam, porque sentiam que ele as amava demais e tinha facilidade para se relacionar com elas.

Comigo foi a mesma coisa. Quase todas as experiências que tive na vida parecem ter sido uma preparação para o trabalho que tive de fazer em minha missão. Fragmentos de sabedoria adquirida até mesmo na infância, meu treinamento em música e teatro, emprego de secretária, enfermagem, estudo de psicologia e trabalho num hospital de doentes mentais, meus conhecimentos de dona-de--casa, os anos da depressão, experiência no seminário, a criação de uma família numerosa, meus cargos na Igreja — tudo foi útil. É incrível pensar em como o Espírito do Senhor trouxe à luz muitos de meus recursos ocultos.

Resumindo, os dezoito meses que passamos no campo missionário foram uma experiência gloriosa. As bênçãos que recebemos, e as respostas às nossas orações — tanto no que se refere às necessidades pessoais quanto no que diz respeito à vida daqueles que procurávamos influenciar — foram em número demasiado grande para serem relatadas. O Senhor esteve conosco a cada passo do caminho, em todas as horas de cada dia. O amor e as experiências vividas com aquela gente boa e amável, nos proporcionaram alguns dos mais belos momentos de nossa vida. O doce relacionamento que tivemos com os jovens élderes também nos dá saudade. As maravilhosas conferências de zona, todos os meses, onde recebíamos força espiritual e inspiração, foram momentos inesquecíveis.

Eu diria aos casais que são tímidos e se julgam inadequados ou incapazes para uma missão: Se nós conseguimos, vocês também conseguirão. Sejam confiantes. Se tiverem vontade e confiarem no Senhor, ele lhes dará a força necessária. ■

USE SEUS TALENTOS:

Exemplos do Que Fizeram Alguns Casais Missionários

Vernon e Bertha Proctor

Os casais missionários realizam maravilhas, e o testemunho, conhecimento, experiência e sabedoria que possuem são virtualmente necessários, em todas as missões da Igreja. Onde quer que sirvam, a Igreja é fortalecida e os membros abençoados. Por exemplo:

Certo casal foi chamado a servir no Canadá. No primeiro domingo em que assistiram às reuniões, os dois se apresentaram. Ao fazê-lo, o élder referiu-se à esposa como "minha namorada há quarenta e um anos".

Naquela congregação, havia alguns casais que estavam passando por dificuldades conjugais, e tendo tido a oportunidade, nos meses seguintes, de observar o que realmente significava um casamento feliz, desejaram mudar de vida. Uma dessas pessoas disse, mais tarde, ao casal missionário: "Sabem por que foram enviados a esta missão? Para salvar nosso casamento."

Apenas com sua presença e demonstração de amor mútuo, conseguiram exercer uma influência maravilhosa.

Outro casal do norte da Califórnia foi chamado para servir na Bolívia. Numa

Um casal missionário recebeu a designação de supervisionar um projeto de canalização da água de uma fonte que ficava no alto de uma montanha.

pequena comunidade índia, as pessoas eram obrigadas a carregar água de uma fonte que ficava no alto de uma ladeira, a pouco menos de um quilômetro e meio de distância. Sendo muito cansativo carregar água dia após dia, de tão longe, havia sérios problemas de higiene.

O casal missionário recebeu a designação de supervisionar um projeto de canalização da água da fonte. O élder fez o projeto e organizou membros e não-membros em grupos de trabalho. Em poucas semanas, a comunidade havia cavado uma vala no solo rochoso do altiplano. Depois, colocaram uma tubulação de plástico na vala, ligando a fonte a uma torneira localizada no centro do lugarejo — a única torneira em toda a comunidade.

Todo o povo do lugar compareceu à inauguração da torneira. As pessoas que não eram da Igreja passaram a mostrar-se amigáveis e gratas pelo progresso, e o casal missionário, que se dedicara à tarefa de corpo e alma, comentou: "Esse foi o ponto alto de nossa missão."

Outro casal missionário foi chamado e designado para um ramo dos Estados Unidos com tão elevado índice de inatividade, que estava prestes a ser fechado. A Igreja tinha uma imagem muito negativa na área.

O élder era membro do Lions Clube (organização cívica que presta serviços à comunidade), em sua cidade, tendo servido como administrador municipal, além de ser um excelente hortelão. Assim, ele e a mulher entraram em contato com o Lions Clube local, tendo ele sido convidado a falar em uma de suas reuniões regulares. Na ocasião, explicou quem eram e por que estavam ali, mencionando também a necessidade de um local onde os membros pudessem reunir-se.

Após a reunião, os presentes se apresentaram, oferecendo-se para ajudar de todas as formas possíveis. Um deles publicou um artigo sobre os missionários no seu jornal, que tinha quinze mil assinantes. Também foram convidados a participar de uma entrevista na televisão, tendo oportunidade de responder a muitas perguntas sobre a Igreja e a genealogia.

Como o élder era perito em cultivo de hortaliças, ele usou seus conhecimentos para ativar membros afastados e interessar pessoas de fora na mensagem do evangelho. Conseguiu permissão para usar alguns acres de terra que preparou para o plantio, e depois convidou as pessoas a participarem do projeto. Cada um que respondeu ao seu chamado recebeu um pedaço de terra, aprendendo com ele como fazer uma horta. A colheita foi ótima, e todos disseram que aquela foi uma das melhores hortas que já haviam visto na região. Muitas portas se abriram aos missionários. Hoje o ramo prospera, e os membros já estão a caminho de ter sua própria capela.

Houve outro casal que levou um pequeno órgão eletrônico para uma das ilhas do Pacífico Sul. Usaram-no em suas reuniões, e como aquele era o único instrumento do tipo na ilha, as pessoas acorriam em grande número para ouvir o órgão e cantar acompanhadas por ele. Até mesmo membros de outras igrejas iam às reuniões SUD, porque desejavam cantar ao som de sua bela música.

Um outro casal foi chamado para Tonga. O élder era um perito optometrista, e levou seus instrumentos ópticos. Exercendo seus conhecimentos nesse campo, fez muitos amigos, não apenas para si mesmo, como para os futuros missionários.

Há centenas de experiências missionárias semelhantes, ilustrando como casais mais idosos e irmãs solteiras menos jovens podem pregar o evangelho e fortalecer a Igreja.

Pode acontecer que algumas pessoas em condições de cumprir missão se preocupem a respeito de sua capacidade de servir. Não temam. Vocês serão chamados por revelação, para irem aonde seus talentos, experiência, conhecimentos e sabedoria forem mais necessários.

Um casal levou um órgão para uma das ilhas do Pacífico Sul. Membros e pessoas de fora acorriam em grande número para ouvir o órgão e cantar acompanhados por ele.

Algumas pessoas mais velhas também poderão preocupar-se sobre como seus familiares se arranjarão em sua ausência. Não se preocupem; eles estão nas mãos do Senhor.

Venham servir como missionários. Sua família e vocês serão abençoados para sempre. ■

Vernon e Bertha Proctor serviram na Missão Peru Lima Norte. Atualmente são oficiantes do Templo de Lago Salgado e membros da Ala Bryan, Cidade do Lago Salgado.

PRIMEIRO O DÍZIMO

Mette Hansen Law

TEMPOS atrás, uma amiga me disse que achava melhor pagar todas as contas primeiro, *e depois* pagar o dízimo. Eu posso entender o que ela sentia: Sei como é difícil pagar as contas. Às vezes achamos que as dívidas jamais terão fim.

Muitos de nós, numa ou noutra vez, fomos tentados a pagar contas importantes antes do dízimo, com a intenção de atualizá-lo mais tarde, talvez no mês seguinte. Mas uma experiência que tive anos atrás, convenceu-me de que *nenhuma* desculpa é suficientemente boa para deixar o dízimo em segundo plano.

Na primavera de 1978, iniciei meu próprio negócio de composição tipográfica, na Dinamarca. De repente meus rendimentos dobraram, passando a ganhar muito mais do que quando era empregada. Fiz um orçamento e registrava tudo cuidadosamente em meus livros contábeis. Então tive a idéia de abrir uma conta bancária para o dízimo. Era, na verdade, uma poupança, mas chamei-a de conta do dízimo, achando que era uma idéia fantástica. Ao fim de alguns meses, fiquei chocada ao verificar o quanto a conta havia aumentado.

"Algum dia farei um cheque do valor total e o entregarei ao bispo", pensei. Mas, quanto mais a conta crescia, mais difícil se tornava preencher o cheque. Além disso, era divertido ver o dinheiro se multiplicar.

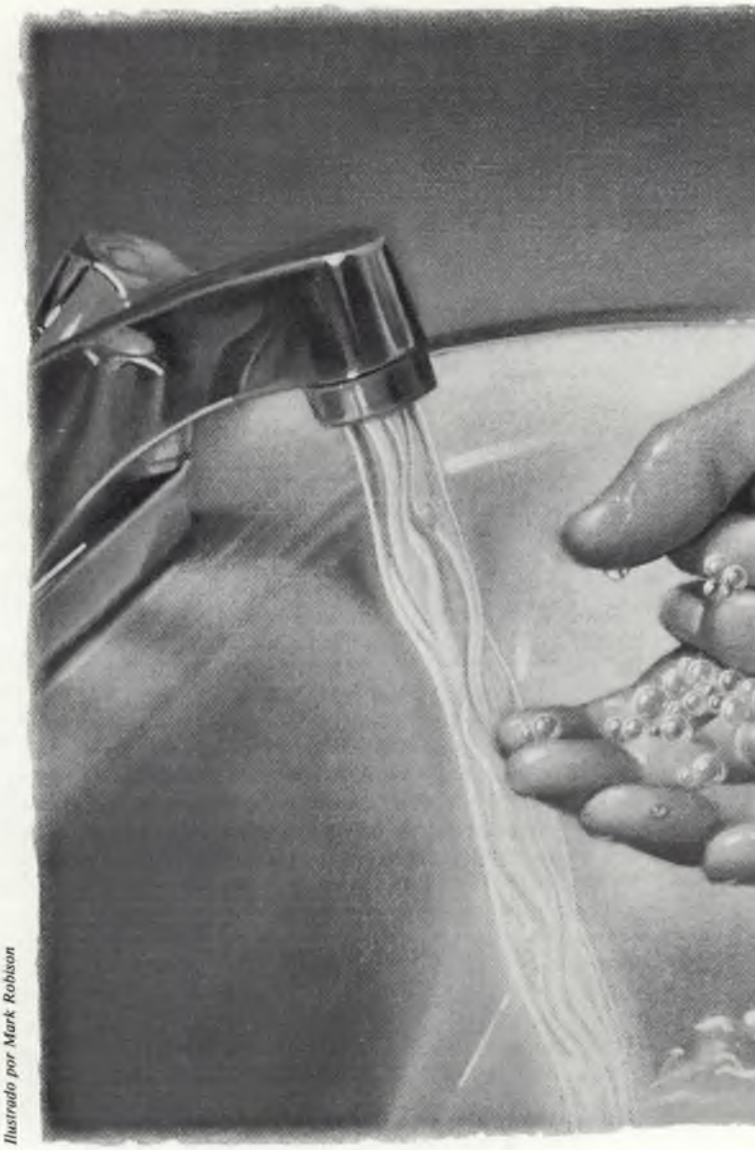
Após seis meses atarefados e cheios de dinheiro, as encomendas subitamente cessaram. Com o passar dos dias, sem receber novos trabalhos, comecei a ficar preocupada, vendo meu saldo bancário diminuir. "Bem", consolei-me, "se isto continuar, você poderá pedir emprestado à conta do dízimo."

Quando contei essa idéia a minha mãe, ela disse imediatamente: "Não toque no dinheiro que deve ao Senhor!" Minha mãe era uma pessoa muito forte, e mesmo depois de adulta, eu me sentia mal, caso não lhe obedecesse. Ela continuou: "Quanto mais cedo entregar o dinheiro do dízimo ao bispo, tanto melhor. Faça o cheque hoje, com o valor total, e entregue a ele."

Expliquei-lhe que o aluguel, a prestação do carro, os impostos, as contas de luz, água, gás estavam todos vencidos, e o único dinheiro que eu tinha era o da conta do dízimo. "Não importa", respondeu-me, "é melhor você pagar o dízimo hoje".

Embora a idéia não me agradasse, eu sabia que ela estava certa. Assim, fui diretamente ao banco. Nunca, em toda minha vida, me senti mais tentada do que naquele dia, a preencher o cheque em meu próprio nome, mas orei, pedindo ao Senhor que me desse forças.

Ainda assim, meu coração estava aflito, quando estendi o cheque ao bispo. Como poderia salvar meu negócio e minha casa, sem entrar dinheiro? Minha mãe disse: "Sua filha mais velha tem idade suficiente para jejuar conosco. Vamos orar e jejuar juntas durante vinte e quatro horas." E assim fizemos. Após o jejum, três dias se passaram sem que nada acontecesse. "Vamos repetir o jejum", resolveu mamãe. Jejuamos de novo e, no dia seguinte, o carteiro bateu à nossa porta com uma encomenda de um cliente novo, uma encomenda grande que me manteria ocupada todos os dias do mês seguinte. Lágrimas me vieram aos olhos, e juntamente com mamãe e minhas duas filhas, ajoelhei-me para agradecer a misericórdia do Senhor.



Ilustrado por Mark Robison

Embora o papel do manuscrito fosse limpo, minhas mãos pareciam sujas, assim que eu o tocava.

Mas então sucedeu uma coisa incomum. Toda vez que tentava codificar o trabalho no meu computador, dava errado. Tentei diversas vezes, mas o computador não aceitava os códigos, códigos que eu já usara centenas de vezes antes.

Senti que deveria orar sobre essa estranha experiência. Depois de orar, peguei o manuscrito e, subitamente, tive a sensação de que minhas mãos estavam sujas e gordurosas. Esfreguei as mãos e voltei a trabalhar no manuscrito. Assim que o toquei, tive novamente a mesma sensação de sujeira, embora o papel estivesse completamente limpo.

Nesse ponto estava tão perturbada, que comecei a chorar. Ajoelhei-me novamente e pedi ao Senhor que me auxiliasse. Quando terminei a oração, permaneci de joelhos durante algum tempo, e senti que deveria ler o manuscrito, não do início, mas começando pela última página.

Na ânsia de fazer aquele trabalho, nem pensara em lê-lo. Descobri tratar-se de um compêndio proposto para uso nos colégios de estado de toda a Dinamarca.

Começando a ler o livro de trás para a frente, fiquei chocada ao encontrar na penúltima página a pior blasfêmia contra Jesus Cristo que já vira. E o autor usara versículos da Bíblia para apoiar suas afirmações infamantes. Chorei pensando que milhares de jovens estudantes de todo o país que eu tanto amava, seriam expostos àquela blasfêmia.

Subitamente fiquei gelada. Uma voz dentro de mim falou: "Não faça esse trabalho, Mette. Você estará negando a Cristo, se continuar." Outra voz afirmou: "O livro será impresso de qualquer maneira, por você ou por outra pessoa. E você poderá pagar suas contas do mês, se fizer o trabalho."

Novamente precisei orar, pedindo forças. Acho que nunca orei tanto como naqueles dias. Depois telefonei ao impressor e lhe disse que sentia muito, mas não poderia aceitar o trabalho. Ele ficou surpreso e admitiu que não tivera tempo de ler o manuscrito. Perguntei-lhe se me permitia ler para ele a passagem ofensiva. Depois de ouvi-la, ele me perguntou se eu era uma pessoa religiosa. Expus-lhe brevemente meus antecedentes como membro da Igreja. Ele respeitou meu ponto de vista e pediu-me que devolvesse o manuscrito, a fim de oferecer o trabalho a outra pessoa. Pensei que, sem dúvida alguma, eu o perdera como cliente para sempre.

Mais uma vez minha mãe, minha filha e eu jejuamos e oramos. Quatro dias se passaram sem encomendas, sem trabalho. Durante aqueles dias terríveis, quase me arrependi de ter devolvido o manuscrito. Supliquei ao Senhor e até o acusei: "Como pôde abandonar-me agora? Paguei o dízimo que devia, recebi uma oferta de trabalho que me ajudaria, e recusei-a por causa de minha fé. Onde foi que errei? Por favor, ajuda-me." Até meus filhos perguntavam: "Mamãe, como podemos ir domingo à igreja, se o Senhor se recusa a nos ajudar?"

Então, no quinto dia, quando até minha mãe, tão firme, começava a duvidar, a campainha soou. O carteiro, lá fora, falou: "Tenho tanta coisa para a senhora, que vou precisar fazer duas viagens." Ele me trouxera oito grandes encomendas de diferentes clientes de diversas partes da Dinamarca, encomendas que eu levaria seis meses para terminar, mesmo se trabalhasse dia e noite.

Sentimos, verdadeiramente, que o Senhor abrira as janelas do céu para nós. Nunca mais fiquei sem trabalho. O impressor a quem eu devolvera aquele manuscrito, tornou-se um de meus melhores clientes.

Nunca mais minhas filhas e eu achamos ser difícil pagar o dízimo. De vez em quando, quando as coisas se tornam duras, sinto uma tentação, mas jamais poderia negar as bênçãos que o Senhor generosamente derramou sobre nós. Nem poderei esquecer a lição que ensinou: Pagar o dízimo é a prioridade máxima, quando recebemos algum dinheiro. ■

Mette Hansen Law, mãe de três filhos, é regente do coro de sua ala, na Cidade do Lago Salgado.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas como orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Por que dizemos que o Livro de Mórmon contém "a plenitude do evangelho" (D&C 20:9), uma vez que não apresenta alguns dos ensinamentos básicos da Igreja? Por que não inclui doutrinas como os três graus de glória, casamento para a eternidade, existência pré-mortal dos espíritos e batismo pelos mortos?

Daniel H. Ludlow, diretor do Comitê Correlacionado de Revisão.

O próprio Jesus Cristo definiu a palavra *evangelho* para os nefitas: "Eis que vos dei o meu evangelho, e este é o evangelho que vos dei: que vim ao mundo para fazer a vontade do Pai, porque ele me enviou." O Salvador então explanou os fatos ligados à Expiação, inclusive a necessidade do arrependimento, do batismo, do Espírito Santo e da perseverança final. (Ver 3 Néfi 27:13-22.)

Evangelho significa "boas-novas", as boas-novas, que Jesus Cristo nos trouxe, de retornarmos à presença de nosso Pai Celestial. Por meio de uma vida perfeita e sem pecado, e de seu sofrimento no Getsêmani e na cruz, Jesus Cristo expiou a transgressão original de Adão e Eva, possibilitando nossa redenção da morte espiritual, que é a conseqüência do pecado. Por sua expiação, que inclui a crucificação e a ressurreição, ele também nos salvou dos efeitos permanentes da morte física.

Além desses aspectos da Expiação, que se aplicam a toda a humanidade, as "boas-novas" também incluem o que devemos fazer para poder voltar à presença de Deus. Pedro mencionou alguns desses princípios no dia de Pentecostes, quando lhe perguntaram: "Que faremos, varões irmãos?" A resposta foi: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo; e recebereis o dom do Espírito Santo." (Atos 2:37-38.)

A resposta de Pedro assemelha-se à nossa 4ª Regra de Fé: "Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do evangelho são: primeiro, fé no Senhor Jesus Cristo; segundo, arrependimento; terceiro, batismo por imersão para remissão dos pecados; quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo."

Um dos melhores resumos do evangelho foi feito pelo Salvador aos nefitas:

"E nada que seja imundo pode entrar em seu reino; portanto, ninguém entra em seu repouso sem que tenha lavado suas vestes em meu sangue, em virtude da fé, do arrependimento de todos os seus pecados e de sua fidelidade até o fim.

O princípio do batismo foi ensinado no Livro de Mórmon. Outras ordenanças foram reveladas nos anos seguintes.

"E este é o mandamento: Arrependei-vos, todos vós, extremos da terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados pelo recebimento do Espírito Santo, para que possais comparecer sem mancha perante mim, no último dia.

"Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu evangelho; e sabeis o que deveis fazer em minha Igreja, pois as obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis, porque fareis aquilo que me vistes fazer." (3 Néfi 27:19-21.)

As coisas essenciais da "plenitude do evangelho" estão contidas neste breve pronunciamento do Livro de Mórmon, embora sejam também expostas com mais pormenores em toda essa escritura sagrada. Nestes versículos, o Livro de Mórmon salienta e explica, com muita clareza, a doutrina da Expiação e os princípios e ordenanças básicos do evangelho. (Ver muitas referências a esses tópicos no índice do Livro de Mórmon.) Se estes princípios e ordenanças forem observados, a pessoa poderá gozar da presença de Deus no reino celestial. Assim sendo, pode-se dizer, apropriadamente, que o Livro de Mórmon *contém a plenitude do evangelho* — as "boas-novas" embora não trate de todas as ordenanças necessárias à exaltação.

Agora, examinemos a segunda parte da pergunta: Por que o Livro de Mórmon não contém informações sobre todas as doutrinas da Igreja?

Um bom autor, ao preparar sua matéria, tem em mente uma audiência e um propósito. Assim, é importante entender os propósitos dos autores do Livro de Mórmon, a fim de compreendermos porque o livro contém o que contém, e por que não traz outras informações.

Os quatro principais autores (gravadores e/ou compiladores) do Livro de Mórmon são Néfi (124 páginas), Jacó (20 páginas), Mórmon (404 páginas), e Morôni (60 páginas). Os quatro foram testemunhas pessoais de Jesus Cristo. Néfi e Jacó foram visitados por Jesus Cristo, quando este ainda estava na pré-mortalidade (ver 2 Néfi 11: 2-3), e Mórmon e Morôni foram visitados pelo Senhor ressurreto. (Ver Mórmon 1:15; Éter 12:22-39.) Morôni também nos dá o testemunho do irmão de Jared a respeito

do Cristo pré-mortal. (Ver Éter 3:9-16.) Assim, os escritos desses quatro irmãos constituem um forte testemunho da divindade de Cristo.

Esses quatro autores indicam que o propósito principal de seus escritos é conduzir o povo a Cristo. Alguns deles também indicam que seus escritos se destinavam a servir como segunda testemunha dos ensinamentos da Bíblia (o "registro dos judeus"). Em *nenhum momento* afirmam que incluiriam *todos* os ensinamentos e ordenanças do evangelho. Na verdade, freqüentemente mencionam que incluirão apenas as coisas necessárias à fé em Cristo, ou aquelas que foram inspirados ou ordenados a escrever. (Ver 1 Néfi 19:2; 2 Néfi 28:2; 31:1; 32:7; Jacó 1:19; 3 Néfi 26:12; 30:1; Mórmon 5:9-13; 8:1; Éter 8:20; 13:13.) Como exemplo, observe as declarações a seguir desses quatro autores a respeito de seu conhecimento do Cristo:

Néfi:"Porque trabalhamos diligentemente para as escrever, a fim de persuadir nossos filhos e nossos irmãos a acreditarem em Cristo...

"E falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com as nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados." (2 Néfi 25:23, 26.)

Jacó: "Pois para esse fim escrevemos estas coisas: para que saibam (os leitores) que conhecíamos o Cristo e tínhamos esperança em sua glória muitos séculos antes de sua vinda; e não somente tínhamos essa esperança, mas, também, todos os santos profetas que viveram antes de nós." (Jacó 4:4.)

Mórmon: "Sabei que deveis chegar ao conhecimento de vossos pais, arrepender-vos de todos os vossos pecados e iniqüidades e crer em Jesus Cristo; que ele é o Filho de Deus...

"Portanto, arrependei-vos, e sede batizados em nome de Jesus e apegai-vos ao Evangelho de Cristo que vos será dado não somente nestes anais, mas também nos anais que chegarão aos gentios pelos judeus, os quais dos gentios virão a vós.

"Porquanto, eis que este registro (o Livro de Mórmon) é escrito com o propósito de que acrediteis naquele, (a Bíblia) e, se naquele acreditardes, neste também acreditareis; e, crendo, sabereis o que se passou com vossos pais, bem como os maravilhosos feitos que entre eles foram suscitados pelo poder de Deus." (Mórmon 7:5, 8-9.)

Morôni: "E exorto-vos a que recordeis estas coisas; ... pois me vereis no tribunal de Deus; e o Senhor Deus vos dirá: Não vos declarei minhas palavras, que foram escritas por este homem?...

"Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele...

"E, novamente, se pela graça de Deus vos aperfeiçoardes em Cristo, e não negardes o seu poder, então sereis santificados em Cristo, pela graça de Deus, por meio do sangue derramado por Cristo, segundo o convênio do Pai, para a remissão de vossos pecados, a fim de que vos torneis santos e sem mácula." (Morôni 10:27, 32-33.)

Esses quatro autores sabiam igualmente que seus escritos viriam à luz nos últimos dias, numa época de incredulidade, em que a verdadeira Igreja foi retirada da terra. (Ver 2 Néfi 25:3-23; 26:16-24; Jacó 4:4, 13-16; Mórmon 8:25-35; Morôni 10:24-34.) Portanto, seu propósito, declaradamente, era ajudar a conduzir as pessoas a Cristo e à verdadeira Igreja, e não prover todos os ensinamentos e ordenanças do evangelho, os quais poderíamos receber depois de nos tornarmos membros da Igreja.

Ao explicar o procedimento que adotou durante o resumo das placas, Mórmon menciona que não era possível registrar tudo: "Não posso escrever nem a centésima parte das coisas de meu povo." (Palavras de Mórmon 1:5.) Entretanto, ele, assim como os outros autores mais importantes das placas, foram fiéis à missão explícita de testificar de Jesus Cristo.

O Senhor afirmou que trabalha com seus filhos, informando-os "linha por linha, preceito por preceito, um pouco aqui e um pouco ali". (2 Néfi 28:30.) Conseqüentemente, até mesmo em 6 de abril de 1830, quando a Igreja foi restaurada nesta dispensação, muitas ordenanças que temos agora não foram dadas aos primeiros membros da Igreja. Por exemplo, as revelações contendo grande parte das informações sobre os tópicos mencionados na pergunta que deu origem a este artigo, não foram recebidas até uma época posterior:

1. A riqueza de informações sobre os três graus de glória, contida na seção 76 de Doutrina e Convênios, foi recebida somente a 16 de fevereiro de 1832.

2. Ensinamentos e importantes instruções referentes ao casamento para a eternidade, datam de maio de 1843 (seção 131) e julho de 1843 (seção 132).

3. Ensinamentos a respeito da existência pré-terrena dos espíritos não foram dados pelo Profeta Joseph Smith até bem depois do estabelecimento da Igreja. Alguns de seus pronunciamentos mais significativos sobre o assunto foram feitos na conferência de abril de 1844. (Ver *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, selecionados por Joseph Fielding Smith, pp. 333-353.)

4. Instruções sobre o batismo pelos mortos encontram-se primeiramente na seção 124 (janeiro de 1841) e nas seções 127 e 128 (setembro de 1842).

Quando Jesus Cristo esteve na terra, também aprendeu o evangelho "linha por linha": "E a princípio não recebeu a plenitude, mas continuou de graça em graça, até receber a plenitude;

E assim ele se chamou Filho de Deus, porque não recebeu a plenitude a princípio." (D&C 93:13-14.)

A respeito do princípio de se aprender linha por linha, preceito por preceito, disse o Senhor:

"E vos dou estas palavras, para que possais compreender e saber como adorar, e saber o que adorais, para que venhais ao Pai em meu nome, e no devido tempo recebais a sua plenitude...

"E nenhum homem receberá a plenitude, a não ser que guarde seus mandamentos." (D&C 93:19,27.)

Esses princípios são compatíveis com o conceito de um profeta vivo, o qual tem o direito de receber, pelo poder do Espírito Santo, o pensamento e a vontade do Senhor para os membros da verdadeira Igreja. (Ver D&C 68:4.) Esta idéia também está expressa na 9ª Regra de Fé: "Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o ele revela agora, e cremos que ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus."

Esses ensinamentos e doutrinas concordam com a declaração do Profeta Joseph Smith, de que os princípios do evangelho estão de acordo com as "Sagradas Escrituras e com o Livro de Mórmon, sendo o único caminho pelo qual o homem pode entrar no reino celestial." (Ver *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 18.) A plenitude do evangelho contida no Livro de Mórmon significa que ele encerra as instruções que uma pessoa precisa observar para ser digna de entrar na presença de Deus, no reino celestial. ■

Algumas passagens do Livro de Mórmon parecem indicar que existe apenas um Deus, e que ele é somente espírito. Como explicar isto?

Roy W. Doxey, assistente do escritório do Conselho dos Doze, e reitor emérito de Instrução Religiosa, Universidade Brigham Young.

Os leitores do Livro de Mórmon às vezes se preocupam com passagens que parecem contradizer a doutrina SUD da Trindade. Mas, quando examinamos essas passagens dentro de seu contexto, junto com os ensinamentos encontrados em todo o livro, descobrimos que o Livro de Mórmon realmente ensina que Deus, o Pai, seu Filho, Jesus Cristo, e o Espírito Santo são três seres distintos, e que o Pai e o Filho não são personagens de espírito.

Existe mais de um Deus? Esta questão é freqüentemente levantada diante do capítulo 11 de Alma, onde Zeezrom, um crítico, está contendendo com o missionário Amuleque:

"E Zeezrom era perito nos ardis do diabo para destruir o que era bom; portanto, disse a Amuleque: Responderás às perguntas que eu te fizer?

"E Amuleque disse-lhe: Sim, se forem segundo o Espírito do Senhor, que está em mim; pois que nada direi que seja contrário ao Espírito do Senhor. E disse-lhe Zeezrom: Eis que aqui estão seis ontis de prata; eu te darei todos, se negares a existência de um Ser Supremo...

"E Zeezrom disse-lhe: Dizes que existe um verdadeiro Deus vivente?

"E Amuleque respondeu: Sim, existe um verdadeiro Deus vivente.

"Disse então Zeezrom: Existe mais de um Deus?

"E ele respondeu: Não.

"E perguntou-lhe Zeezrom novamente: Como sabes estas coisas?

"E ele disse: Um anjo mas deu a conhecer." (Alma 11:21-22, 26-31.)

A fim de entendermos as respostas de Amuleque, precisamos examinar todo o contexto. Através de toda a sua história, muitos israelitas (antepassados dos nefitas) facilmente aceitavam os numerosos deuses pagãos dos egípcios e dos cananeus. Embora o Livro de Mórmon silencie sobre as idéias apóstatas específicas do povo da cidade de Zeezrom, Amoniah, é obvio que alguns apóstatas nefitas da época de Alma eram idólatras, como o haviam sido alguns de seus antepassados israelitas. Quando Alma, companheiro missionário de Amuleque, era juiz supremo e também sumo sacerdote da Igreja, ele ajudou a estabelecer um grupo firme e fiel de membros da Igreja. Não obstante, "aqueles que não pertenciam a sua igreja, entregavam-se à feitiçaria, à idolatria". (Alma 1:32.) A apostasia era um problema tão grave, que mais tarde Alma

renunciou ao cargo de juiz supremo, "para que ele mesmo pudesse ir entre seu povo, ou o povo de Néfi, pregar a palavra de Deus". (Alma 4:19.)

Como missionário, Alma verificou que muita gente estava afundada na idolatria. Viu, por exemplo, que os habitantes da cidade de Zoram "estavam pervertendo os caminhos do Senhor e... Zoram, que era seu chefe, estava induzindo o povo a adorar ídolos mudos". (Alma 31:1.)

É este, portanto, o contexto da discussão de Alma e Amuleque com Zeezrom. À vista disso, a resposta de Amuleque é perfeitamente compreensível e, naturalmente, correta: Existe um único "verdadeiro Deus vivente" que não divide sua divindade com as hostes de falsos deuses inventados pelos homens.

Sem dúvida alguma, Amuleque sabia que há três personagens distintos na Trindade, e que eles são um em propósito. O próprio Amuleque declarou a Zeezrom que, no devido tempo, todos seriam levados perante o tribunal de "Cristo, o Filho, e Deus, o Pai, e do Espírito Santo, que é um Eterno Deus". (Alma 11:44.) Como o Filho e o Espírito Santo são um em propósito, missão e glória, com o "verdadeiro Deus vivente", os três são, na realidade, "um Eterno Deus".

Após a discussão de Amuleque com Zeezrom, Alma, "vendo quê as palavras de Amuleque fizeram silenciar a Zeezrom, ... abriu a boca e começou a falar-lhe, confirmando as palavras de Amuleque e explicando as palavras das escrituras, muito além do que Amuleque havia feito". (Alma 12:1.) Ao explicar coisas "muito além" a Zeezrom, Alma esclarece o conceito da Trindade:

"Deus chamou os homens, *em nome de seu Filho,* (sendo este o plano de redenção que foi estabelecido), dizendo: Se vos arrependerdes e não endurecerdes vossos corações, então terei misericórdia de vós, *por intermédio de meu Filho Unigênito;*

"Portanto, todo aquele que se arrepender, e não endurecer o coração, terá direito à misericórdia, *por intermédio de meu Filho Unigênito*, para a remissão de seus pecados." (Alma 12:33-34; grifo nosso.)

Assim fica esclarecida a verdade de que Deus e seu Filho Unigênito são separados e distintos um do outro — e isto é encontrado na discussão de Alma e Amuleque com Zeezrom.

É interessante notar que as palavras de Amuleque sobre um "verdadeiro Deus vivente" se assemelham às proferidas por Paulo em contexto semelhante. "Sabemos que o ídolo nada é no mundo", dizia Paulo aos coríntios, "e que não há outro Deus, senão um só.

"Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores),

"Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele." (I Coríntios 8:4-6.) Como Amuleque, Paulo declarou que existe um só Deus — o Pai. Mas testificou também de divindade do Senhor Jesus Cristo.

A distinção entre o Pai e o Filho é claramente ilustrada num outro lugar do Livro de Mórmon. Por exemplo, imediatamente antes da aparição de Cristo aos nefitas, após sua ressurreição, o povo ouviu a voz do Pai, proclamando: "Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir." Então eles "elevaram outra vez seus olhares ao céu; e eis que viram um homem que descia": o Filho, Jesus Cristo. (Ver 3 Néfi 11:7-8.) Esta experiência assemelha-se aos relatos encontrados na Bíblia sobre o batismo e a transfiguração do Salvador, quando o Pai falou dos céus, reconhecendo seu Filho Amado, que estava na terra. (Ver Mateus 3:17; 17:5.)

A unidade de propósito da Trindade (a salvação do homem), também é ilustrada no Livro de Mórmon e na Bíblia. No Livro de Mórmon, o Cristo ressurreto orou:

"Pai, não te rogo pelo mundo, mas por aqueles que tu me deste do mundo, em virtude de sua fé, para que sejam purificados em mim e para que eu possa estar neles, como tu, Pai, estás em mim; para que sejamos um e eu seja glorificado neles." (3 Néfi 19:29.)

A Bíblia registra uma oração semelhante, proferida pelo Salvador durante seu ministério na Palestina. (Ver João 17:11, 21-22.) Em ambas as ocasiões, Jesus orava pela unidade de propósito de todos os discípulos, da mesma forma que o Pai e ele eram um em propósito, mas não em essência ou substância.

É o Filho de Deus o Pai Eterno? Zeezrom procurou confundir a questão, perguntando: "É o filho de Deus o mesmo Pai Eterno?

"Respondeu-lhe Amuleque: Sim, ele é o mesmo Pai Eterno dos céus, da terra e de todas as coisas que neles existem; é o começo e o fim, o primeiro e o último.

"E virá ao mundo para remir a seu povo; e tomará sobre si as faltas daqueles que acreditarem em seu nome." (Alma 11:38-40.)

O Livro de Mórmon deixa claro que, embora Jesus Cristo seja o Filho de Deus, há alguns aspectos, sob os quais ele é nosso Pai. De um modo ele é o Pai da terra, uma vez que a criou sob a direção do Pai. O Rei Benjamim declarou, por exemplo, que o Salvador "se chamará Jesus Cristo, o *Filho* de Deus, o *Pai* dos céus e da terra, o *Criador* de todas as coisas desde o princípio". (Mosiah 3:8; grifo nosso.)

Isto não é uma doutrina nova. Os profetas bíblicos também tesfiticaram que o Filho foi o Criador do céu e da terra, João prestou testemunho de que "todas as coisas foram feitas por ele; e sem ele nada do que foi feito se fez". (João 1:3.) Paulo declarou que, pelo Filho, "foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra". (Colossenses 1:16.) Mas também fica claro que o Filho agiu como representante do Pai; Paulo escreveu aos efésios sobre "Deus, que tudo criou por Jesus Cristo". (Efésios 3:9.)

Pintura de Arnold Friberg

O irmão de Jared viu o corpo espiritual do Cristo pré-mortal, uma pessoa separada e distinta.

Jesus Cristo é o Pai também em outro sentido. Para aqueles que aceitam o evangelho, ele se torna Pai por adoção e convênio nesse novo relacionamento. Abinadi faz alusão a isso, quando fala da *semente* de Jesus: os profetas e "quem ouvir a palavra dos profetas". (Ver Mosiah 15:10-13.) O Rei Benjamim também esclareceu esta relação: "Por causa do convênio que fizestes", disse ele a um grupo de nefitas arrependidos, "sereis chamados progênie de Cristo, filhos e filhas dele, pois eis que, neste dia, ele vos gerou espiritualmente; pois dizeis que vossos corações se transformaram pela fé em seu nome; portanto, nascestes dele e vos tornastes seus filhos e filhas". (Mosiah 5:7.) Assim, Jesus Cristo se transforma no Pai dos justos, através da adoção.

Jesus Cristo é também o Pai, porque o Pai Eterno lhe deu autoridade para representá-lo. O Cristo ressurreto ensinou aos nefitas que deveriam orar ao Pai em seu nome, porque ele e o Pai são um. (3 Néfi 20:31, 35.) Jesus também havia ensinado aos seus discípulos da Palestina, que "eu e o Pai somos um" (João 10:30); entretanto, declarou que "o Pai é maior do que eu" (João 14:28), e "eu vim em nome de meu Pai". (João 5:43.)

Deus é um espírito? Alguns leitores do Livro de Mórmon inquietam-se diante do fato de Deus, em duas passagens, ser chamado de "Grande Espírito". Aqui, também, é importante considerar as passagens em seu contexto.

Quando Amon ensinava o rei lamanita, Lamôni, perguntou: "Crês tu que há um Deus?

"E ele respondeu-lhe, dizendo: Não sei o que isso significa.

"E disse-lhe então Amon: Crês tu que há um Grande Espírito?

"E ele respondeu: Sim.

"E disse-lhe Amon: Este é Deus." (Alma 18:24-28.)

Em outra ocasião, quando o irmão de Amon, Aarão, instruía o pai de Lamôni, o rei disse: "É Deus aquele Grande Espírito que trouxe nossos pais da terra de Jerusalém?

"E disse-lhe Aarão: Sim, ele é o Grande Espírito que criou todas as coisas, tanto nos céus como na terra." (Alma 22:9-10.)

Nesses dois casos, Amon e Aarão simplesmente aceitaram a definição de Deus dada pelo rei até que pudessem ensinar aos soberanos uma base mais ampla da verdade, sobre a qual pudessem ir acrescentando informações mais profundas.

Mas estavam os missionários ensinando doutrina falsa? Não; aos reis foi ensinado que Jesus Cristo, o "Grande Espírito", era o criador de todas as coisas na terra e no céu. Como Jeová, o Jesus Cristo pré-mortal *era* um ser espiritual que, na época, podia ser corretamente chamado de Grande Espírito, o Criador de todas as coisas.

O Livro de Mórmon apresenta a doutrina da realidade física do Pai e do Filho, descartando qualquer noção de que eles são seres espirituais. Por exemplo, quando o irmão de Jared viu o corpo espiritual do Cristo pré-mortal, o Senhor lhe disse: "Vês que foste criado segundo minha própria imagem? Sim, todos os homens foram criados, no começo, à minha própria imagem.

"E eis que este corpo que agora vês é o corpo do meu espírito; e o homem foi por mim criado segundo o corpo do meu espírito; e assim como te apareço em espírito, aparecerei a meu povo na carne." (Éter 3:15-16.)

Dois milênios mais tarde, Jeová ingressou na vida terrena, unindo-se seu espírito ao corpo mortal, assumindo a imagem física de Deus, a mesma "forma segundo a qual o homem foi criado no princípio". (Mosiah 7:27.)

Quando o Cristo ressurreto apareceu a seus discípulos em Jerusalém e na América, convidou-os a meterem a mão no lado de seu corpo e a sentirem as marcas dos pregos nas mãos e nos pés. (Ver João 20:27; 3 Néfi 11:14.) Depois, ao final de sua visita aos nefitas, o *Senhor fisicamente ressurreto* disse: "E agora vou para o Pai." (3 Néfi 27:28.)

Embora o Livro de Mórmon seja um resumo, contendo nem mesmo "a centésima parte" do que poderia ter sido incluído (ver Palavras de Mórmon 1:5), ele contém a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo, inclusive a verdadeira doutrina da Trindade.

(N.T. — Na tradução portuguesa da Bíblia, de João Ferreira de Almeida, foi eliminado o final da passagem "por Jesus Cristo". Entretanto, em inglês, na Versão do Rei Tiago, encontramos "God, who created all things by Jesus Christ", que traduzido é "Deus, que tudo criou por Jesus Cristo".)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LIBERDADE PESSOAL

Robert M. Wilkes

EM minha rua, mora um menininho conhecido como o Rei da Calçada. Ele cruza a vizinhança num triciclo de corrida preto e dourado, de plástico, vivendo em seu próprio mundo de faz-de-conta e feitos heróicos. Um de seus divertimentos favoritos é dar marcha-à-ré até a parede de sua casa, e então — reunindo toda a força e energia que possui — atirar-se perigosamente para a rua. Depois, girando rapidamente o volante, ele pedala de volta. Os vizinhos não podem deixar de ouvi-lo.

Os pais do menino, compreendendo melhor do que ele os perigos envolvidos, advertiram-no e o avisaram. Não faz muito tempo, o pai achou necessário repreender severamente o filho, a fim de fazê-lo entender como era perigoso lançar-se assim no meio da rua. Correndo para casa, ele soluçava, dizendo aos pais: "Vocês só querem estragar a minha brincadeira!"

Para a cabecinha de uma criança de quatro anos, era isso exatamente o que parecia. Mas, oh, como ele estava errado!

Se não tocamos piano, gostamos de pensar que é porque não queremos. Na verdade, não tocamos porque não temos liberdade de fazê-lo.

Os pais não estavam tentando estragar sua brincadeira, mas sim tentando afastá-lo do perigo, talvez até da morte. Liberdade, para ele, era fazer o que queria, sem restrições ou interferência.

Conheci um outro garotinho que chegou da escola certo dia encontrou em casa um piano alugado. "Para que é este piano?" perguntou à mãe.

"É para você", replicou ela.

"Para mim?" ele quis saber. "Por que para mim?"

"Porque", respondeu ela, "você vai aprender a tocar piano".

Ele disse que não queria tomar aulas de piano. Mas a mãe já contratara uma professora.

Bem, esse menininho começou a faltar a algumas aulas. Um dia, a mãe lhe perguntou:

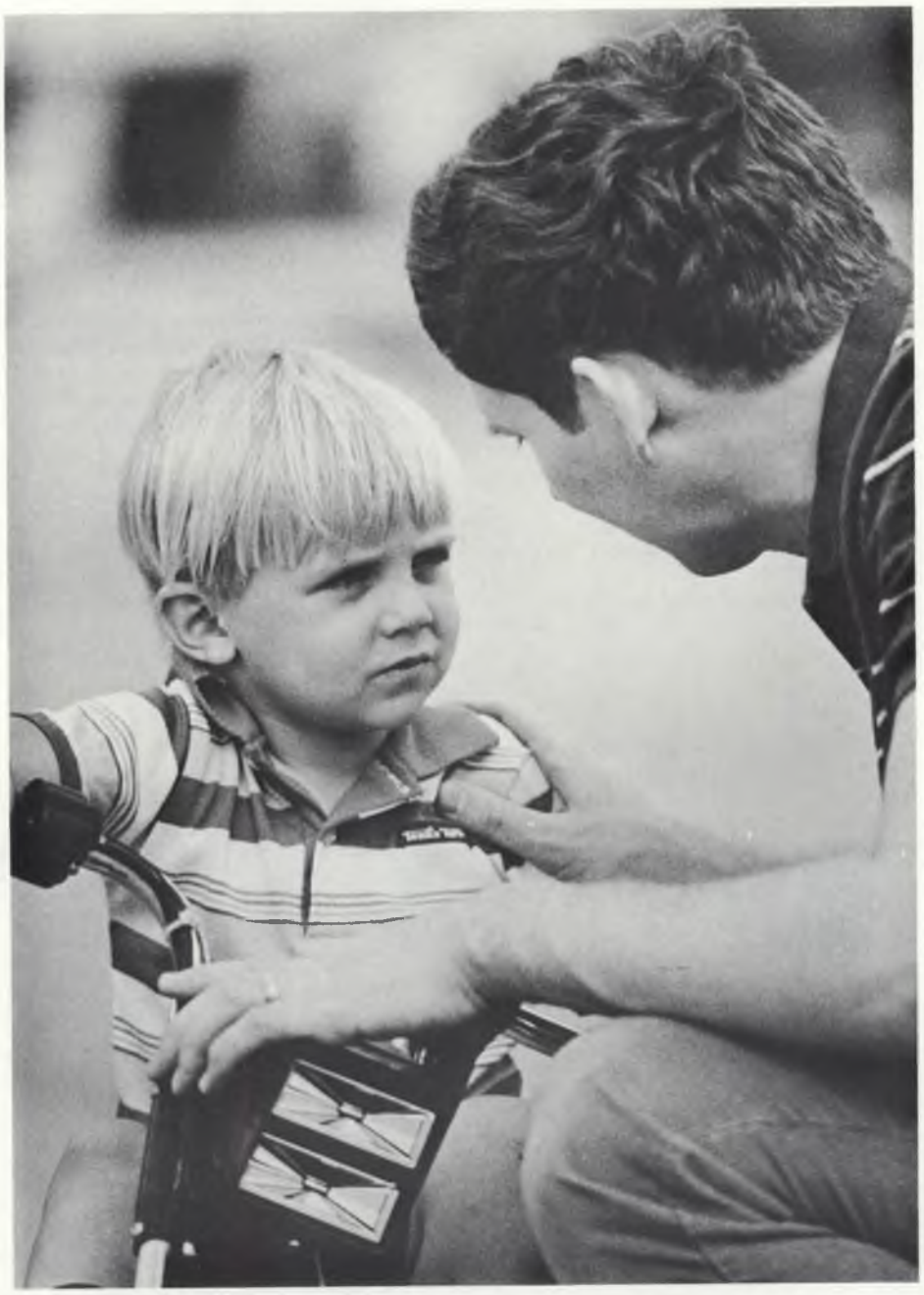
"Como foi a aula de piano?"

"Bem, vou indo muito bem."

"Que interessante", respondeu ela. "Acabo de falar com sua professora e ela disse que não tem visto você." Ele fora apanhado. Não sabia qual seria seu castigo, mas imaginava que seria duro. Então a mãe lhe disse: "Só por causa disso, você não poderá mais ter aulas de piano."

Ele tentou fazer cara triste, mas lá dentro estava muito feliz com a decisão da mãe. *Mamãe*, pensou ele, *você acertou em cheio no castigo perfeito. Espero que o use sempre.* Em seu coração, ele sentiu-se libertado. Estava livre do estudo, das aulas, da disciplina, da rotina, da organização, livre de tudo o que parecia limitar sua liberdade.

Uma criança de quatro anos não entende que, quando seus pais impõem regras, estão procurando afastá-la do perigo, e não estragar sua brincadeira.



Quando cresceu e se tornou homem, estava sentado, certo dia, numa reunião da Igreja, durante a qual uma senhora ia cantar um solo. Quando chegou o momento de se apresentar, ela se encaminhou para o púlpito e anunciou: "A pessoa que ia me acompanhar não pôde vir. Preciso de alguém que toque para mim." Passando os olhos pela congregação, viu um homem que ensinava piano. "O senhor poderia acompanhar-me?" perguntou. O homem se aproximou, e ela lhe estendeu a partitura musical.

Ao observar a cena, meu amigo que evitara as aulas de música, pensou: *O que eu teria feito, se ela me tivesse pedido? Caso acontecesse, eu teria liberdade de fazer apenas uma coisa: dizer não.* Subitamente, percebeu que o que considerara um dos momentos mais liberadores de sua vida — quando a mãe dissera que não mais teria aulas de piano, — fora, na verdade, um momento de escravidão, não de liberdade. Sentado naquela reunião da igreja, era o mesmo que estar algemado, pois não poderia tocar piano, por mais que quisesse. O outro homem era livre; poderia decidir se tocaria ou não. Em última análise, então,

a liberdade é mais uma questão de capacidade e habilidade do que de permissão.

Nós somos propensos demais a crer no mito de que somos livres para fazer o que desejamos. É verdade que muitos de nós tem liberdade para desenvolver qualquer aptidão ou habilidade que desejarmos; mas, até que a desenvolvamos, permanecemos escravos de nossa própria falta de capacidade. Mesmo em países de grande liberdade religiosa, temo que muitos vivam em escravidão. Tendo uma concepção errônea do princípio da liberdade, levamos uma vida de capacidade limitada e, portanto, de opções restritas. Dizemos a nós mesmos que a única razão de não estarmos fazendo certas coisas positivas e proveitosas é que não queremos. Se não tocamos piano, por exemplo, é porque não gostamos. Na verdade, não tocamos porque não temos liberdade de fazê-lo. Lembrem-se, se temos apenas uma opção — isto é, não tocar — não somos realmente livres.

A famosa passagem de 2 Néfi, que fala da "oposição", trata do tipo de liberdade à qual me estou referindo.

"Porque é necessário que haja uma oposição em todas as coisas. Pois, se assim não fosse... não haveria justiça nem maldade, nem santidade nem miséria, nem bem nem mal. Portanto, é preciso que todas as coisas sejam compostas em uma só; desse modo, se todas formassem um só corpo, haveria de estar como morto, não tendo nem vida nem morte, corrupção nem incorrupção, felicidade ou miséria, nem sensibilidade ou insensibilidade." (2 Néfi 2:11.)

Mais adiante, nesse mesmo capítulo, aprendemos a respeito da Queda e da Expiação, processos pelos quais a humanidade se tornou livre.

"Vede, portanto, que, se Adão não houvesse transgredido, não teria caído e teria permanecido no Jardim do Éden. E todas as coisas que foram criadas deveriam ter permanecido no mesmo estado em que estavam, depois de terem sido criadas; e assim deviam permanecer para sempre, sem ter fim.

"E não teriam tido filhos; portanto teriam permanecido num estado de inocência, não tendo alegria, por não haverem conhecido a miséria; não fazendo o bem, por não conhecer o pecado." (2 Néfi 2:22-23.)

Assim, a liberdade não é apenas estar livre *de* — livre de interferências, restrições, responsabilidades — embora, certamente, existam coisas das quais nos desejamos livrar. Mas a liberdade maior, a liberdade de Deus, é a liberdade de *fazer*.

Pergunte a si mesmo: "O que tenho liberdade de fazer?" No Jardim do Éden, Adão e Eva sabiam o que era estarem livres *de*. Eles estavam livres de qualquer desconforto e dor mortal. Mas tiveram de abandonar aquele local idílico, para entrar no mundo inóspito, a fim de terem a liberdade de *fazer*.

Diante das inúmeras oportunidades que temos, devemo-nos perguntar constantemente: "Que liberdade tenho hoje, que não tinha há um ano atrás? Que nova capacidade adquiri? Muitos de nós despendemos energias, fugindo da liberdade, ao invés de abraçá-la. Gostaria de dizer que, se você não estiver mais livre no final deste ano, se não tiver mais capacidade, então este ano não valeu a pena para você. Você está adquirindo liberdade para fazer o quê? Que novas opções terá? Lembre-se do que o Salvador disse a seus discípulos sobre a liberdade. "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (João 8:32.)

Com muita freqüência, também, a liberdade significa um acúmulo de carga. Às vezes desejamos escapar da carga, pensando que é nisso que está a liberdade. Anos atrás, subi com meu caminhão pelas montanhas, a fim de apanhar lenha, numa tarde de outono. A estrada que subia a encosta estava coberta de neve, e quanto mais eu me adiantava, mais profunda era a neve. Logo estava bem em cima, e a neve era muita. Desviei para o acostamento, e imediatamente fiquei atolado. Retirei várias toras que estavam em frente às rodas, mas nem assim o caminhão se moveu. Já estava escurecendo. "Talvez apareça alguém", pensei. "Enquanto espero, vou cortar um pouco de lenha." Logo estava com uma boa carga de lenha no caminhão, mas não aparecera ninguém. "Bem", pensei "é melhor começar a andar".

Antes, porém, decidi tentar mais uma vez para ver se conseguia tirar o caminhão de lá. Engatei a marcha, e, vagarosamente, mas sem dificuldade, voltei para a estrada. A carga de madeira havia fornecido tração ao caminhão. *O que ele não conseguia fazer vazio, fazia cheio.*

Não devemos andar por aí vazios. Geralmente gastamos muita energia tentando fugir de nossas cargas. É errado o conceito de que trabalho demais destrói nossa liberdade. Às vezes não é que temos demais para fazer, mas o contrário, isto é, de menos, não conseguindo, assim, nenhuma tração. Na verdade, a liberdade vem com a carga.

Muitas vezes, liberdade é negação. Quando eu estava crescendo, e meu pai me dizia que eu não podia fazer alguma coisa, ele se expressava de uma forma que eu não entendia na época, mas que aprecio muito agora: "Digo-lhe *não* uma vez, para poder dizer-lhe *sim* mil vezes."

Deus é o maior de todos os seres, e um dos motivos disto é ser o mais livre de todos os seres. E ele nos convida a nos tornarmos como ele é. Ocasionalmente é preciso que ele nos diga não. Mas nesse *não* isolado, podem estar implícitas mil oportunidades de dizer *sim*.

Que todos nós desenvolvamos o desejo de alcançar a liberdade que nos permite *fazer*. Que jamais nos esqueçamos de que a liberdade de não fazer nada pode ser, de todas as escravidões, a mais lamentável e dolorosa. Estamos aqui para devotar nossa energia à aquisição de aptidões e capacidades divinas. Que tenhamos a sabedoria de estender a mão e agarrar essa oportunidade com entusiasmo. ■

Robert M. Wilkes, encarregado do Departamento de Educação Recreativa do Ricks College, Rexburg, Idaho, é pai de seis filhos. Atualmente serve como presidente de estaca.

A missão é uma escola de doutrina do evangelho, mesmo uma escola de profetas.

A BÊNÇÃO DE COMPARTILHAR O EVANGELHO

Élder Carlos E. Asay

No Velho Testamento, lemos a respeito de uma ocasião em que o rei da Síria empreendeu uma guerra contra Israel. Por duas vezes o exército sírio estava em posição para um ataque de surpresa e uma vitória certa. Entretanto, essas vitórias não aconteceram. Eliseu, homem de Deus, avisou o rei de Israel e revelou o local do acampamento sírio.

Quando o rei da Síria descobriu que Eliseu era o causador de suas frustrações, enviou espiões para localizarem o profeta. Informaram-lhe eles que Eliseu se encontrava numa cidade chamada Dotã. Na calada da noite, ele enviou uma grande tropa de cavalos e muitos carros de guerra para cercar Dotã e seus habitantes, esperando capturar Eliseu.

Logo cedo, quando Eliseu e seu servo se levantaram, descobriram que estavam cercados pelos inimigos. O servo, amedrontado, exclamou: "Ai, meu senhor! que faremos?" Eliseu respondeu-lhe com voz confiante: "Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles." Então Eliseu orou e disse: "Senhor, peço-te que lhe *abras os olhos*, para que veja." Os olhos do jovem foram abertos e ele viu que "o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu". (Ver II Reis 6:8-18; grifo nosso.)

Há ocasiões, creio eu, em que os santos dos últimos dias (tanto jovens quanto velhos) criam temores a respeito do serviço missionário, temores que fazem perguntar: "Devo aceitar um chamado? Devo servir?" Eles, como o servo de Eliseu, têm uma visão limitada da obra; seus olhos ainda não foram abertos às perspectivas e bênçãos de servir a Deus e seus semelhantes em tempo integral. Assim, ficam de lado, imaginando se devem ou não envolver-se.

Assim como Eliseu orou por seu servo temeroso, eu também gostaria de orar por vocês e por todos os missionários em perspectiva, para que Deus lhes abra os olhos e possam captar o espírito do serviço missionário. Orar para que percebam nitidamente a necessidade de abraçar e de compartilhar a verdade, convidando todos os homens a virem a Cristo. Orar para que sintam a urgência do apelo do profeta, para que tenhamos mais missionários e para que vocês vislumbrem, como aconteceu com o servo de Eliseu, os poderes do céu investidos nesta obra.

O Profeta Alma ensinou que Deus concede "aos homens (e mulheres) segundo seu desejo". (Alma 29:4.) Este, creio eu, é um princípio verdadeiro. Se desejarmos alguma coisa com suficiente intensidade, colocando nesse desejo toda a nossa força, é bem provável que a obtenhamos, pois a *vontade* determinada de nossa parte movimenta as potências interiores e invoca a ajuda celestial.

Talvez seu desejo de servir aumente, compreendendo mais plenamente as bênçãos ligadas à obra missionária. Deus geralmente revela ao mesmo tempo mandamentos e bênçãos. Como exemplo, vemos que ele deu a Palavra de Sabedoria enumerando mandamentos, e, ao mesmo tempo, mencionou um número de bênçãos decorrentes da obediência a eles. Gostaria de falar-lhes de algumas das bênçãos associadas ao serviço missionário de tempo integral. Não posso enumerar todas, pois são tantas as bênçãos, que é impossível mencionar todas. Entretanto, citarei as que parecem ser mais comuns.

Antes de falar sobre essas bênçãos, permitam-me fazer uma pequena advertência. Num ponto crítico de seu ministério, o Profeta Joseph Smith foi admoestado a que não devia ter nenhum outro objetivo em vista na obtenção das placas, senão o de glorificar a Deus, e que não deveria ser influenciado por qualquer outro motivo senão o de construir seu reino. (Ver Joseph Smith 2:46.) Em outras palavras, o Profeta Joseph foi advertido quanto a motivos egoístas ao realizar a obra divina. O egoísmo contraria a vida e os ensinamentos do Salvador. Por outro lado, motivos altruístas dão pureza e inocência ao trabalho que convida o Espírito. Se nos perdermos abnegadamente nesse chamado divino, procurando apenas salvar almas, receberemos uma infinidade de bênçãos e

benefícios inesperados ao longo do caminho. Eis apenas alguns:

Alegria

Todos nós estamos familiarizados com esta escritura: "E, se acontecer que, se trabalhardes todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!" (D&C 18:15.)

Bem, neste contexto, a alegria não é um sentimento fugaz ou um prazer passageiro; é uma felicidade profunda e duradoura. O Presidente Heber J. Grant testificou: "(Eu) tive mais alegria enquanto estava no campo missionário do que jamais experimentara ou experimentei desde aí. O homem existe para que tenha alegria, e o que eu senti no campo missionário foi superior a qualquer coisa sentida em qualquer outra parte." (*Improvement Era,* outubro de 1936, p. 659.) Isto foi dito por um homem que havia viajado pelo mundo todo, e que participara de quase todas as fases de atividade, no evangelho.

Gostaria de que todos vocês lessem a respeito da alegria de Amon, quando ele refletiu sobre suas experiências missionárias. Entre outras coisas diz ele:"Meu gozo é completo; sim, meu coração transborda de alegria e me regozijo em meu Deus... Não posso expressar nem a mínima parte do que sinto." (Alma 26:11,16.) Alegria, alegria impossível de descrever!

Consciência Tranqüila

A consciência tranqüila produz um sentimento de calma e serenidade, característico de uma pessoa que fez a coisa certa, no momento certo, pelo motivo certo. Quando erramos ou ofendemos, o espírito se perturba. Quando fazemos o que é correto e bom, o espírito se aquieta. A consciência pode ser anuviada pela desobediência intencional, mas também pode tornar-se extremamente sensível ao Espírito, por meio da obediência intencional. Creio que todos nós podemos levar uma vida quase imaculada, se alimentarmos devidamente a voz da consciência.

Todos nós sabemos que se espera de cada santo dos últimos dias que participe da obra missionária, e que um profeta vivo fez um apelo para que tivéssemos mais missionários, inclusive o serviço de todo jovem digno. Esses fatos estão registrados em nossa mente e em nosso coração; sabemos que são verdadeiros. Portanto, não poderemos ter uma consciência tranqüila, a menos que obedeçamos a esse mandamento, atendamos ao chamado e sirvamos.

O Élder George Albert Smith ensinou que o cumprimento desse dever "conquistará uma paz e uma felicidade além de toda compreensão, preparando-nos para, no devido tempo, quando terminarmos nossa tarefa nesta vida, permanecermos na presença de nosso Criador, aceitos por ele por causa daquilo que fizemos". (Conference Report, abril de 1922, p. 53.)

Maior Conhecimento do Evangelho

Solicita-se aos missionários que estudem duas horas por dia: uma hora individualmente, e uma com o companheiro. Pelo simples fato de seguir o plano missionário aprovado pelo estudo do evangelho, o missionário lerá o Livro de Mórmon, o Novo Testamento, Doutrina & Convênios e partes do Velho

Seção Infantil

JOÃO BATISTA

Judy Stephan Smith

Certo dia, um sacerdote chamado Zacarias estava servindo no templo. Era um grande privilégio para o sacerdote poder entrar no lugar santo para queimar incenso no altar. A fumaça que subia representava as orações das pessoas sendo levadas até a presença de Deus. Durante centenas de anos, os judeus haviam orado e esperado a vinda do Messias, Jesus Cristo. Entretanto, ninguém sabia com exatidão quando é que ele viria.

Enquanto Zacarias cumpria sua tarefa, um anjo, enviado por Deus, apareceu diante dele e lhe transmitiu esta mensagem: "Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João.

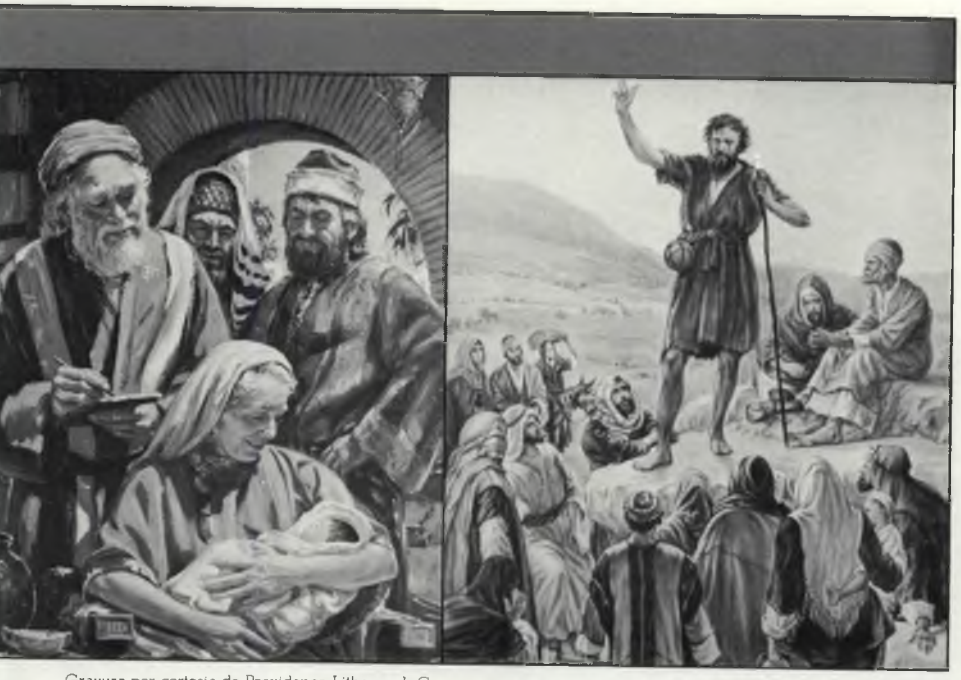
"...será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo."

Pintura de Harry Anderson

Então Zacarias ouviu esta boa notícia do anjo: "E irá adiante dele (do Senhor) no espírito e virtude de Elias... com o fim de preparar ao Senhor um povo." (Lucas 1:13, 15, 17.)

Como o coração de Zacarias deve ter-se rejubilado, ao compreender que Isabel, mesmo sendo idosa, teria um filho, e esse filho seria o precursor de Jesus Cristo!

Muitos obstáculos precisariam ser vencidos a fim de que o povo estivesse preparado para os ensinamentos do Salvador, quando ele viesse. Certos líderes religiosos daquela época, os fariseus e os



Gravura por cortesia de Providence Lithograph Co.

Gravura por cortesia de Providence Lithograph Co.

saduceus, amavam seu próprio poder e prestígio. Seguiam a lei de Moisés muito rigidamente, e obrigavam o povo a fazer o mesmo. Mas eles haviam-se esquecido do espírito da lei e da razão pela qual havia sido dada, ou seja, preparar o povo para a vinda do Salvador.

Quando os rumores de que um novo profeta estava ensinando e batizando o povo no Rio Jordão, chegaram aos ouvidos desses líderes religiosos, eles ficaram muito preocupados. Decidiram investigar e descobrir quem era aquele homem.

Quando os representantes dos líderes religiosos chegaram ao Rio Jordão, viram uma grande multidão reunida para ouvir as palavras desse novo profeta. João falava com grande poder e coragem. Dizia ao povo que o reino dos céus estava próximo. Insistia em que se arrependessem e fossem batizados para a remissão dos pecados. Ouvindo João pregar, muita gente se converteu e foi batizada.

Os fariseus e saduceus ouviram João e provavelmente se admiraram com sua maneira de vestir-se. Suas roupas, eram muito diferentes dos mantos macios e elegantes que eles usavam; eram feitas de pêlo e couro de camelo, apropriado para pessoas que vivem ao ar livre, em lugares desertos.

Embora João desejasse atrair esses líderes, não se preocupava com a própria aparência. Ele falava com confiança. Disse-lhes claramente que não era o Cristo, mas sim aquele que fora enviado para preparar o caminho de Cristo, o profeta predito por Isaías. Disse-lhes também que, quando Jesus chegasse, eles não apenas poderiam ser batizados com água, mas também com o Espírito Santo.

Após ouvir a mensagem de João, a delegação partiu para relatar aos seus líderes, em Jerusalém, o que havia visto.

No dia seguinte, quando João ensinava às margens do Rio Jordão, Jesus aproximou-se dele e pediu que o batizasse. João julgava-se indigno de batizá-lo, mas fez o que lhe fora solicitado, e levou Jesus para dentro da água. Quando o batismo terminou, os céus se abriram, e o coração de João se encheu de alegria, pois viu o "Espírito de Deus descendo como pomba" (Mateus 3:16) e pousando sobre aquele que fora batizado. Então ouviu a voz do Pai Celestial, dizendo: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3:17).

Embora Jesus não tivesse pecados, pediu a João que o batizasse. Desejava que todo o povo seguisse o seu exemplo. Através do batismo, as pessoas podiam ser perdoadas dos pecados, e, mantendo a promessa de guardar os mandamentos de Deus, podiam receber as grandes bênçãos que o Pai Celestial queria tanto dar-lhes.

Olhando para Jesus, João prestou testemunho a todos os seus seguidores: "Eis o Cordeiro de Deus." (João 1:29.) João honrou seu chamado e sua autoridade no Sacerdócio Aarônico. Este grande profeta preparou pessoas para receberem Jesus Cristo. Ele desejava que elas seguissem o Salvador, a fim de poderem receber o Espírito Santo e a plenitude do evangelho que Jesus traria. ■

O TOCADOR DE FLAUTA

Joyce B. Bailey

Ilustrado por Richard Brown

Procurando proteger-se do frio, Manco encolheu-se, com os joelhos dobrados, e puxou o gorro pontudo de tricô, por cima das orelhas. Ainda bem que aquele poncho colorido lhe protegia o corpo! Um vento impetuoso, carregado de neve, varria o desfiladeiro rochoso.

Manco mudou a posição do corpo, com impaciência. ***Quando papai vai***

chegar? pensava ele. ***Prometeu-me que seria hoje***. Os dedos gelados do menino tocaram a flauta de bambu que enfiara no cinto naquela manhã.

"Meu filho", dissera-lhe o pai, com apenas a sombra de um sorriso nos cantos dos lábios grossos, enrugados pelo vento, "aqui está a flauta que talhei para você. Hoje vou ensiná-lo a tocar."

Manco sentiu uma onda de prazer, ao pensar nas palavras do pai. Seu pai era Tupac, o melhor tocador de flauta da região.

Manco observou atentamente onde se encontrava cada uma das lhamas e alpacas da família. Quando teve certeza de que o rebanho estava em segurança, tirou a flauta de dentro do poncho.

Tupac talhara os pequenos orifícios para os dedos, e o bocal, com o maior cuidado possível, sentado junto ao fogo onde cozinhavam, em sua casa no alto da encosta da montanha. Ele e a família cultivavam milho e batata naquelas encostas, e ele e Manco iam ainda mais para cima todos os dias, a fim de apascentar o pequeno rebanho.

Manco levou aos lábios a madeira polida. Desejava emitir um tênue som — um som como os que seu pai tirava da flauta — soltando-o no ar frio. Mas sabia que não conseguiria. Teria que esperar até que Tupac voltasse para ensinar-lhe como fazê-lo.

E pensou, ***um dia serei o melhor tocador de flauta de todo o Peru. Algum dia meus dedos voarão sobre os pequenos orifícios, ondulando como o canto de pássaros que***

tocarei. E algum dia as mulheres chorarão com meus cantos de lamentação, como choraram quando papai tocou para Sinchi, que foi chamado para a terra dos espíritos.

Manco levantou-se bruscamente. Ele vira um pontinho escuro descendo o caminho branco que ficava bem acima dele. À medida que o pontinho aumentava, percebeu o gorro vermelho vivo de seu pai contra a neve, o rosto abaixado para proteger-se do vento gelado. Estava tentando desajeitadamente evitar que o vento o empurrasse para fora do caminho.

O menino rapidamente examinou a encosta da montanha. Um dos pequenos animais estava faltando! Por que ele não o notara antes? Falhara em seu trabalho. Agora sabia por que o pai estava encontrando tanto problema para descer a encosta da montanha; agora via a jovem lhama em segurança, no poncho quente do pai.

De repente, o pai deu um grito agudo. Sua pernas se dobraram debaixo do corpo. Fora apanhado numa avalancha de neve!

A neve rolou sobre a figura escura do pai, e Manco não conseguia mais vê-lo. O menino atirou-se em direção ao desfiladeiro rochoso, que dividia o flanco da montanha. Levaria muito tempo descer até embaixo, e depois subir até onde a neve enterrara o pai.

Manco pensou em ir buscar ajuda, mas sabia que não haveria tempo. O pai precisava de alguém ***agora***, e Manco era o único que estava por perto.

Quando o menino alcançou finalmente a linha da neve, seus braços e pernas estavam como pedra. As mãos sangravam, os olhos estavam anuviados pelo suor ardido, e por algumas de suas próprias lágrimas. Se conseguisse encontrar o pai, nunca mais tornaria a falhar na execução de suas tarefas.

Procurando na massa de neve e entulho diante dele, Manco não via o pai em parte alguma! Mas, espere! — acima de sua própria respiração entrecortada, Manco ouviu um gemido baixo. Rapidamente galgou um ponto mais elevado, um pouco para a direita. Viu então um monte irregular de neve, movendo-se ligeiramente. "Papai?"

O menino cavou a neve com as mãos nuas. Primeiro desenterrou a jovem lhama, que saiu correndo para unir-se ao rebanho, assim que conseguiu libertar-se. Então Manco, cavando rapidamente, descobriu um braço, depois os ombros do pai,

depois a cabeça coberta pelo gorro. O rosto de Tupac tinha uma cor estranha. Os olhos estavam fechados.

"Papai? Você está-me ouvindo?"

As pálpebras de Tupac piscaram, e se fecharam novamente. A expressão de tensão e dor não lhe abandonou o rosto.

Manco empurrou a neve para longe do corpo inerte. Sabia que não conseguiria levá-lo para casa — era muito longe.

Há um abrigo um pouco acima de onde estamos, lembrou-se. ***É feito apenas de galhos e ramos de uma árvore caída, mas lá é mais quente do que aqui fora, no vento.***

Quando Manco tentou fazer o pai sentar-se, Tupac voltou a si e gritou de dor. Mas esforçou-se para levantar, dizendo: "Acho que com sua ajuda, Manco, posso chegar até o abrigo."

As sombras da noite já se fechavam sobre eles, quando se dirigiram para o abrigo. Alguns metros antes de alcançá-lo, Tupac foi ao chão, vencido pela dor e pelo esforço. Manco foi forçado a arrastar o pai no resto do caminho.

O menino colocou o homem numa cama rapidamente preparada com galhos, tirou seu próprio poncho e cobriu-o com ele. Depois limpou uma área junto ao pai, fez uma pequena fogueira, e partiu em busca de socorro.

Logo encontrou os tios, que subiram a montanha e carregaram Tupac para casa. A mãe do menino e Cora, sua irmã, cuidaram dele, limpando e fazendo curativos em seus ferimentos, e dando-lhe uma boa sopa, e alguns remédios. Manco observou ansiosamente, até ver o pai cair num sono calmo. Então foi para a cama exausto.

Acordou tarde na manhã seguinte, e o pai, ainda com dor, mas sentindo-se melhor, o chamou.

"Sim, papai?"

"O rebanho...está a salvo?"

"Não, papai. Eu... eu o deixei na montanha."

"Agora você é o homem da casa", disse-lhe o pai.

"Reúna o rebanho e cuide dele. Vá. E que Deus o acompanhe."

Manco mal podia acreditar no que ouvira. Agora ele era o "homem da casa"? Mas fora devido à negligência que acontecera o acidente com o pai. Papai sabia por que Manco hesitara, mas mesmo assim chamara o filho, que havia errado, de homem. Os olhos do menino arderam, subitamente. Curvou-se sobre o pai, para esconder lágrimas de gratidão. "Sim, papai. Obrigado", murmurou.

Manco ergueu-se, sentindo-se de alguma forma mais alto e mais velho. Não desapontaria o pai desta vez. Cuidaria do rebanho sozinho. Colocou o poncho, puxou o gorro por cima das orelhas, e dirigiu-se para a porta rústica.

"Meu filho?" Tupac levantou-se ligeiramente.

"Sim, papai?"

"Quando você voltar, vou ensiná-lo a ser o melhor tocador de flauta de todo o Peru." ■

QUEM SERÁ?

Suzanne S. Dean

Encontre alguém que é...	Encontre alguém que faz...	Encontre alguém que...	Encontre alguém que sabe...	Encontre alguém que goste de...
Bondoso	Presentes para os outros	Conta anedotas	Dançar	Falar ao telefone
Bem arrumado	Você feliz	Trabalha arduamente	Guardar um segredo	Esportes
Um bom ouvinte	Bolachinhas	Faz perguntas	Cantar	Ler
Generoso	Você sorrir	Responde às perguntas	Andar de bicicleta	Animais
Criativo	Você se sentir amado	Nunca fica zangado	Tocar um instrumento musical	Sorvete

Faça este jogo durante a noite familiar ou com os amigos. Você vai precisar de vinte e cinco grãos de feijão, pedregulhos ou botões para cada jogador. Os feijões serão usados como marcadores. Prepare uma cópia do tabuleiro para cada participante. Toda pessoa deverá escrever em cada quadro, o nome do jogador que melhor se enquadrar na descrição daquele quadro, usando o nome de cada jogador pelo menos uma vez.

1. Escreva o nome de cada jogador em pedaços de papel. Dobre os papéis e coloque-os num cartucho ou saquinho.

2. Peça a uma pessoa que retire um nome do cartucho e o leia. Os jogadores então colocarão um marcador em qualquer quadrado do jogo que contenha aquele nome. Se o nome de uma pessoa aparecer mais de uma vez em seu tabuleiro, coloque um marcador no quadro de sua escolha. Depois de colocado, o marcador não pode mais ser mudado de lugar.

3. Coloque o nome de volta no cartucho, depois de cada rodada.

4. Continue a tirar nomes, até que alguém tenha cinco marcadores seguidos. Para prolongar o jogo, continue até que alguém consiga cobrir todos os quadros de seu tabuleiro.

5. Troque de tabuleiro com os outros jogadores e jogue novamente.

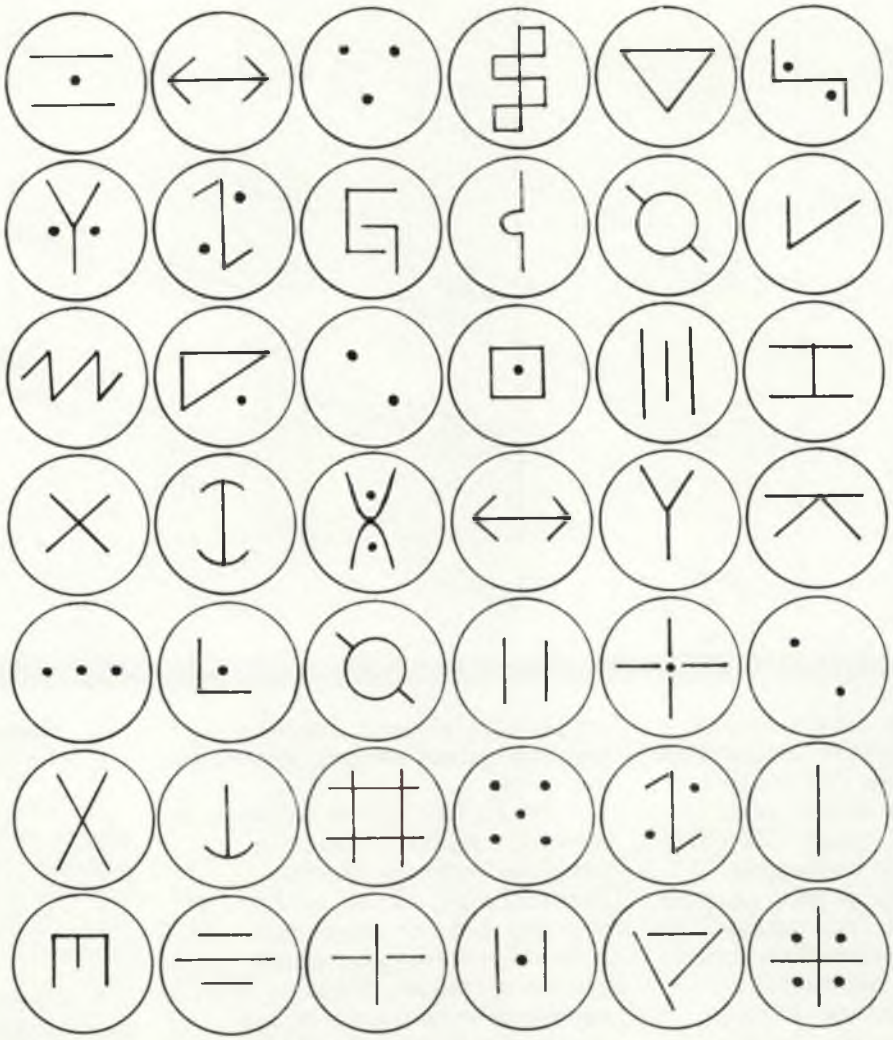
Se desejar, leia os nomes que escolheu para cada descrição.

SÓ PARA DIVERTIR:

CÍRCULOS IGUAIS

Colleen Fahy

Encontre os quatro pares de círculos iguais. ■



Todos nós sabemos que se espera de cada santo dos últimos dias, que participe da obra missionária, e que um profeta vivo fez um apelo para que tivéssemos mais missionários.

Testamento várias vezes. Além disso, estudará em profundidade tópicos fundamentais do evangelho à medida que domina as palestras missionárias e doutrinas correlatas.

Apresentando as palestras muitas e muitas vezes, respondendo a perguntas e objeções que encontrar, o missionário tem oportunidades adicionais de aprender. Nunca se domina o conhecimento de uma coisa até havê-la ensinado. Sim, na verdade a missão é uma escola de doutrina do evangelho, mesmo uma escola de profetas.

Crescimento da Fé

O Élder James E. Talmage define crença como concordância ou aceitação passiva da verdade. A fé, entretanto, ele define como aceitação ativa e positiva da verdade, que leva a boas obras. "Fé", declara ele, "é crença vivificada, ativa e viva". (*Regras de Fé*, p. 95.)

Alguns aceitam o chamado missionário por causa de sua crença. Crêem que a Igreja é verdadeira; crêem que devem servir. Mas, durante esse serviço, orando por novos contatos, suplicando ajuda para ensinar, e esforçando-se para encontrar as palavras certas e os métodos corretos, sua crença se transforma rapidamente em fé. Os missionários de tempo integral não apenas presenciam, mas participam de curas miraculosas. Eles vêem pessoas abandonarem o pecado e se tornarem santos. Recebem respostas às suas orações, sentem os influxos do Espírito, observam o dom das línguas e muitas outras operações do Espírito. Sentem também que poderes invisíveis os estão sustentando. Essas e muitas outras experiências plantam sementes de fé em seu coração.

Fidelidade ao Senhor

Quando penso na obra missionária, com freqüência me vem à mente o Rei Benjamim, quando pergunta: "Pois como pode um homem conhecer o mestre a quem não serviu, que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e intenções de seu coração?" (Mosiah 5:13.) Ninguém jamais saberá verdadeiramente que Jesus é o Cristo, e ninguém compreenderá plenamente a obra do Salvador, até ter investido na obra de salvação de almas, pois esse foi o papel do Salvador.

O Presidente Spencer W. Kimball nos disse que o sacerdócio "é o poder e autoridade de Deus delegados ao homem na terra para agir em todas as coisas concernentes à salvação dos homens". ("O Exemplo de Abraão", *A Liahona*, dezembro de 1975, p. 1.) O sacerdócio é a maneira pela qual o Senhor age, por meio de nós, para salvar almas. Quando usamos este poder para edificar e salvar, chegamos mais perto da fonte de nosso poder, mesmo de Jesus, o Cristo.

Companhia do Espírito Santo

Aprecio muito as palavras do Élder Thomas S. Monson: "Quando compartilhamos o evangelho com outras pessoas, inevitavelmente saímos de dentro de nós mesmos: Pensamos, oramos e trabalhamos em benefício de outros, e isto apenas nos enriquece e vivifica ainda mais, pelo Santo Espírito." (*Ensign*, outubro de 1977, p. 11.)

O Espírito desse personagem da Trindade impregna esta obra. Ele é o testificador, o convertedor. Os missionários ensinam sob sua influência, e os pesquisadores são tocados por sua influência. De todos os companheiros que temos no campo missionário, o Espírito Santo é o mais caro. Aceitem um chamado para servir, familiarizem-se com

Os missionários ensinam e testificam, e as verdades que proclamam se entranham cada vez mais profundamente em sua própria alma.

este membro da Trindade, e busquem sua influência por todos os dias de sua vida.

Testemunho Maior

Muitos anos atrás, quando eu servia como bispo, convidei um jovem a cumprir missão. Ele se recusou. Isto me surpreendeu, pois não esperava uma recusa da parte dele. Alegou que não tinha testemunho, e sentia que seria hipócrita, servindo sem esse testemunho. Seis meses mais tarde, fiz novo convite e recebi a mesma resposta. Desta vez o Espírito veio em meu socorro. Eu lhe disse: "Meu jovem, responda-me algumas perguntas básicas. *Existe um Deus no céu?*"

"Bem, naturalmente que existe. Se eu não acreditasse na existência de Deus, não oraria."

"Obrigado. *Jesus é o Cristo?*"

"Claro que é. Nunca duvidei do fato de que ele é o Filho de Deus; ele é o meu Salvador."

"*Joseph Smith foi o Profeta da restauração?*"

"Ora, certamente que sim, bispo", disse ele. "Tenho certeza de que ele recebeu um chamado divino de Deus para realizar sua obra."

Então eu disse: "Só mais uma pergunta. *David O. McKay é o profeta, hoje?*" (Isto foi há muitos anos.)

Ele se abriu num grande sorriso e perguntou: "Quando é que eu parto?" Ele sempre tivera um testemunho; apenas não se dera conta do que é testemunho, e como expressá-lo em palavras. Os missionários ensinam e testificam, ensinam e testificam, ensinam e testificam. E toda vez que o fazem, convidam o Espírito, e as verdades que proclamam se entranham cada vez mais profundamente em sua própria alma. O testemunho que prestam torna-se mais forte, mais claro e mais eficiente.

Perdão dos Pecados

O Presidente Spencer W. Kimball declarou: "O Senhor falou que nossos pecados serão perdoados mais facilmente, quando trouxermos almas para Cristo e perseverarmos em prestar testemunho ao mundo; e, sem dúvida, cada um de nós almeja mais ajuda para o perdão de seus pecados." ("Todo o Que For Prevenido...", *A Liahona*, novembro de 1977, p. 3.)

Em Tiago, lemos: "Irmãos, se algum de vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter,

"Saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador, salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados." (Tiago 5:19-20.)

Jamais me esquecerei de uma experiência que tive numa conferência de missão, na Austrália, anos atrás. Um dos jovens tinha um brilho tão intenso no semblante, que minha mulher comentou: "Nunca vi alguém brilhar tanto com a verdade, como ele." Quando a reunião terminou, antes que eu tivesse tempo de me levantar, esse jovem se aproximou de mim e disse: "Élder Asay, posso falar com o senhor?" Ao que lhe pedi que me esperasse na sala do bispo. Ele voltou-se e saiu.

Quando cheguei ao escritório, olhou para mim e disse: "Élder Asay, o senhor não se lembra de mim, não é?" Sua pergunta me constrangeu terrivelmente e me desculpei com ele.

Então ele falou: "Anos atrás, eu estive em seu escritório com o bispo e o presidente de minha estaca. Isto porque havia feito algumas bobagens na escola; tornara-me indigno do sacerdócio, e precisava arrepender-me e receber uma liberação especial, antes de servir. Na verdade, talvez o senhor se lembre de que, quando enumerei minhas transgressões, o senhor me disse: 'Jamais permitirei que sirva.'"

Então me lembrei. Ele havia sido a única pessoa a quem jamais dissera aquelas palavras. Mas ele chorou, o bispo chorou, e o presidente da estaca chorou, e eles pediram e pediram. Finalmente, eu amoleci e disse: "Está bem, você pode, com duas condições: Primeiro, que você vá e viva todos os mandamentos, estritamente; sem concessões. E segundo, que você procure tornar-se o melhor missionário da missão que lhe foi designada."

Bem, depois de me haver trazido tudo isso de volta à lembrança, ele disse: "Élder Asay, fiquei muito feliz quando soube que o senhor viria aqui, pois volto para casa na próxima semana, e quero que saiba que, nos últimos dois anos, não torci, contornei ou quebrei um único mandamento ou regra." Depois, acrescentou: "Talvez não seja o melhor missionário desta missão, mas estou muito perto."

Fiquei tão feliz! Abracei-o e lhe agradeci, e depois, após uma ou duas lágrimas, ele virou-se para sair da sala. Mas, antes de partir, olhou-me novamente e disse: "Élder Asay, pela primeira vez em muitos anos, eu me sinto perfeitamente limpo, moralmente." "Você está" respondi-lhe. "Você foi santificado pelo seu serviço. Agora, por favor, volte para casa e permaneça limpo."

Ele já se casou no templo, tem filhos, e está para se formar na universidade.

Um de nossos apóstolos modernos, o Élder George F. Richards, prometeu: "Em nome do Senhor, eu vos prometo que, se aceitardes o chamado missionário

e vos dedicardes à obra, o Senhor perdoará vossas transgressões passadas, e podereis iniciar vida nova, com uma folha absolutamente limpa." Quem não desejaria cobrar essa promessa?

Desenvolvimento e Aperfeiçoamento do Caráter

Stephen L. Richards, do Conselho dos Doze, falou sobre a influência da missão sobre os santos dos últimos dias. "O caráter fundamental de nossos jovens melhorou", disse ele. "O sacrifício ensinou-lhes autodomínio. A dedicação trouxe a generosidade, como sempre acontece. A pregação das virtudes fez com que fossem aplicadas, e um alto grau de espiritualidade permeou os testemunhos e desenvolveu o espírito." (Conferência Geral, outubro de 1945.)

Como isto é verdadeiro! Se entendo corretamente o que é caráter, posso afirmar que ele é, em parte, feito de hábitos e inclinações, que desenvolvemos através dos anos. Pensem nos hábitos, tendências, inclinações e virtudes que uma pessoa pode adquirir no campo missionário. Quem não viu o reflexo de virtudes autênticas no rosto de missionários que adquiriram tais hábitos? Quem não observou, pessoalmente, o aprimoramento que ocorre nesses poucos meses de serviço?

Tornar-se um Pacificador

O Salvador afirmou: "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5:9.) São do Élder N. Eldon Tanner estas palavras: "Se todo membro desta Igreja aceitasse o chamado de nosso profeta hoje, e vivesse o evangelho e guardasse os mandamentos de nosso Pai Celestial, e caso se tornasse realmente missionário, poderíamos contribuir *mais para a causa da paz* do que todo o poder reunido por todos os governos e todos os homens fardados." (Conferência Geral, outubro de 1962; grifo nosso.)

O maior movimento pela paz é aquele que envolve missionários de tempo integral ou representantes do Senhor.

Prestar Serviço

Todos vocês conhecem os ensinamentos do Rei Benjamim. Entre outras coisas, dizia ele a respeito do serviço: "Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus...

"Se o servirdes com toda a vossa alma, ainda assim sereis servidores inúteis...

"Ele vos criou e vos concedeu a vida, pelo que sois devedores.

"Em segundo lugar, ele requer que façais o que ordenou e, se o fizerdes, sereis imediatamente abençoados; portanto, vos terá pago. E vós, ainda assim, lhe sereis devedores, o sois e o sereis para sempre; portanto, de que vos vangloriais?" (Mosiah 2:17, 21, 23-24.)

Amar e Compreender Melhor as Pessoas

Ninguém ama o povo armênio como eu. Por que? Porque servi a eles. Aprendi um pouco de sua língua. Estudei sua história e tentei salvar algumas almas. Amo-os com todo meu coração.

Um ex-missionário, agora médico, que interrompeu a faculdade para cumprir missão, sentiu que "a obra missionária de tempo integral fez com que tivesse maior amor e interesse pelos outros. 'Não basta ter apenas inteligência... A inteligência combinada com o amor cristão à humanidade, é a fórmula perfeita para ser um médico respeitável.'" ("Intervalo para uma Missão", *A Liahona*, fevereiro de 1981, p. 28.)

Os missionários desenvolvem amor e compreensão por meio do serviço prestado.

Amizades Duradouras

Praticamente todo missionário tem o privilégio de morar e trabalhar com, pelo menos, cinco ou seis companheiros. Ao comerem, orarem e ensinarem juntos, eles desenvolvem laços especiais de amizade. Algumas dessas amizades continuam por

toda a vida.

Na missão que eu presidia, um jovem estava tendo sérios problemas de adaptação. Escolhi um companheiro para ele com todo cuidado. Os dois combinavam perfeitamente. Observei um infundir no outro suas virtudes e força, e quando deixaram o campo missionário, ambos eram saudáveis, fortes, cheios de desejo de servir a Deus. Anos depois de voltarem para casa, eu soube que um deles enfrentara sérios problemas com a família. Comecei a investigar para ver se poderia ajudar de alguma forma, e descobri que o ex-companheiro já entrara em contato com ele, fazendo tudo o que era necessário.

Pensem também em todas as amizades profundas que os missionários fazem com pessoas que ensinam e batizam. Jamais me esquecerei de uma experiência que tive no Texas. Quando convoquei um jovem à casa da missão para uma entrevista final, antes de voltar para casa, perguntou-me se um irmão a quem ensinara o evangelho, e que fora batizado, poderia levá-lo.

Eu estava no escritório da missão quando os dois chegaram. Obviamente havia um grande afeto mútuo; conversavam sem parar. Comecei a ficar um pouco impaciente, pois minha agenda estava repleta e eu precisava entrevistar o rapaz. Quando insisti que o jovem entrasse, ele olhou para o recém-converso e disse com os olhos cheios de lágrimas: "Muito obrigado por me trazer até aqui." O outro, rapidamente, respondeu: "Oh, não, élder, eu é que agradeço por você me trazer até aqui!" Que sermão naquelas palavras, e que estima entre aqueles dois! As amizades que criamos no campo missionário, com companheiros e conversos, tornam-se eternas.

Experiências Memoráveis

O Presidente Kimball referiu-se ao serviço missionário como uma grande aventura. Isto porque o trabalho é comovente e empolgante. É uma tarefa audaz, que requer muita coragem.

Certa vez vi a propaganda de um filme que dizia: "A maior história de aventura sobre fuga." E pensei com os meus botões: "Eles não saberão o que é aventura, até tentarem ajudar alguém a escapar do pecado, ou arrancarem alguém das portas da morte espiritual, ou enfrentarem as forças do mal, ou marcharem com o exército de Deus." Não existe aventura maior, emoção mais profunda, nada mais tocante do que servir em tempo integral na obra do Senhor.

A Preparação de um Povo

Diz, em parte, uma revelação concedida por meio do Profeta Joseph Smith, há mais de cento e cinqüenta anos: "As chaves do reino de Deus são entregues ao homens na terra, e como a pedra que, sendo cortada da montanha, sem mãos, rolará adiante até, que encha toda a terra...

"Portanto, que o reino de Deus vá avante, para que venha o reino dos céus." (D&C 5:2, 6.)

Como somos privilegiados e escolhidos, podendo participar do cumprimento dessa profecia! Que grande honra sermos convidados a edificar o reino, a servir na preparação da Segunda Vinda do Salvador! Nenhum trabalho é mais urgente, nenhuma obra mais importante que a edificação e a preparação para a vinda de Cristo.

Treinamento de Liderança

Poucas experiências na Igreja, se é que existe alguma, têm a poderosa influência de uma missão. Como exemplo, citamos uma recente pesquisa realizada entre ex-missionários a qual revela que noventa e um por cento deles freqüenta as reuniões sacramentais pelo menos três vezes por mês, oitenta e nove por cento tem pelo menos um cargo na Igreja, e noventa e cinco por cento casa-se no templo. Conseqüentemente, os ex-missionários fornecem uma valiosa liderança à Igreja, especialmente nos países em desenvolvimento.

Recentemente, minha mulher e eu estávamos na Colômbia, e eu entrevistei alguns irmãos, esperando que o Senhor revelasse quem deveria ser o novo presidente da estaca. O irmão chamado foi um ex-missionário, com menos de trinta anos de idade. Apesar da pouca idade, ele tinha muita experiência espiritual e prática, também. Fora missionário. Fora líder na missão. Estava preparado para servir e guiar.

Vida Eterna

O maior de todos os dons conferidos por Deus é a vida eterna. Gosto muito das palavras do Élder George Albert Smith: "Muitos de nós passamos grande parte da vida buscando coisas que seremos compelidos a abandonar, quando partirmos deste mundo; entretanto, estamos cercados de almas imortais que, se desejássemos, poderíamos ensinar e inspirar, para que pesquisem a verdade, implantando em seus corações o conhecimento de que Deus vive. Que tesouro, em todo o mundo, poderia ser tão precioso? Teríamos sua gratidão aqui e para sempre, no mundo vindouro." (Conferência Geral, outubro de 1916.)

Além disso, segundo meu entendimento, aqueles que servem, aqueles que ajudam a salvar, tornam-se candidatos à vida eterna. Nossa salvação está interligada à salvação de outras pessoas, e somente abaixando-nos para ajudar a levantar, os outros, podemos ter esperança de vencer o caminho para o céu. Existe apenas uma estrada que leva à vida eterna, e podemos permanecer nela com mais facilidade, ajudando os outros a encontrá-la e caminhar por ela.

Fixem o pensamento nesta promessa do Mestre: "E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará *a vida eterna*." (Mateus 19:29; grifo nosso.)

Apresentei-lhes dezessete bênçãos que resultam do serviço missionário. Existem mais, a lista é quase interminável. Desejo que compreendam que podem receber essas bênçãos e outras mais, convertendo-se ao serviço e colocando-se à disposição do chamado.

O Presidente Kimball afirmou que "a obra missionária, como o dízimo, derramará bênçãos, como prometido por Malaquias, tantas bênçãos, que mal teremos espaço para recebê-las. (Ver Malaquias 3:10.)" (Em Area Conference Report, Coréia, agosto de 1975, p. 61.)

Esta é uma obra de grande valor. Estou convencido de que, se o Senhor aparecesse diante de vocês neste instante, e os entrevistasse, ele diria, entre outras afirmações: "A coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que possas trazer almas a mim." (Ver D&C 15:6.)

Ao início de minha palestra, referi-me ao Profeta Eliseu e seu servo. Volto agora ao Velho Testamento. Quando Elias estava terminando seu ministério, disse a Eliseu, seu sucessor: "Pede-me o que queres que te faça, antes que seja tomado de ti." E disse Eliseu: "Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim." (II Reis 2:9.)

Oro com todo meu coração, que uma porção dobrada do espírito missionário seja derramada sobre vocês, para que possam não apenas perceber a urgência do serviço, para que possam não apenas ter uma visão das bênçãos prometidas, mas se comprometam a servir de maneira divina e pura. ■

Esta é a versão condensada de um discurso proferido a 20 de setembro de 1983, numa Conferência para Missionários em Perspectiva, Provo, Utah.

O SENHOR ME ENVIOU

Patti Lara

Primeiro lugar num concurso literário para santos de língua espanhola.

Ariana caminhava vagarosamente pela calçada, que, àquela hora da manhã, estava começando a fervilhar de gente que corria de um lugar para outro. Muitos iam para o trabalho, enquanto outros levavam os filhos para a escola. Os cruzamentos estavam congestionados com o tráfego, e alguns motoristas se impacientavam na pressa de chegarem pontualmente ao seu destino.

Ariana acabara de levar sua filha Sandra à escola. Havia um ônibus escolar, mas ela preferia levar a filha pessoalmente todos os dias. Gostava do passeio matinal, e também da caminhada ao ir buscar a filha, à tardinha. Era uma boa oportunidade de passar alguns preciosos minutos com sua Sandrinha.

Elas sempre conversavam, enquanto caminhavam. A criança tinha tanta coisa para contar, tantos pequenos segredos a revelar, tantas risadas a dar. Aquela pessoinha abria todo um mundo novo para Ariana, fascinante de explorar e descobrir.

Naquela manhã, entretanto, Ariana mostrava-se cansada, e até um pouco triste. O marido estava viajando e ficaria fora alguns dias. Ela sentia falta do conforto e apoio que ele lhe dava, como esposa e como mãe, e também em seus chamados na Igreja. E, além de tudo, havia um outro filho a caminho.

De repente, Ariana sentiu-se assoberbada com as inúmeras coisas que precisava fazer, e cansada demais para voltar para casa a pé. Sua vigorosa caminhada fazia parte do programa de exercícios que seguia, mas, nessa manhã, algo dentro dela se rebelava. A distância que a separava de casa parecia longa demais. Decidiu esperar o ônibus na parada seguinte.

Enquanto aguardava, pensou tristemente que a decisão não aliviara sua sensação de desânimo. Entretanto, algo lhe dizia que ficasse. Pensou no marido que, àquela hora, estaria dirigindo o carro por estradas desconhecidas. O trabalho dele exigia que viajasse muito, e ela sempre temia que algo lhe acontecesse.

Lembrou-se também da Irmã Lago, de cama com hepatite, e que mal podia levantar-se. Ariana era sua professora visitante, e imaginava como poderia ajudar mais essa irmã sem negligenciar suas próprias responsabilidades.

Seus pensamentos voltaram-se para Sandrinha, que há três dias estava resfriada, e ponderava se deveria levá-la ao médico.

Também lhe ocorreu que deveria escrever para a mãe, o que não fazia há muito tempo. Agora que Ariana, seus irmãos e irmãs eram adultos e estavam morando longe de casa, os pais deviam sentir-se muito sozinhos.

Pensando em tudo isso, e refletindo a respeito das tarefas que a esperavam

Ilustrado por Scott Snow

"Senhora, há um lugar aqui", disse Ariana, sorrindo. A mulher tartamudeou um "obrigada".

naquele dia, e nos dias seguintes sentiu-se novamente acabrunhada, e desejou que o marido estivesse em casa para ampará-la.

De pé, no ônibus apinhado, lembrou-se de mais uma coisa: Esquecera-se de comprar tomates para a salada que pretendia fazer. Tivesse voltado para a casa a pé, poderia tê-los comprado no caminho. O ônibus passaria em frente de vários supermercados, mas não ia parar.

Suspirou, sentindo-se ainda mais melancólica, e de repente teve o impulso de olhar para a esquerda. Perto dela, também de pé, estava uma outra mulher, cujos olhos se encontraram com os seus. Um pouco desconcertada, Ariana decidiu sorrir, um sorriso ao qual a mulher correspondeu rapidamente, olhando depois na direção oposta.

Os pensamentos de Ariana voltaram-se para os tomates. "Posso descer uma parada antes da minha, e comprar os tomates na quitanda do Alfredo" decidiu."Depois, posso caminhar para casa, pois estarei bem perto."

Vagou um lugar no ônibus, e Ariana apressou-se a ocupá-lo, colidindo acidentalmente com a mulher que olhara para ela alguns momentos antes.

"Desculpe-me", disseram ambas, ao mesmo tempo.

"Sente-se", ofereceu Ariana.

"Não, por favor, sente você", disse a estranha.

Ariana agradeceu-lhe e sentou-se, realmente grata. O ônibus continuou, e por alguns momentos Ariana examinou a mulher. Ela estava vestida com simplicidade, e seus olhos pareciam cansados e tristes. Então a estranha se voltou inesperadamente, e Ariana voltou a sorrir meio constrangida por ter sido apanhada observando-a. Virando-se para a janela, ficou pensando por que sentia que precisava fazer alguma outra coisa, além do que tinha em mente, ainda naquele dia. O sentimento persistia, e nada tinha a ver com tomates.

Alguns minutos mais tarde, o lugar ao seu lado ficou vago, e ela rapidamente avisou a mulher: "Senhora, há um lugar aqui", disse sorrindo. A mulher tartamudeou um "obrigada", e sentou-se ao lado dela. Toda vez que Ariana olhava para a mulher, descobria que também estava sendo observada. Decidiu conversar com ela.

"Estamos tendo um outono muito bom, não estamos?" A mulher não pareceu muito disposta a conversar, mas Ariana sentia uma grande simpatia por ela. Num esforço para encorajá-la, Ariana falou sobre sua péssima memória, esquecendo-se de que deveria ter voltado para casa a pé, a fim de comprar alguns tomates.

"Se quiser, posso vender-lhe tomates. Tenho uma horta em meu quintal, que está cheia deles", disse a mulher.

"Seria ótimo", exclamou Ariana, entusiasmada. "Os legumes plantados numa horta caseira são sempre melhores, não são?"

Quando a desconhecida lhe disse que morava três pontos de ônibus adiante do dela, Ariana hesitou por um momento. Ela teria que passar sua casa e depois voltar carregada de tomates. Seria uma perda de tempo, e, com tanta coisa para fazer, não podia desperdiçar nem um minuto. Entretanto, não desejava ofender a mulher de quem começava a gostar, e concordou com ela.

Quando desceram do ônibus, Ariana já descobrira que o nome da companheira era Teresa. Juntas caminharam por uma rua com casinhas pequenas, até chegarem a uma casa humilde, mas muito limpa e bem cuidada.

"Que maravilha!" exclamou Ariana. "Sempre desejei ter uma casa com quintal. Nós moramos em apartamento, e às vezes me sinto engaiolada."

Teresa sorriu, mas não disse nada, levando Ariana para os fundos da casa, onde ficava sua pequena horta. As duas começaram a apanhar tomates, colocando-os numa pequena cesta que Teresa dera a Ariana. Contou-lhe que ficara viúva recentemente, e que sua única filha abandonara a escola para trabalhar numa fábrica, a fim de poderem sustentar-se.

Com a pequena cesta cheia, e as costas doendo devido ao esforço, Teresa perguntou:

"Gostaria de entrar um pouco e tomar uma xícara de chocolate comigo?"

Ariana pensou desesperadamente: "Tempo! Não tenho. Não posso perder mais tempo!" Mas algo a fez responder: "Sim, adoraria."

Poucos minutos depois, as duas estavam sentadas, uma em frente à outra, com duas xícaras de chocolate quentinho. Pouco a pouco, Teresa começou a falar sobre si mesma.

"Foi engraçado, como ficamos olhando uma para a outra no ônibus", disse ela, rindo. "Isso nunca me aconteceu antes. Tenho estado tão sozinha, tão sozinha..."

Subitamente seus olhos se encheram de lágrimas, e Ariana percebeu dor e tristeza por trás deles. Teresa começou a contar-lhe as dificuldades financeiras que ela e o marido tiveram desde seu casamento, como ele estava sempre desempregado, e como haviam lutado para que a filha pudesse freqüentar a escola. E afinal, no meio do curso, abandonara os estudos, para empregar-se num lugar onde era praticamente escrava.

Depois, ficando ainda mais séria, quase como se falasse consigo mesma,

Teresa perguntou se às vezes ela também sentia que Deus estava olhando para o outro lado. Parecia-lhe que ninguém no mundo, inclusive Deus, a amava. Enquanto falava, as linhas de seu rosto endureceram, e seus olhos pareceram amargos.

Ariana procurou desesperadamente algo para dizer. Certamente haveria alguma coisa no evangelho para essa doce e angustiada irmã. Mas não conseguia lembrar-se de nada. Qualquer palavra de consolo pareceria vã, diante da carga de

Ariana segurou a mão de Teresa: "Vê que o Senhor nunca olha para o outro lado?", perguntou, suavemente.

realidade que essa mulher experimentara.

"Nem sei por que lhe estou contando tudo isto", murmurou Teresa, baixando os olhos.

Ariana respondeu, sem saber quem colocou as palavras em seus lábios: "Porque o Senhor me enviou."

Teresa começou a chorar. A princípio, Ariana achou que deveria dizer algo para confortar a mulher, mas logo percebeu que sua nova amiga estava chorando de gratidão.

Após ter-se recobrado um pouco, Teresa explicou: "Mal posso acreditar", começou "Na noite passada, tive um sonho, um sonho muito estranho. Estava andando por um lugar muito escuro, e não sabia para onde ia. Sentia como se um abismo estivesse prestes a se abrir debaixo de meus pés. De repente, encontrei uma mulher que brilhava com uma luz especial. Ela se aproximou de mim, e olhei para ela esperançosamente, ansiando pela luz que ela trazia. Então lhe perguntei: "Por que você veio?" E ela respondeu... (a voz de Teresa falhou) ...ela me respondeu do mesmo jeito que você, Ariana: "Porque o Senhor me enviou."

Olharam uma para a outra em silêncio. Ariana sentia agora uma grande paz. "Nem de antemão vos inquieteis pelo que haveis de dizer;" afirmara o Senhor, "mas entesourai em vossas mentes continuamente as palavras de vida, e na hora precisa vos será dada a porção que será medida a cada homem." (D&C 84:85.) Foi assim que aconteceu. O Espírito a havia inspirado a dizer as palavras exatas que Teresa precisava ouvir.

"Quero conhecer você melhor", disse Teresa. "Quero que sejamos amigas."

Ariana segurou na mão dela: "Vê que o Senhor nunca olha para o outro lado?" disse, suavemente.

"Você pertence a alguma igreja?" perguntou Teresa, curiosa. Ariana começou a contar-lhe, e Teresa ouviu com grande interesse. Quando Ariana a convidou a participar de uma noite familiar, Teresa garantiu-lhe que iria com sua filha.

"Estamos procurando a luz há tanto tempo", acrescentou, enquanto as duas se levantavam.

Abraçaram-se por alguns momentos, e depois Ariana pegou sua bolsa, o casaco e os tomates. Uma vez na rua, sentiu-se aliviada e fortalecida. "É verdade que só encontramos a felicidade quando estamos a serviço do próximo", pensou. "Esse é o segredo."

Era tarde, e o almoço sairia atrasado naquele dia. Prepararia uma boa salada e levaria para a Irmã Lago. Almoçariam juntas. Marcaria uma hora no pediatra e levaria Sandra o mais breve possível, para ficar sossegada. Naquela noite, telefonaria ao marido, no hotel, e tentaria transmitir-lhe coragem. Diria: "Estamos pensando em você, e o amamos." Mais tarde, depois de pôr Sandra na cama e antes de se deitar, escreveria uma carta à mãe e lhe enviaria a receita que ela pedira havia tanto tempo.

Seu coração encheu-se de alegria, e enquanto esperava mudar a luz do semáforo, percebeu que a sensação de que ainda havia algo que devia fazer, a abandonara. Escutara os sussurros do Espírito, colocara o reino de Deus em primeiro lugar, e todas as outras coisas lhe tinham sido acrescentadas. ■

Tendo sido convertida à Igreja, a Irmã Patti Lara, intérprete por profissão, freqüenta o Ramo de Militares Rota, Distrito de Cadiz, Espanha. Ela tem cargos tanto no ramo como no distrito. Seu conto baseia-se num incidente real.

CANTO DE SALVAÇÃO

Gary Loren McCallister

O acidente ocorreu quando estávamos saindo da cidade. Havíamos assinado os papéis para a compra de nossa nova casa, e parado para visitar a avó de minha mulher. G.J., nossa filha de três anos, dormia no assento traseiro do carro. Estávamos todos ansiosos para voltar para nossos outros três filhos. Minha mulher, Gaydra, começara a tricotar. Ninguém se lembrara de colocar os cintos de segurança. Eram quase cinco horas da tarde.

O trafêgo estava pesado, movendo-se a noventa quilômetros por hora. Ao nos aproximarmos de um cruzamento, subitamente vi um carro que vinha em direção oposta fazer uma rápida curva à esquerda, bem à nossa frente. Era impossível ele conseguir, e com carros de todos os lados, eu não podia desviar. Pisei no breque, mas não consegui parar com rapidez suficiente.

A batida, de frente, atirou-me contra a direção e o pára-brisa. Comecei a arquejar, tentando respirar, para poder chamar Gaydra. Eu a via no chão, mas ela não me respondeu. Sangue começava a escorrer pelos meus olhos. Ouvi G.J. chorando, enquanto tentava desesperadamente livrar-me da direção, que estava no meu colo.

Temia que o carro explodisse, com a gasolina derramada, e sabia que precisava tirar minha mulher e minha filha dali.

Finalmente, a porta se abriu e eu me levantei. O mundo começou a ficar branco. Vi um fio d'água do radiador amassado correndo entre meus sapatos, e pensei, enquanto meus joelhos se dobravam: "Vou cair bem em cima dele."

Recobrei os sentidos, quando alguns homens me carregavam para o gramado, ao lado da estrada. Perguntei por minha mulher e minha filha, e me disseram que estavam bem. Ainda ouvia G.J. chorando.

Quando a ambulância chegou, Gaydra, eu e o outro motorista ferido fomos colocados em macas, atrás. G.J. sentou-se com o paramédico na cabine da ambulância. Gaydra tentou sentar-se várias vezes para perguntar por G.J., mas todas as vezes caía para trás inconsciente.

Quando chegamos ao hospital, G.J. parara de chorar. Um médico foi à sala de emergência examinar-me. Deu algumas instruções à enfermeira e saiu. Ela foi simpática, mas direta: "Sr. McCallister, sua esposa tem uma fratura com achatamento do crânio. Está causando muita pressão em seu cerébro, e vamos mandá-la num helicóptero de emergência para o Centro Médico da Universidade, a fim de ser operada. Podemos sentir o osso solto. O senhor está bem, e provavelmente poderá voar no helicóptero com ela." A enfermeira saiu e fiquei sozinho. Eram cinco horas da tarde, pelo relógio da parede, e o quarto estava muito silencioso.

"Oh, Pai Celestial!" supliquei. "Por favor, ajuda Gaydra. Ela não pode morrer! Ela não deve morrer!" As lágrimas fizeram arder os cortes ao redor de minhas pálpebras, e eu sentia pedaços de vidro nas sobrancelhas e na testa. Foram os momentos mais aflitivos de minha vida, quando me encontrei diante da possibilidade de perder minha namorada eterna.

De repente, percebi que havia alguém ao meu lado. Dois homens de terno, não de uniforme de hospital, disseram "alô". Eram élderes da Igreja.

"Gostaria de uma bênção?" perguntou um deles.

"Gostaria, sim. E minha mulher está no departamento de raio X. Por favor, administrem a ela!"

"Já administramos", responderam eles.

"Minha filha..." comecei eu.

"Também a abençoamos", disse o outro homem.

Ungiram minha cabeça com óleo, deram-me uma bênção e partiram. Eram cinco e trinta.

Fiquei intrigado. Quem eram aqueles élderes? *Como* haviam chegado tão depressa?

Mais tarde descobri.

O motorista da ambulância (com curso de paramédico) de vinte anos de idade, estava muito atarefado. O que deveria fazer com a menininha de três anos, assustada e chorando? Os pais dela estavam ambos feridos, sendo que a mãe, de maneira crítica. O que poderia fazer ou dizer para acalmar a criança?

Talvez uma canção ajudasse, pensou. Mas não conseguia lembrar-se de nenhuma canção infantil — com exceção de uma. Era um hino da Escola Dominical que acabara de aprender na igreja à qual se filiara recentemente. Não havia razão para aquela menininha reconhecê-la ou se sentir confortada por ela, mas aumentava a impressão de que deveria cantá-la e, portanto, ele começou: "Sou um filho de Deus, por ele estou aqui..." (*Cante Comigo*, B-76.)

A criança parou de chorar, e terminada a primeira estrofe, se pôs a cantar com ele: "Sou um filho de Deus, não me desampareis..."

Ao final da segunda estrofe, ele perguntou mansamente: "Você é mórmon?"

Ela respondeu: "Sou."

"Seus pais também?"

"Também."

Ele alcançou o rádio transmissor. "Aqui, salvamento chamando a base. Alô, Bete. Quer-me fazer um favor? Procure na lista telefônica o número de um Bispo Brower, e lhe telefone, dizendo que temos uma mulher gravemente ferida que é membro da igreja dele, e precisamos..."

Assim o bispo recebeu a mensagem, e os portadores do sacerdócio chegaram ao hospital em poucos minutos.

Gaydra não precisou ser removida para o centro médico. No Raio-X não conseguiram encontrar sinal de fratura craniana. G.J. e eu fomos liberados naquela noite, e duas semanas mais tarde, levamos Gaydra para casa, sem passar por nenhuma cirurgia. A não ser pela impossibilidade de se lembrar do acidente e dos dias que o seguiram, ela se recuperou totalmente. Sobrevivemos a uma colisão frontal a oitenta e oito quilômetros por hora.

Um ano mais tarde, comparecemos à despedida do jovem paramédico que ajudara a salvar a vida de Gaydra, e que saía em missão.

Gary L. McCallister, professor de Biologia e pai de quatro filhos, serve como presidente de missão na Estaca Colorado Grand Junction Oeste.

A AUTORIDADE DO CAPELÃO

Victor W. Matthews

Há muitos anos, meu irmão, LeRoy E. Matthews, morava com a família numa cidade onde havia um hospital administrado pelo estado.

Certo dia Roy foi convidado a comparecer ao escritório do superintendente do hospital, para uma breve entrevista. O superintendente explicou que, após longa consideração, havia decidido convidar Roy para servir como capelão do hospital durante o ano seguinte. Explicou também que, há muito tempo vinha sendo norma do hospital designar anualmente um ministro diferente dentre as várias igrejas da área, numa espécie de rodízio. Até àquela época, haviam sido convidados sempre ministros de outras igrejas, embora aproximadamente cinqüenta por cento dos habitantes da cidade fossem santos dos últimos dias.

Roy disse ao superintendente que ficaria muito feliz e honrado em aceitar a designação.

Dias mais tarde, entretanto, Roy foi chamado novamente ao escritório do superintendente, onde lhe foi dito que os ministros da região haviam feito objeções ao seu chamado. Disseram que nada tinham contra Roy Matthews pessoalmente, mas que se opunham firmemente à sua designação como capelão, uma vez que ele não era "nem mesmo um ministro ordenado do evangelho".

O superintendente perguntou a Roy se ele possuía algum documento que pudesse substanciar sua posição como ministro do evangelho. Roy respondeu que iria até em casa e voltaria em menos de uma hora com a informação necessária.

Logo depois, Roy voltou ao escritório e entregou ao superintendente um cartão com sua linha de autoridade no sacerdócio, uma lista mostrando como sua ordenação chegara até ele através de irmãos que também haviam sido ordenados. O superintendente leu o cartão cuidadosamente, e perguntou: "Você quer dizer, Roy, que sua autoridade vem diretamente de nosso Senhor?"

"Sim, doutor, é verdade", replicou ele.

O superintendente expressou contentamento e surpresa, e perguntou se poderia ficar com o cartão por alguns dias. Naturalmente Roy consentiu.

Alguns dias mais tarde, Roy foi chamado de volta ao escritório, onde o superintendente explicou que se havia reunido com os ministros, lera-lhes a linha de autoridade sacerdotal e indagado se eles tinham alguma coisa que se pudesse comparar com aquilo. A única resposta que conseguiram dar, foi que cada um deles havia estudado e sido ordenado em escolas clericais. Roy foi aceito sem mais protestos ou oposição. ■

SEGURE-SE E SUBA!

Élder Dallin H. Oaks,
do Quorum dos Doze

COMO reagimos, quando nos defrontamos com uma tarefa que nos parece impossível de cumprir?

Todos nós enfrentamos obstáculos. Todos nós enfrentamos desafios. Todos nós trilhamos caminhos que nos conduzem a alturas que julgáramos impossível alcançar. Mais cedo ou mais tarde, todos nós nos encontramos aos pés de penhascos que nos parecem impossíveis de galgar.

Em 1895, meu bisavô, Abinadi Olsen, foi chamado para uma missão nas Ilhas Samoa. Obediente ao chamado do profeta, ele deixou a esposa e quatro filhos pequenos, incluindo minha avó materna, Chasty Magdalene, na Cidade de Castle Dale, Utah. Viajou de trem e de navio até a sede da missão, em Ápia, Samoa, numa jornada de vinte e seis dias. Sua primeira designação foi trabalhar na Ilha Tutuila.

Após várias semanas vivendo no que ele chamava de cabana de capim, comendo alimentos estranhos, doente e lutando para aprender o idioma local, ele parecia não estar fazendo qualquer progresso no serviço missionário. Com saudades de casa, e desanimado, começou a pensar seriamente em tomar um barco de volta a Ápia, para dizer ao presidente da missão que não desejava perder mais tempo em Samoa. Os obstáculos à realização de sua missão pareciam intransponíveis, e ele queria voltar para junto de sua mulher e filhos, que estavam lutando para sustentá-lo no campo missionário.

Um amigo que ouviu Abinadi Olsen descrever a experiência, alguns anos depois de sua volta, citou-o nestes termos:

"Então uma noite, quando estava deitado em minha esteira no chão da cabana, um homem desconhecido entrou e, na minha própria língua, ordenou-me que me levantasse e o seguisse. Ele agia de tal forma, que me senti impelido a obedecer-lhe. Fez-me atravessar o vilarejo

Fotos da montanha por Bobbi Jane Rice

até um sólido rochedo perpendicular. 'Engraçado', pensei. 'Nunca vi este aqui antes.' Foi então que o estranho me disse: 'Quero que você escale este rochedo.'

"Olhei novamente, e, perplexo, respondi: 'Não posso. É impossível!'

"'Como sabe que é impossível? Você não tentou', disse o estranho.

"'Mas qualquer um pode ver' comecei a dizer, objetando. Ele me interrompeu: 'Comece a subir. Levante as mãos, segure-se... agora o pé.'

"Quando ergui os braços, seguindo ordens que não ousava desobedecer, um nicho pareceu abrir-se na rocha sólida, e eu me agarrei nele. Então, consegui também firmar o pé.

"'Agora, para cima', ordenou-me. 'Segure-se com a outra mão.' Ao fazê-lo, apareceu uma outra abertura, e, para minha surpresa, o rochedo começou a recuar; ficou mais fácil de subir, e eu continuei minha escalada sem dificuldade, até que, subitamente, me encontrei de novo deitado em minha esteira. O estranho partira!

"'Por que tive essa experiência?' perguntei a mim mesmo. A resposta não se fez esperar. Durante os últimos três meses, eu me encontrara à beira de um rochedo imaginário. Não estendera a mão para agarrar-me e iniciar a subida do penhasco. Realmente não fizera o esforço necessário para aprender a língua e vencer outros problemas." (Fenton L. Williams, "On Doing the Impossible", *Improvement Era*, agosto de 1957, p. 554.)

É desnecessário acrescentar que Abinadi Olsen não abandonou a missão. Serviu durante três anos e meio, até ser desobrigado pela autoridade competente. Foi um missionário excepcionalmente eficiente, e membro fiel da Igreja até o fim de seus dias.

Quando nos deparamos com obstáculos que nos parecem intransponíveis, mesmo que seja no cumprimento de responsabilidades justas, devemo-nos lembrar de que, quando estamos envolvidos na obra do Senhor, os obstáculos que se encontram diante de nós jamais são tão grandes quanto o poder que apóia nossa retaguarda. Devemo-nos segurar e subir. Somente com as mãos estendidas podemos encontrar pontos de apoio. Somente pés ativos podem firmar-se para nos levar adiante.

Foi-nos dito que a fé precede o milagre. Também aprendemos que o milagre exige esforço pessoal. As palavras do Presidente Spencer W. Kimball transmitem esta mensagem: "Avante!"

As escrituras registram muitos exemplos de pessoas que foram abençoadas pelo Senhor, quando tentavam fazer o impossível. Nada é impossível para o Senhor.

Quando Moisés tirou os filhos de Israel do Egito, eles acamparam junto ao Mar Vermelho. Os egípcios pensaram que os haviam encurralado. Tinham o mar às costas e, pela frente a perseguição dos carros de guerra do Faraó. "Não temais,..." declarou Moisés, "O Senhor pelejará por vós". (Êxodo 14:13-14.) O Senhor então mandou que Moisés ordenasse aos filhos de Israel que marchassem para o mar. (Ver Êxodo 14:15.) Moisés estendeu seu cajado sobre as águas, como o Senhor dissera, e os israelitas atravessaram o mar a seco. (Êxodo 14:16, 22.) Eles haviam avançado com fé, e o que parecia impossível, aconteceu.

O irmão de Jared enfrentou o problema da iluminação dos barcos fechados que seu povo construíra. Tentou fazer com que o Senhor resolvesse o problema, mas este lhe respondeu, perguntando: "Que desejais que eu faça, a fim de que tenhais luz em vossos barcos?" (Éter 2:23.) O irmão de Jared começou a trabalhar na solução do problema, fundindo e moldando dezesseis pedras transparentes. E então, com grande fé, pediu ao Senhor que tocasse aquelas pedras com o dedo: "Prepara-as, para que brilhem na escuridão... de modo que possamos ter luz, enquanto cruzamos o mar." (Éter 3:4.) Sua oração foi atendida. O problema foi solucionado pela inciativa de uma pessoa fiel, e pelas bênçãos e poder de Deus.

Quando Néfi recebeu ordem de retornar a Jerusalém para obter os registros sagrados de Labão, ele obedeceu com fé, embora não visse como poderia consegui-los. Néfi sabia que o Senhor não daria qualquer mandamento, sem antes ter preparado o caminho para a execução de sua ordem. (1 Néfi 4:7.) Por sua fé e iniciativa, Néfi cumpriu a missão que lhe fora confiada, e inúmeras gerações foram abençoadas em conseqüência disso.

Nada é impossível àqueles que cumprem os mandamentos de Deus e seguem suas instruções. Mas as bênçãos que nos fazem transpor os obstáculos, não precedem nossos esforços — elas os seguem. A Liahona foi dada para guiar Léhi e seus filhos, mas foi conseguida após anos no deserto, e não quando se encontravam ainda em Jerusalém. A palavra do Senhor sobre a organização do Acampamento de Israel (ver D&C 136), não foi dada em Nauvoo. Foi na margem oeste do Missouri, perto de onde fica atualmente Omaha, quase um ano depois que os santos haviam deixado Nauvoo.

O que fazemos ao nos depararmos com obstáculos no cumprimento de responsabilidades justas? Seguramo-nos, e subimos! As bênçãos que resolvem problemas e que nos permitem vencer os obstáculos, só são recebidas pelas pessoas que se esforçam. ■

"É VERDADE! ESTA É A PALAVRA DE DEUS!"

Geraldine Pigott Golding

Foi há vinte e oito anos que duas jovens trouxeram à vida de nossa família, a maior e mais preciosa influência.

Morávamos numa bela cidadezinha do Texas. A vida corria calmamente. Eu era muito ativa em minha igreja, responsável pelo coro, professora da Escola Dominical, atuante na organização do serviço cristão. Amava meus companheiros de igreja e meus vizinhos. Havíamos comprado uma casinha, e tínhamos quatro filhos encantadores, o mais velho com dez anos, e o mais novo de apenas alguns meses.

Da janela da cozinha, eu enxergava até o fim do quarteirão e também o outro lado da rua, onde observava a construção de um prédio. Não sabia que prédio era aquele, mas alguma coisa nele me atraía, e todos os dias, enquanto lavava a louça, eu notava o progresso da construção. Nossos vizinhos também estavam curiosos, e quando descobrimos que era uma igreja mórmon, ficamos muito aborrecidos. Nem sabia que os mórmons existiam naquela parte do país.

Passaram-se vários meses. A pequena igreja da esquina foi terminada. Era pequena, mas de bom gosto, em pedra rosada. Nunca vi ninguém entrar usando vestidos longos ou chapéus engraçados, que era o que eu esperava. Fiquei um tanto desapontada ao descobrir que seus freqüentadores eram pessoas iguais a nós.

Um dia, bateram à minha porta. Lá estavam duas jovens, muito bem vestidas. Cordialmente convidei-as a entrar, e, como qualquer boa texana, imediatamente perguntei se gostariam de uma xícara de café. Recusaram educadamente, e logo estávamos conversando sobre Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo. Disseram-me coisas que nunca ouvira antes. Disseram que Deus tinha um corpo — um corpo real de carne e ossos — e que sua aparência era semelhante à nossa. Imaginem! Deus, a quem eu amava tanto, ser como uma pessoa! Parecia quase um sacrilégio. Lembro-me de me despedir delas à porta de casa, pensando: "Vocês são umas jovens ótimas, mas, certamente, têm idéias engraçadas. Sua igreja obviamente as está desviando do caminho certo. Mas vocês acreditam de todo coração."

Na semana seguinte, mais ou menos à mesma hora, bateram novamente à porta. Eram as mesmas jovens. Convidei-as a entrar, ofereci-lhes café, que mais uma vez foi recusado. Outra palestra, outra despedida. Desta vez me falaram de um profeta dos nossos dias! Eu disse, em voz alta: "Vocês devem sentir-se muito bem, acreditando que têm um profeta para guiá-las." Elas me asseguraram que era verdade. Em pensamento perguntei: "Como essa igreja consegue que acreditem numa coisa com tanta certeza?"

Outra reunião. "Têm certeza de que não querem tomar uma xícara de café conosco?"

Novamente a resposta educada: "Não, obrigada." Para minha grande surpresa, meu marido entrou na sala e sentou-se conosco.

Fomos tendo mais reuniões. Contaram-nos uma porção de coisas — a meu marido e a mim — como o sonho de Nabucodonosor, a pedra cortada do monte, sem mãos, as profecias de Jeremias, as duas "varas" que se tornariam uma só. Eu já lera todas essas coisas antes, pois amava a Bíblia de todo o coração. Amei-a desde criança. Lia um capítulo todas as noites, antes de dormir, de modo que algumas coisas sobre as quais as jovens falavam me eram familiares. Mas agora começavam a fazer sentido, numa ordem lógica. Que interessante!

A essa altura, meus filhos já participavam conosco das palestras, e as duas jovens que bateram à nossa porta haviam sido transferidas e substituídas por um outro par de missionárias. Eu colocava o bebê no cercadinho, e começávamos a bombardear as jovens com perguntas e mais perguntas. Havíamos descoberto que os dois pedaços de madeira mencionados na profecia eram a Bíblia e o Livro de Mórmon. "Nós veremos o Livro de Mórmon? Quando? Quando posso lê-lo? Na próxima palestra?" A semana ia ser longa — mal podia esperar.

A semana *foi* longa. Fiquei pensando no Livro de Mórmon, ansiosa por tê-lo nas mãos. Chegou finalmente o dia, e eu esperei, com todas as minhas forças, que elas não se esquecessem do livro. Pensei que talvez, afinal elas concordassem em tomar uma xícara de café conosco.

Enquanto conversávamos sobre o Livro de Mórmon, elas me falaram de uma promessa maravilhosa nele contida. Sim, tentaríamos, nós oraríamos a respeito dele.

Foram necessárias apenas algumas

Ilustrado por Scott Snow

páginas do Livro de Mórmon para convencer-me de que era verdadeiro. É verdadeiro! É a palavra de Deus! E assim, toda manhã, às seis horas, eu tomava uma xícara de café, na escada que dava para o quintal, no ar fresquinho da manhã, e lia até as crianças acordarem. Como as palavras eram poderosas! Quem poderia negar, após ler o livro, que era a palavra de Deus? Que sensação de emoção, de descoberta, de espanto, de calor, de maravilha.

Ainda faltavam três palestras, quando fomos interrompidos. Nossa filha de

Da janela da cozinha, observava a construção de um prédio do outro lado da rua. Quando descobri que era uma igreja mórmon, quase morri.

Toda manhã eu levava o Livro de Mórmon para a escada que dava para o quintal, e lia até as crianças acordarem.

quatro anos, Nancy, ficou doente, aparentemente com pólio. Eu ainda estava dando aulas em minha igreja — agora temerosa de fazê-lo — mas, naquela manhã, ao invés de lecionar na Escola Dominical, eu estava febrilmente levando Nancy para uma punção na espinha, no hospital local. Nossas suspeitas foram confirmadas: Ela estava com pólio. Nós a levamos para o Hospital Infantil em Houston, e comigo foi o Livro de Mórmon, pois eu sabia que haveria muitas horas de espera. De alguma forma, eu sentia que ela ficaria boa.

Ela saiu do hospital em duas semanas, e eu havia lido uma grande parte de meu novo livro.

As palestras recomeçaram. Na reunião seguinte, finalmente, fiquei sabendo por que as missionárias recusaram repetidamente o café que eu lhes oferecia. Quando me contaram que não tomavam café, chá, álcool, nem fumavam, fiquei acabrunhada.

Pensei comigo mesma: "Agora elas vão-me dizer que não dançam, não vão ao cinema, não cortam o cabelo e por ai afora." Mas eu estava pronta a renunciar a qualquer coisa que elas me pedissem. Já sabia que o evangelho era verdadeiro.

Estávamos chegando ao final das palestras, e o plano de salvação estava sendo apresentado. Jamais serei capaz de descrever a alegria que senti, quando me disseram que eu habitara com Deus antes — que ele me conhecia e me ensinara, antes de eu nascer. Vocês querem dizer que ele realmente *me* conhece? A *mim*? Imaginem só! Fiquei maravilhada. Chorei. Foi a coisa mais linda que jamais ouvira: que eu vivera com Deus, e que ele me conhecia pessoalmente. Agora era fácil pensar nele como um Pai bondoso, um Deus de carne e ossos.

Quando os élderes nos foram apresentados, fiquei muito emocionada. As missionárias nos haviam falado sobre o sacerdócio, e eu estava admirada em relação aos élderes. Sentia o maior respeito por alguém que portava o sacerdócio de Deus. Era uma coisa tão nova para mim. Nossos filhos gostaram deles instantaneamente.

Sim, fomos batizados. Ajoelhamo-nos em oração, e, pela primeira vez, constrangidos e tímidos, oramos juntos em voz alta. Com simplicidade e humildemente, perguntamos ao Pai Celestial se aquelas coisas eram verdadeiras, e, em resposta, recebemos a confirmação cálida e doce que somente o Espírito Santo pode dar.

Nos muitos anos após nosso batismo, como família, temos vivido grandes alegrias, sim, e muitas tristezas também, especialmente a morte de meu marido. Entretanto, sentimos no lar a segurança do sacerdócio, o conforto dos mestres familiares. Rimos, cantamos, choramos; chegamos às profundezas do desespero, e às alturas da espiritualidade. Experimentamos a doçura do casamento no templo, o significado de amizades eternas, a força da barra de ferro quando tudo parece irremediável. Ajudamos a fazer pasta de amendoim em projetos de bem-estar, no Texas, e ajudamos a capinar campos de beterraba e a enlatar ervilhas, em Provo, Utah, onde agora moramos com meu segundo marido.

Acima de tudo, somos sinceramente gratos aos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e aos missionários que tornaram tudo isso possível. E agora enviamos nosso David para o campo missionário, esperando que ele encontre outras almas receptivas, levando-lhes a mesma alegria e felicidade que aquelas jovens nos trouxeram. ■

Geraldine P. Golding, mãe de oito filhos, é presidente das Moças em sua ala de Provo, Utah.

AVANTE, AO MUNDO PROCLAMAI

Com ânimo ♩=92-112

1. A- van- te ao mun- do pro- cla- mai: "Je- sus é o Sal- va- dor.
2. A- van- te ao mun- do pro- cla- mai: "Os la- ços de a- mor
3. A- van- te ao mun- do pro- cla- mai: Que a Res- tau- ra- ção

O U- ni- gê- ni- to do Pai É Cris- to, o Se- nhor."
Que u- nem as fa- mí- lias são E- ter- nos no Se- nhor."
Pre- di- ta ou- tro- ra a- con- te- ceu Nes- ta dis- pen- sa- ção.

Com es- pe- ran- ça e de- vo- ção Aos po- vos a- nun- ciai
Ser- vin- do a Cris- to com a- mor E com de- di- ca- ção
Pre- gai so- bre as ver- da- des de A- mor, paz e per- dão

Que os ho- mens to- dos são ir- mãos Pois Deus é nos- so Pai.
A a- le- gri- a de ser- vir É o nos- so ga- lar- dão.
Que to- do o que se con- ver- ter Te- rá a e xal- ta- ção.

Letra: Ruth M. Gardner, b. 1927, © 1985 LDS
Música: Lyall J. Gardner, b. 1926, © 1985 LDS

Doutrina e Convênios 42:6
Mateus 24:14

CHAMADOS PARA SERVIR

PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Foto por Eldon K. Linschoten

Presidente Gordon B. Hinckley *Presidente Ezra Taft Benson* *Presidente Thomas S. Monson*

BIOGRAFIA DO PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

"O que é melhor para o Reino de Deus?"

A resposta a esta pergunta tem sido o fator decisivo em todo assunto importante da vida do Presidente Ezra Taft Benson.

Desde a juventude até hoje, ele tem buscado o melhor para a obra do Senhor, para o Reino de Deus na terra, adequando seus afazeres a este objetivo, que tem sido a meta principal de sua vida.

Depois de mais de quarenta e dois anos na liderança geral da Igreja, o Presidente Ezra T. Benson foi ordenado e designado Profeta, Vidente, Revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, numa reunião especial do Quorum dos Doze Apóstolos, realizada no domingo, 10 de novembro de 1985, numa das salas superiores do Templo de Lago Salgado.

Sua ascensão à liderança da Igreja lhe dá o governo de toda a obra do Senhor na terra, atualmente. Como diz a escritura: "E novamente, o dever do Presidente do Sumo Sacerdócio é presidir toda a Igreja, e ser como Moisés... para ser um vidente, revelador, tradutor e profeta, possuindo todos os dons de Deus que ele confere sobre o cabeça da igreja." (D&C 107:91-92.)

Além disso, diz a escritura: "A Presidência do Sumo Sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedeque, tem o direito de oficiar em todos os ofícios da Igreja." (D&C 107:9.) E o Sacerdócio de Melquisedeque é "o Santo Sacerdócio, segundo a Ordem do Filho de Deus". (D&C 107:3.)

A ordem instituída da Igreja nesta dispensação estabelece que, em caso de morte do presidente, o governo de toda a Igreja passa ao Quorum dos Doze Apóstolos.

A escolha de uma nova Primeira Presidência não é uma questão de eleição. O Presidente dos Doze é sempre o membro sênior do quorum em termos de número de anos, desde sua ordenação como apóstolo. Ele é elevado ao ofício de

presidente de toda a Igreja por sucessão direta, em razão da morte do Presidente em exercício.

O Quorum dos Doze Apóstolos tem plena autoridade para ordenar seu presidente de quorum como cabeça de toda a Igreja sob estas condições. Ele, por sua vez, escolhe seus conselheiros e, juntos, constituem o Quorum da Primeira Presidência, sendo devidamente chamados a este ofício sob as mãos dos Doze.

Este processo foi seguido na ordenação e chamado do Presidente Benson a essa alta posição. Logo a seguir, ele escolheu o Élder Gordon B. Hinckley como primeiro conselheiro, e o Élder Thomas S. Monson como segundo conselheiro.

O processo pelo qual o presidente da Igreja se torna também profeta, vidente e revelador foi instituído quando a Igreja foi organizada em 6 de abril de 1830. Nessa ocasião, o Senhor o decretou, por revelação, impondo ainda aos membros da Igreja o dever de apoiar plenamente o presidente. Disse ele:

"Portanto, no que concerne à Igreja, devereis atender a todas as suas palavras e aos mandamentos que ele vos dará conforme os receber, andando em toda santidade diante de mim;

"Pois suas palavras recebereis como de minha própria boca, em toda paciência e fé."

E então, ele faz uma maravilhosa promessa aos santos:

"Pois, assim fazendo, as portas do inferno não prevalecerão contra vós; sim, e o Senhor Deus dispersará diante de vós os poderes da escuridão, e fará sacudir os céus para o vosso bem e para a glória do seu nome." (D&C 21:4-6.)

Toda autoridade dada pelos anjos ao Profeta Joseph Smith é transmitida pela imposição das mãos a cada novo presidente da Igreja. Assim, o Presidente Benson, como novo líder, tem agora em seu poder todas as chaves que foram restauradas para levar avante esta dispensação, em preparação para a Segunda Vinda do Senhor.

O Presidente Benson é o décimo-terceiro presidente da Igreja por ordem cronológica, ofício que assume com humildade e devoção. Ele governará com carinho e amor, no espírito das sagradas escrituras. Procurará constantemente conhecer e aplicar a palavra do Senhor para esta época tão importante na história da Igreja.

O Presidente Benson presidiu o Conselho dos Doze por aproximadamente doze anos, chegando a este cargo quando o Presidente Spencer W. Kimball sucedeu o Presidente Harold B. Lee na Primeira Presidência.

O Presidente Kimball o designou no dia 30 de dezembro de 1973. Ele liderou o quorum com grande eficiência, constante inspiração e uma incessante abundância de amor a seus irmãos, cujo bem-estar tem sido seu único desejo. Sempre teve em mente seus melhores interesses, além do "que é melhor para o reino", ao designar-lhes suas responsabilidades em várias partes do mundo.

Sua administração foi caracterizada pela constante harmonia no Quorum dos Doze. Para todos os envolvidos, foi um trabalho de amor e boa vontade. Esses irmãos estavam em plena sintonia com a palavra do Senhor, que diz: "Eu vos digo, sede um; e se vós não sois um, não sois meus." (D&C 38:27.)

O Presidente Benson assume o ofício de Presidente da Igreja com todo o amor e poderoso apoio dos Doze e de todas as Autoridades Gerais. Eles trabalharão com ele no verdadeiro espírito de seus chamados para o crescimento do Reino de Deus em todas as partes do mundo livre.

A vida inteira do Presidente Benson foi um excelente preparo para esta nova posição. Desde a juventude, ele vem-se devotando à obra do Senhor. Já na infância, o poder de Deus se manifestou em sua vida. Quando nasceu, não se esperava que vivesse, mas sobreviveu com as bênçãos do Santo Sacerdócio. Desde aí, foi-lhe permitido dedicar toda uma vida de trabalho ao Mestre.

As experiências do Presidente Benson na Igreja vêm de longo tempo e são muito variadas, começando na juventude como diácono e escoteiro. Com o passar dos anos, tornou-se plenamente ativo tanto na AMM (hoje Mutual) como nos quoruns do sacerdócio. Serviu como superintendente de ala e estaca da AMM em Boise, Idaho. Foi duas vezes presidente de estaca, primeiro em Boise, Idaho, e mais tarde em Washington, D.C. Deste último cargo, foi chamado para o Conselho dos Doze, em julho de 1943.

No Escotismo, recebeu as três mais altas distinções dos Escoteiros da América. Por muitos anos foi membro da Junta Executiva Nacional, B.S.A., que governa todo movimento escoteiro dos Estados Unidos, sucedendo o Presidente George Albert Smith nessa posição.

Como membro do Conselho dos Doze, viajou por todo o mundo, visitando centenas de estacas e todas as missões, organizando muitas novas unidades. Neste período, organizou muitas estacas, tais como: Tóquio, Japão, 15 de março de 1970; Melbourne, Austrália, 22 de agosto de 1971; Osaka, Japão, 12 de setembro de 1972; Manilha, Filipinas, 20 de maio de 1973; Belfast, Irlanda, 9 de junho de 1974; Copenhague, Dinamarca, 16 de junho de 1974; Helsinque, Finlândia, 16 de outubro de 1977; Munique, Alemanha, 23 de outubro de 1977; Nagoya, Japão, 10 de maio de 1978; Nauvoo, Illinois, 18 de fevereiro de 1979; Viena, Áustria, 20 de abril de 1980; Brasília, Brasil, 12 de outubro de 1980; Naha Okinawa, Japão, 23 de outubro de 1980; San Juan, Porto Rico, 14 de dezembro de 1980; Berna, Suíça, 3 de maio de 1981; Milão, Itália, 7 de junho de 1981; Genebra, Suíça, 20 de junho de 1982; Barcelona, Espanha, 31 de outubro de 1982.

Uma das mais notáveis experiências de seu ministério deu-se no fim da II Guerra Mundial, quando recebeu a incumbência de reorganizar a obra da Igreja na Europa, lamentavelmente interrompida durante a guerra, e distribuir mantimentos, roupas e suprimentos médicos tão necessários aos santos que haviam sobrevivido às devastações do conflito.

Ainda como parte dessa designação, ele visitou os santos de treze países, distribuindo os suprimentos tão necessários e reunindo-se com eles em grupos grandes e pequenos, inspirando-os a terem sempre fé em Deus e a saberem que ele lhes proveria o necessário.

O mais difícil foi entrar na Alemanha, mas o Senhor lhe abriu as portas e lhe deu muitos amigos, permitindo, assim, que entrasse em contato com os santos de quase todo aquele país.

O mesmo aconteceu quando foi para a Polônia, onde só conseguiu entrar por intervenção divina. Visitou todos os países escandinavos e dedicou a Finlândia para a pregação do evangelho. Também trabalhou na Holanda, França, Bélgica, Tchecoslováquia, Áustria, Suíça e Grã-Bretanha, sempre fortalecendo espiritualmente os santos e provendo-lhes víveres, remédios, e roupas onde solicitado.

Isto foi possível graças à cooperação do Programa de Bem-Estar da Igreja nos Estados Unidos. Dos armazéns de bem-estar das estacas da Cidade do Lago Salgado, saíram todo o tempo em que foram necessários muitos vagões de suprimentos, sendo sua distribuição da responsabilidade do Presidente Benson.

A fim de conseguir acesso aos vários países, o Presidente Benson teve de recorrer a oficiais das Forças Armadas. O acesso a esses homens era usualmente difícil. Mas, novamente, o Senhor abriu caminho.

Certa ocasião, ele precisava viajar para Berlim. Entretanto, ao procurar falar com o General Joseph T. McNarney, o general de quatro estrelas responsável na ocasião por todas as forças americanas na Europa, foi sumariamente barrado por seu ajudante de ordens.

Desapontado, retornou para seu carro e, humildemente, rogou aó Senhor que lhe abrisse o caminho. Em seguida, voltou ao escritório do general, sendo desta vez imediatamente admitido e mais, recebendo toda a assistência necessária.

O general lembrou-lhe o fato de que ele seria o primeiro civil americano a viajar para Berlim de carro desde a ocupação militar, acrescentando que o Exército não se responsabilizaria por sua segurança.

O Presidente Benson assegurou-lhe não estar temeroso quanto a sua segurança pessoal, pois sabia que o Senhor o protegeria. Esse tipo de incidente repetiu-se muitas e muitas vezes.

Quando o Presidente Benson precisou viajar às pressas de Paris para Haia, na Holanda, já não havia mais lugar em nenhum dos aviões. Por meio de jejum e oração, foram-lhe conseguidos três lugares, um para seu secretário, outro para ele e o terceiro para um capelão que o acompanhava.

Certa vez, Richard Ranglack, membro local da Igreja, acompanhou o Irmão Benson a um armazém no qual estavam estocados alguns suprimentos de Utah. Dirigindo-se ao Irmão Benson, ele perguntou: "Está querendo me dizer que estas caixas estão cheias de comida?" Ao que ele respondeu: "Sim, tanto de comida, como de roupas e também suprimentos médicos, espero!"

Baixaram algumas caixas, e a primeira que abriram continha trigo partido. O Irmão Ranglack não conseguia acreditar. Passou as mãos pelo trigo e desatou a chorar como uma criança. A segunda caixa estava cheia de feijão. O Irmão Ranglack continuou chorando e disse: "Irmão Benson, é inacreditável como pessoas que nunca nos viram antes, estejam fazendo tanto por nós."

Essa experiência foi igual a muitas outras durante aquele seu chamado.

Essas e outras experiências fizeram o Presidente Benson sempre lembrar-se das palavras do pai que, com sua mãe, lhe ensinou a ter fé na oração. Seu pai lhe dizia: "Lembre-se, não importa o que você faça ou onde você esteja, nunca estará sozinho. Nosso Pai Celestial sempre está perto. Você poderá recorrer a ele pela oração e receber ajuda." O Presidente Benson descobriu que isto era verdade, pois o Senhor nunca o abandonou.

Vinte anos depois de seu trabalho na Europa destruída pela guerra, voltou para lá como presidente das missões européias, com sede em Frankfurt, Alemanha. Durante seu ministério lá, viu muitas vezes a mão do Senhor operando em seu trabalho.

Também pôde observar o enorme progresso da Igreja depois da guerra. Estacas haviam sido organizadas, novas missões fundadas e milhares de pessoas se convertido à Igreja. Essa sua missão estendeu-se de 1º de janeiro de 1964 a 14 de setembro de 1965.

Da sede na Alemanha, dirigiu a obra para a Itália, onde foram criados fortes ramos. Sob sua direção, foram também enviados missionários ao Líbano. Por volta de 26 de fevereiro de 1965, vinte missionários estavam trabalhando na Itália lançando a base para a atual organização de uma estaca e três missões. Mais tarde, o próprio Presidente Benson voltou e organizou a Estaca de Milão.

Um dos mais notáveis períodos de sua vida iniciou-se quando ele foi nomeado Secretário da Agricultura do gabinete do Presidente Dwight D. Eisenhower.

Foi uma responsabilidade que ele não almejou. A primeira vez que o Presidente Eisenhower o convidou a ocupar o cargo, o Presidente Benson recusou.

Aconselhando-se com o Presidente David O. McKay, que na ocasião era o Presidente da Igreja, disse-lhe abertamente que preferia continuar com seu trabalho como membro do Conselho dos Doze.

O Presidente McKay, entretanto, aconselhou-o a ir a Nova York, onde, após a eleição Eisenhower sediara seus trabalhos, e ter uma entrevista com ele. O presidente eleito mencionou ao Élder Benson o grande respeito que lhe devotavam os fazendeiros do país, dizendo-lhe que era desejo de todos que ele se tornasse um membro do gabinete, como Secretário da Agricultura.

Novamente, o Élder Benson se aconselhou com o Presidente McKay, que lhe disse ser seu dever cívico aceitar o chamado do governo americano. Foi somente então que o Élder Benson aceitou sua nomeação.

Ele serviu nesse cargo por oito anos. O Presidente Eisenhower disse a seu ministro que gostaria de que ele permanecesse no gabinete durante todo o tempo de seu mandato na Casa Branca, o que aconteceu.

Viajou por todo o mundo nessa função, negociando com os chefes de governo de muitas nações. Levou avante uma política progressista e eficaz na direção das atividades agrícolas dos Estados Unidos.

Essa sua responsabilidade foi particularmente benéfica para outras nações, desde que era ele quem orientava a maior parte da distribuição de auxílio remetido a nações necessitadas.

O Presidente Benson nasceu em Whitney, Condado de Franklin, Idaho, a 4 de agosto de 1899. Filho de Sarah Dunkley e George T. Benson, era bisneto do Apóstolo Ezra Taft Benson, um dos pioneiros que entraram no Vale do Lago Salgado com Brigham Young, em 24 de julho de 1847.

Seus avós estavam entre os primeiros colonizadores do Vale Cache, na divisa de Utah com Idaho. Criou-se numa fazenda no seu estado natal, onde trabalhou como fazendeiro de 1923 até 1930.

Era o mais velho dos onze irmãos. Aos doze anos, assumiu o controle de uma manada de gado leiteiro, enquanto seu pai partia para uma missão de dois anos. Custeou sua faculdade como trabalhador agrícola.

No dia 10 de setembro de 1926, Flora Smith Amussen e Ezra Taft Benson casaram-se no Templo de Lago Salgado, sendo oficiante o Élder Orson F. Whitney, do Conselho dos Doze, que havia sido seu presidente de missão e que teve seu nome colocado na cidade em que o presidente nasceu, Whitney, Idaho.

Atualmente o presidente e a Irmã Benson têm seis filhos, trinta e quatro netos e vinte bisnetos.

Flora Amussen era a filha mais nova de Carl C. Amussen, originário da Dinamarca, um eminente joalheiro e relojoeiro durante a corrida do ouro de 1848 na Austrália. Ele filiou-se à Igreja em Liverpool, Inglaterra, e emigrou para Utah, atravessando as planícies em 1865. Abriu uma joalheria na Cidade do Lago Salgado, na Rua South Main, número 60.

A mãe de Flora era Barbara Smith Amussen, nascida em Tooele, Utah, de pais escoceses. O pai de Flora faleceu quando ela estava com apenas um ano de idade, tendo sua mãe criado sozinha os seis filhos.

A primeira vez que o Presidente Benson viu Flora, sentiu que ela seria sua esposa. Um dia, ele estava com outros jovens estudantes no campus da Universidade Estadual de Utah, quando uma jovem passou por eles de carro. Eles acenaram para ela. Nesse momento, o Élder Benson perguntou: "Quem é essa garota?" Eles responderam: "É Flora Amussen." Então ele disse: "Vou casar-me com ela." Um deles respondeu: "Não vai, não. Ela é popular demais para um rapaz do campo." Então, ele respondeu: "É isso que torna tudo mais interessante!"

Em 1927 ele completou o mestrado na Universidade Estadual Iowa e foi eleito para a Gamma Sigma Delta, uma sociedade honorária agrícola.

O casal mudou-se então para a fazenda em Whitney, Idaho, passando a dedicar-se ativamente à agricultura. Ele comprara a fazenda em sociedade com seu irmão Orval.

No outono de 1927, Orval foi chamado para uma missão na Dinamarca, sendo sustentado pela renda proveniente da fazenda.

Em 1939, ele foi nomeado secretário executivo do Conselho Nacional de Cooperativas Agrícolas, o que exigiu sua mudança para Washington, D.C. Em menos de um ano, tornou-se presidente da recém-criada Estaca Washington. Em 1943, tornou-se membro do Conselho Nacional de Escoteiros da América.

A 10 de abril de 1957, foi-lhe conferida a Grande Cruz da Ordem do Mérito da República Italiana, a mais alta con-

decoração que o governo italiano lhe poderia conceder, em reconhecimento da ajuda prestada à Itália na solução de seus problemas de alimentação com excedentes da produção norte-americana.

Em janeiro de 1961, concluiu seu trabalho de oito anos como Ministro da Agricultura, dos Estados Unidos, retornando para a Cidade do Lago Salgado, a fim de reassumir suas responsabilidades como membro do Conselho dos Doze.

Em 1967, chegou à Cidade do Lago Salgado uma delegação para convidar o Presidente Benson a candidatar-se a presidente dos Estados Unidos. Já havia grupos políticos organizados com esse propósito em Michigan e no sul de Illinois. O Presidente Benson, todavia, não os encorajou, e assim a campanha foi abandonada.

Noutra ocasião, foi convidado a se candidatar a governador do Estado de Utah, o que também recusou, pois agora seu maior propósito era devotar-se inteiramente à Igreja, como membro do Conselho dos Doze.

Após ter sido anunciada a nova Primeira Presidência, o Presidente Benson disse:

"Este é um dia que eu não esperava. Minha esposa, Flora, e eu temos orado continuamente para que os dias do Presidente Kimball fossem prolongados aqui na terra e que um outro milagre se realizasse em seu favor. Agora que o Senhor se pronunciou, procuraremos fazer o melhor, de acordo com sua orientação, para levar a obra avante aqui na terra.

"Sentiremos muita falta do Presidente Kimball.

"Nós dois nos sentamos lado a lado no Conselho dos Doze Apóstolos por muitos anos. Eu o amo muito. Seu grande amor e ensinamentos nunca serão esquecidos.

"Meu coração transborda de profundo amor e solidariedade por todos os membros da Igreja e por todos os filhos de nosso Pai Celestial, os quais eu amo independente de sua cor, religião e inclinações políticas. Meu único desejo é servir ao Senhor de acordo com a sua vontade.

"Alguns têm perguntado expectantemente qual será o rumo da Igreja no futuro. Podemos dizer que o Senhor, se tem concentrado enfaticamente, através do Presidente Kimball, na missão tríplice da Igreja: pregação do evangelho, aperfeiçoamento dos santos e redenção dos mortos. Nós faremos tudo para levar avante esta missão.

"Assim, continuaremos a encorajar todos os membros a cumprirem suas responsabilidades missionárias. Faremos a obra missionária nos países que o permitirem. Incentivaremos os membros do mundo inteiro a respeitarem as leis do país em que vivem.

"Continuaremos a enfatizar a importância de um lar e vida familiar profundamente cristãos. Sentimos a crescente necessidade de os pais ensinarem os filhos a viver os princípios do evangelho como revelados na Bíblia, no Livro de Mórmon e outras escrituras sagradas.

"Continuaremos a enfatizar a obra do templo. O Senhor nos deu a grande incumbência de realizar as ordenanças vitais por vivos e mortos.

"Gostaríamos de testemunhar ao mundo inteiro que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é dirigida pelo nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Cremos em Cristo. Aceitamos e confirmamos seus ensinamentos como verdades reveladas de Deus. Sabemos que ele é o Filho literal de Deus. Amamo-lo como nosso Salvador e Senhor ressurreto.

"Cremos que 'nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos.' (Atos 4:12.)

"Assim, convidamos todos os homens, como revela o Livro de Mórmon: '...vinde a Cristo, sede perfeitos nele e negai-vos a todas as impurezas... e (amai) a Deus com todo o vosso poder, mente e força.' (Morôni 10:32.)

"Rogamos aos membros da Igreja que sejam fiéis e guardem os mandamentos de Deus.

"Desejo expressar meu amor e gratidão aos maravilhosos conselheiros que tenho ao meu lado.

"Desejamos levar nosso amor a todos os membros da Igreja e a todos os filhos de nosso Pai em todas as nações.

"Amo esta obra com toda minha alma.

"Ficarei muito agradecido por vossa fé e orações por mim, meus conselheiros e pela sagrada obra do Altíssimo."

A essência deste artigo foi preparada pelo Élder Mark E. Petersen antes de sua morte.

Servindo junto ao Presidente Benson na Primeira Presidência, estão o Élder Gordon B. Hinckley como primeiro conselheiro, e o Élder Thomas S. Monson como segundo conselheiro.

O Presidente Hinckley serviu como conselheiro do Presidente Spencer W. Kimball desde 23 de julho de 1981. Antes disso, serviu por vinte anos como membro do Quorum dos Doze e três anos e meio como Assistente dos Doze.

Nasceu em 23 de junho de 1910, na Cidade do Lago Salgado, filho de Bryant S. e Ada Bitner Hinckley. Formou-se na Universidade de Utah e cumpriu missão nas Ilhas Britânicas. Ao retornar da missão, trabalhou como secretário do Comitê de Rádio, Publicidade e Literatura da Missão da Igreja, que deu origem ao atual Departamento de Comunicações Públicas.

Foi presidente de estaca, membro da Junta Geral da Escola Dominical e secretário-executivo do Comitê Missionário. Tornou-se Autoridade Geral em 1958, e desde então tem viajado por todo o mundo. Dedicou mais templos do que qualquer outro líder da história da Igreja nesta dispensação.

O Presidente Hinckley é conhecido por suas publicações, sua oratória e experiência na área de comunicações.

Ele e a esposa, Marjorie Pay, têm cinco filhos e vinte e três netos.

O Presidente Monson estava servindo como membro do Quorum dos Doze, quando foi chamado para conselheiro.

Élder Monson foi chamado para os Doze em 4 de outubro de 1963, ocasião em que servia como vice-encarregado do Comitê Executivo do Sacerdócio e encarregado do Comitê de Publicação de Escrituras.

Filho de G. Spencer e Gladys Condie Monson, nasceu na Cidade do Lago Salgado em 21 de agosto de 1927. Após ter servido na Marinha dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, formou-se na Universidade de Utah. Posteriormente, obteve o mestrado na Universidade de Brigham Young.

Serviu como secretário de ala, conselheiro de bispado, bispo, conselheiro de estaca e presidente da Missão Canadense.

Ele é membro do Conselho Nacional Executivo dos Escoteiros da América e recebeu a mais alta distinção oferecida por esse Conselho.

Na época em que se tornou Autoridade Geral, era diretor da Empresa Deseret Press (hoje, Centro Tipográfico de Lago Salgado), vindo a ser mais tarde, presidente e encarregado do Conselho da Companhia de Publicação do Deseret News, e vice-presidente do Newspaper Agency Corporation.

O Presidente Monson e a esposa, Frances Beverly Johnson, têm três filhos e cinco netos.

QUORUM DOS DOZE

Presidente Marion G. Romney

O Élder Marion G. Romney foi nomeado presidente do Quorum dos Doze. Em 7 de julho de 1972, foi chamado e serviu como segundo conselheiro do Presidente Harold B. Lee; depois como segundo e, posteriormente, como primeiro conselheiro do Presidente Spencer W. Kimball.

O Presidente Romney, de 88 anos, foi chamado como Assistente dos Doze, em 6 de abril de 1941. Tornou-se um membro do Quorum dos Doze em outubro de 1951. Ele é um célebre escriturário e tem sido um guia influente no programa de Serviços de Bem-Estar da Igreja.

Devido a seu delicado estado de saúde, o Élder Howard W. Hunter, de 78 anos, foi nomeado como Presidente Interino do Quorum dos Doze, do qual é membro desde 10 de outubro de 1959.

O Presidente Hunter já foi responsável por genealogia, templo, correlação e atividades de bem-estar da Igreja.

Presidente Howard W. Hunter

Chamadas Onze Representantes de Juntas Gerais de Área

Onze mulheres que atualmente residem fora dos Estados Unidos foram chamadas para ser representantes de área das juntas gerais. Elas servirão como representantes oficiais das presidências da Primária, da organização das Moças e da Sociedade de Socorro, para treinar, motivar e dar apoio às mulheres de cada área. Nove delas foram chamadas para ocupar tais cargos em abril de 1985.

As onze mulheres, esposas de membros do Primeiro Quorum dos Setenta que estão servindo como presidentes de área, e suas respectivas áreas são: Mary Ann Bradford, e Viva Mae Wilcox, Área Ásia; Janelle Cook, Dorothy Brewerton e Eunice Kay, Área México-América Central; Caroline Howard, Sharon Dunn e Nair Camargo, Área Sul-Americana Norte; Helen Fyans e Beverly Call, Área Sul-Americana Sul; e Helene Ringger, Área Europa.

As três representantes das juntas gerais da área Sul-Americana Norte, Irmã Howard, Irmã Dunn e Irmã Nair Camargo residem no Brasil.

Irmã Howard e seu esposo, Élder F. Burton Howard, têm cinco filhos. Serviu com o marido quando este presidiu a Missão Uruguai Montevidéu, de 1980 a 1982. Nascida em Garfield, Utah, foi presidente da Primária e das Moças, diretora de acampamento da estaca e professora da Sociedade de Socorro e Primária.

Irmã Caroline Howard

Irmã Sharon Dunn

Irmã Nair Camargo

Irmã Dunn, esposa do Élder Loren C. Dunn, é natural da Cidade do Lago Salgado, Utah. É formada pela Universidade de Utah, como bacharel em projetos de interiores. O casal tem cinco filhos. Ela acompanhou o marido em seu chamado para presidir a Missão Austrália Sydney, de 1975 a 1978. Atuou como diretora da Associação de Pais e Mestres de sua comunidade, e serviu dezenove anos nos programas da organização das Moças da Igreja como presidente, conselheira, líder e professora das Lauréis.

Irmã Camargo nasceu em Resende, Rio de Janeiro, Brasil. Ela e o marido, Élder Hélio da Rocha Camargo, do Primeiro Quorum dos Setenta e da presidência da Área Sul-Americana Norte, são pais de cinco filhos e uma filha. É formada em contabilidade pela Universidade de Niterói e durante três anos trabalhou como contadora, isto antes do casamento. Serviu com o marido quando ele foi presidente da Missão Brasil-Rio de Janeiro. Ela foi presidente da Primária, presidente da Sociedade de Socorro, professora da Escola Dominical e presidente de Primária de distrito.

Estaca Florianópolis Brasil

Enviado por Mário Fernandes Dias Diretor de Comunicações Públicas da Estaca Florianópolis Brasil

Dois de novembro de 1985, foi um dia especial para os membros da Igreja nesta região, pois nele foi criada a segunda estaca em Santa Catarina: Estaca Florianópolis. Por mais de vinte anos, alguns homens valentes no testemunho do Livro de Mórmon lutaram para que o evangelho prosseguisse sem desânimo: João Raulino, Bruno Espíndola e João Campos, falecidos. Nesta conferência estavam 1.200 membros e visitantes. Falaram na abertura da conferência os Irmãos Filinto Faria e Adenor Schoroeder, da Estaca Joinville.

O Élder Nielsen, Representante Regional, falou dos esforços de três anos, para hoje termos uma estaca de Sião na capital considerada "Ilha de Sol e Mar". Discursaram ainda Jerry F. Twitchell, Presidente da Missão Curitiba, e o Élder F. Burton Howard, do Primeiro Quorum dos Setenta, e presidente da área Sul-Americana Norte sobre o tema: Que classe de homens deveremos ser?

A Presidência da Estaca Florianópolis Brasil ficou assim formada: presidente: César Augusto Seigner Milder, 28 anos, natural de Uruguaiana, RS. Cumpriu missão em São Paulo, de 1978 a 1980, e casou-se com Dayse de Paula. Tem duas filhas, e foi selado no Templo de São Paulo em 1981. Foi bispo, membro do sumo conselho de estaca em Curitiba e conselheiro de missão. Trabalha no Sistema Educacional da Igreja. Primeiro conselheiro: Aristides Acosta Ferrão, 31 anos. É funcionário do Banco do Brasil. Casado com Regina dos Santos. Tem 3 filhos, e foi selado no Templo de São Paulo a 30 de julho de 1980. Cumpriu missão no Rio de Janeiro de 1976 a 1978. Foi membro do sumo conselho da estaca, bispo e presidente de ramo. Segundo conselheiro: Carlos César da Silveira, 23 anos. Casou-se com Maria de Fátima Veras, no Templo de São Paulo. Eletrotécnico por profissão, já foi presidente do quorum de élderes, e líder da obra missionária.

Sete unidades compõem a nova estaca: as alas Florianópolis Bela Vista, Florianópolis Estreito, Florianópolis Ilha, Florianópolis Saco dos Limões, Florianópolis Sul, e os ramos Crisciúma e Tubarão. As alas saíram da Estaca Joinville, e os ramos da Missão Brasil Porto Alegre.

Aristides Acosta Ferrão

César Milder

Carlos César da Silveira

Mais uma Capela

Enviado por Suzana Mcauchar

A Ala Alto da Serra, em Petrópolis, teve sua capela dedicada no dia 7 de dezembro de 1985 com uma cerimônia muito especial, que contou também com a presença de vários membros de outras unidades. Como sempre, a música proporcionada pelo coro da ala aumentou a espiritualidade da ocasião. O endereço da capela é Rua Teresa, 52 — Petrópolis — RJ — CEP 25600.

A Profecia Está Cumprida: Dois Templos Foram Dedicados na América do Sul

John L. Hart, do Church News

Cerca de dez mil membros dos altiplanos do Peru e Bolívia ouviram o Presidente Gordon B. Hinckley proclamar a dedicação do Templo Lima Peru — um cumprimento de profecia e resposta às orações de muitos dos filhos de Léhi.

O templo foi dedicado em onze sessões, dos dias 10 a 12 de janeiro, durante os claros dias de verão do hemisfério sul.

Junto com o Presidente Hinckley estavam o Élder James E. Faust, do Conselho dos Doze; o Élder Robert L. Simpson, do Primeiro Quorum dos Setenta; e a presidência da Área Sul-Americana Norte, Élderes F. Burton Howard, Loren C. Dunn, e Hélio da Rocha Camargo, que também são membros do Primeiro Quorum dos Setenta.

O Presidente Hinckley mencionou diversas vezes como ele e outros líderes da Igreja haviam visitado a área por diversas vezes décadas antes, e como oraram fervorosamente para que o evangelho viesse a aliviar o fardo e iluminar a vida dos descendentes do Pai Léhi.

O Presidente Hinckley disse que essa dedicação enfatizou o grande progresso que está alcançando o povo dessa área.

Muitos membros viajaram mais de quinze horas de ônibus para o local do templo, situado nos arredores de Lima. Eles vieram das florestas tropicais do leste dos Andes e dos desertos do sul, uma região que outrora circundava o império inca.

Na época da dedicação do Templo de Lima, a visitação pública ao Templo de Buenos Aires Argentina estava terminando. O Templo de Buenos Aires foi dedicado em onze sessões, de 17 a 19 de janeiro, pelo Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro na Primeira Presidência.

Estava acompanhado do Élder Boyd K. Packer do Conselho dos Doze e do Élder Robert L. Simpson do Primeiro Quorum dos Setenta, diretor administrativo do Departamento de Templos. Também presentes estavam a presidência da Área Sul-Americana Sul, Élderes J. Thomas Fyans, Spencer H. Osborn, e Waldo P. Call, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Perto de vinte e nove mil e cinqüenta pessoas visitaram o Templo de Buenos Aires, localizado próximo a uma rodovia e um aeroporto, durante os oito dias de inauguração.

Um pastor batista comentou que a experiência foi muito espiritual. Um membro inativo declarou que a visita "fez-me ver as muitas coisas que eu preciso mudar".

Um não-membro disse, "Quando eu entrei na sala de selamento, senti uma profunda emoção. Quase fiquei emocionado demais para entrar." Um pesquisador falou, "Isto me ajudará a ser batizado. Não me considerava digno de entrar no templo".

Um jornalista comentou, "A sensação de paz é inacreditável. Meu desejo é que sua religião ajude o povo a ter paz interior."

Ele Ajudou a Edificar o Reino Enquanto Construía o Templo

Lima, Peru — Sérgio Gomes ajudou a edificar o reino enquanto ajudava a construir o Templo em Lima, Peru. Irmão Gomes, brasileiro e representante de projetos para o Departamento de Construção da Igreja, espalhou o evangelho enquanto supervisionava a construção do templo, comentou o Presidente Dale H. Christensen da Missão Peru Lima Sul.

Gomes foi responsável no ano passado pela distribuição de mais folhetos e exemplares do Livro de Mórmon, mais palestras ensinadas, e mais conversões do que qualquer outra pessoa da Missão.

Irmão Gomes sempre convidava os missionários para passar filmes aos trabalhadores da construção na hora do almoço, ou enviava os missionários a suas casas à noite. Pelo menos cinqüenta pessoas entraram para a Igreja como resultado dos esforços do Irmão Gomes, que também supervisionou a construção do Alojamento do Templo e Escritórios da Igreja em São Paulo.

Inaugurada a Capela do Ramo de Nonoai

Enviado por Wilmar Caldas

Ao ouvir o hino nacional, com os olhos fitos na bandeira nacional que ascendia altaneira ao mastro da capela do Ramo de Nonoai, em Porto Alegre, lembrei-me das palavras do Élder Ballard que, há muitos anos, predizia que o Reino do Senhor cresceria em nossa terra inicialmente devagar, mas depois cresceria como o carvalho.

No dia 30 de novembro de 1985, quando a fita inaugural foi cortada pelo representante do Governador do Estado do Rio Grande do Sul e Secretário para Assuntos Extraordinários — Professor Watomyr Mallet — a capela foi embelezada graças à iniciativa do Presidente do Ramo Nelson Delvaux, com murais espalhados pelos corredores e que contam a história da Primeira Visão, ensinam sobre o batismo e o plano de salvação, e dão um colorido especial à casa do Senhor.

Também prestigiou o evento o Vereador Valdir Fraga, que afirmou: "Chegando-se aqui, percebe-se a presença de Deus."

O Presidente Laury Figueiró proferiu a oração dedicatória. Após a dedicação teve lugar um momento artístico abrilhantado pela Banda Marcial do Colégio Isabel de Espanha, da Cidade de Viamão, que também trouxe um conjunto de danças espanholas. Anteriormente a este evento, os Irmãos Vilmar Caldas (diretor de Comunicações Públicas da estaca), Nelson Delvaux (presidente do Ramo de Nonoai) acompanhados de suas esposas e Wilson Alves Pinto, dirigiram-se ao Palácio do Governo para visita ao governador do estado. O Governador Jair Soares interessou-se muito pelo aspecto educacional da Igreja e sua influência junto à população, e observou seu crescimento constante no Rio Grande do Sul.

Dedicação da Primeira Capela de Foz do Iguaçu

Enviado por Júlio D. C. Ribas
Presidente do Ramo

Desde a criação do primeiro ramo da Igreja em Foz do Iguaçu — PR em 1982, os santos pioneiros daquela cidade começaram a vislumbrar a possibilidade de um dia se tornarem uma grande estaca de Sião e de poderem contar com as bênçãos de uma capela que possibilitasse a prática de todos os programas da Igreja.

No dia 08 de dezembro último, quando proferiu a oração dedicatória o Presidente da Missão Brasil Curitiba, Jerry F. Twitchell, em cerimônia que antecedeu a Primeira conferência dos Ramos de Foz do Iguaçu e Cascavel, juntamente com os santos de Porto Presidente Stroessner-Paraguai, os membros viveram momentos inesquecíveis pelo espírito de gratidão ao Pai Celestial, pela felicidade de verem parte do sonho inicial cumprindo-se. Naquele dia, foi registrada a presença de 305 pessoas entre membros e convidados.

Como parte da Semana de Inauguração, foi organizada uma Exposição nos dias 13, 14 e 15 de dezembro, quando as organizações auxiliares do ramo em conjunto com o sacerdócio, puderam apresentar a Igreja aos visitantes, pesquisadores e autoridades, convidados pelos missionários de tempo integral.

João C. Maldonado, o Mais Novo Imortal Carioca

Enviado por Cid Ney B. Salema
Diretor Regional de Comunicações Públicas/RJ

Tomou posse na Academia de Letras o Irmão João Christiano Maldonado, jornalista e escritor, diretor de Comunicações Públicas da Estaca Petrópolis-Rio de Janeiro, no dia 19 de novembro de 1985, em reunião solene naquela academia, que contou com a presença dos acadêmicos Theóphilo de Andrade, Pizarro Drummond, Yves de Oliveira, Dagmar Chaves, Nísia Nóbrega, Oliveiros Litrento, Heitor Praguer Froes, Olavo Dantas, Luiz de Castro e Souza, Aloysio Picanço, Pinto de Aguiar e Sílvio Meira.

Fizeram parte da Mesa: Antonio Fantinato, representante do Itamaraty; General Morivalde Calvet, Pres. da Academia Maçônica de Letras; o Pres. da ACL, Theóphilo de Andrade; o secretário Oliveiros Litrento; Adelmy Neiva, Pres. da Federação das Academias de Letras do Brasil; Antonio Almeida Costa, primeiro conselheiro da Missão Brasil-Rio de Janeiro; D. Hilda Moreira de Mello, viúva do Embaixador Mellilo Moreira de Mello, antecessor de João Maldonado na Cadeira Nº 25, e Dagmar Chaves, candidato à presidência da Academia.

Estiveram ainda presentes o Embaixador Adolpho Bezerra de Menezes; General Hermes Guimarães; Antonio José Mendonça, Pres. da Estaca Petrópolis, que comandou uma caravana de irmãos petropolitanos; diversos poetas, membros de outras Academias, parentes do Irmão Maldonado e amigos que vieram abraçá-lo.

O fato revestiu-se de grande prestígio para a Igreja, pelo fato de ter sido a primeira vez que um santo dos últimos dias assumia tão elevado posto na vida intelectual do Rio de Janeiro, alcançando a imortalidade na Academia Carioca de Letras. O Irmão Maldonado foi saudado pelo renomado escritor e Suplente de Senador, Sílvio Meira. O Pres. Mendonça classificou o discurso do Irmão Maldonado como "corajoso e de alto valor para a Igreja".

Festa da Criança

Enviado por Flávio Cardoso Gama
Presidente do Ramo São Luís-Maranhão

A foto mostra as crianças que participaram da festa da Criança em 12 de outubro p.p., organizada pela Primária do ramo São Luís-Maranhão. A presidência é formada pelas Irmãs Francesca Escossio do Carmo, presidente, e sua conselheira Terezinha de Jesus Barbosa. A festa alcançou muito sucesso e essas crianças são o futuro desse ramo.

Ala de Bela Vista

Enviado por Janice Gelsleischter

Mais de 200 pessoas aplaudiram de pé o grande show teatral apresentado pelos jovens da Ala Bela Vista e ensinados pelo Élder N. Dias, missionário da Missão Brasil Curitiba. Toda a ala se envolveu e a Sociedade de Socorro ficou encarregada do figurino e da maquilagem. Para o trabalho missionário isto foi muito bom, pois muitos dos visitantes que assistiram ao show ficaram emocionados e tiveram grande desejo de saber mais sobre a Igreja.

Este show contou também com a participação dos Élderes de Florianópolis, e o ponto máximo do show, foi a peça encenada pelo Élder N. Dias e os jovens da Ala Bela Vista, que trouxe para todos um grande espírito.

Obrigada Élder N. Dias!

Perfil de um Jovem Mórmon

Nívio Varella Alcover
Presidente da Estaca Santos Brasil

A época do vestibular é, para o jovem, motivo de angústias e, muitas vezes, frustrações. Mas, para aquele que se prepara, planeja e segue suas metas, não esquecendo o lado espiritual, os frutos não demoram a ser colhidos. A história que vamos contar não tem suspense nem um final inesperado. Seu personagem é um jovem de 17 anos, simples, humilde e muito esforçado. Um jovem, que embora se preparando duramente para o vestibular, jamais postergou seus deveres religiosos. Quem não conhece na Estaca Santos o Marcus Vinicius A. Gonçalves de Freitas? Aquele jovem risonho da Ala da Ponta da Praia? Pois o Marcus Vinicius foi o 1º colocado no exame vestibular da Faculdade de Direito de Santos. Foi aprovado também no Mackenzie, mas optou pela tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco, as famosas Arcadas, por onde passaram os nomes mais brilhantes e representativos do Brasil, e que agora terá como aluno o secretário da Ala da Ponta da Praia e também professor dos Luzeiros da Primária. Acreditamos que a vida acadêmica não mudará este jovem promissor, que, em 1985, além de se preparar para os exames vestibulares, também conseguiu o 2º lugar no Exame de Proficiência em Inglês, expedido pela Universidade de Cambridge. Não obstante os afazeres escolares, pois também terminava o 3º colegial, Marcus Vinicius jamais faltou com suas obrigações religiosas, sendo um verdadeiro exemplo para os jovens da Igreja. Seus planos para o futuro são ainda indefinidos: não sabe se pende para a Diplomacia ou para a Magistratura. Em qualquer dos campos, temos a certeza de que representará muito bem a Igreja que tem como lema: "A glória de Deus é inteligência."

"Um Bom Amigo Está Sempre Presente"

Enviado por Laureni Fochetto

Este foi o tema da Segunda Conferência da Juventude da Estaca São Paulo Norte realizada nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 1985, que se tornou mais um marco das boas realizações do Comitê da Juventude da Estaca.

O lugar escolhido foi o Clube de Campo dos Funcionários da SABESP, na Serra da Cantareira, onde antigamente havia a Estação da Cantareira. As boas acomodações do clube abrigaram os 151 jovens e mais de 20 líderes que acompanharam a atividade.

Todos receberam o programa impresso no primeiro dia, sexta-feira, quando as atividades se iniciaram.

Primeiro dia: recepção, olimpíadas, jantar, jogos de salão. Segundo dia: passeio, piscina ou banho na cachoeira, gincana, premiação, jantar, baile. Terceiro dia: reunião de testemunho, almoço, palestra, encerramento.

O cardápio foi elaborado pelas irmãs da Sociedade de Socorro, que gentilmente prepararam todas as refeições. As equipes foram divididas em quatro cores, o que ajudou muito a realização da gincana no cumprimento das tarefas. A meta era ajudar os jovens a terem melhores sentimentos com relação ao Templo de São Paulo, e uma das tarefas era construir uma maquete do edifício do Templo com algumas varetas.

Com a música aprenderam a cultivar a amizade, pois tiveram tempo de compor uma canção com o tema "Um Bom Amigo Está Sempre Presente".

O teatro de bonecos também foi incentivado e os jovens apresentaram seus bonecos, na tarde do sábado, feitos com capim, folhas e flores do campo, sendo que a história devia ser baseada no tema da conferência.

Houve muita descontração durante o baile realizado na noite do sábado, uma vez que uma urna foi colocada no salão para a escolha de Miss e Mister Simpatia.

A melhor equipe ganhou lindas canetas para anotar os melhores momentos vividos naqueles dias.

Reunião Sacramental Genealógica

Enviado por José Roberto Máximo Estaca Campinas

Uma reunião sacramental sobre genealogia foi realizada no dia 17 de novembro de 1985, com a presença dos Irmãos Manoel Ricoy, primeiro conselheiro na presidência do Templo de S. Paulo; Carlos Alberto Domingues, gerente do Departamento Genealógico; José Roberto Máximo, diretor da Sucursal da Biblioteca Genealógica da Estaca de Campinas; Francisco Máximo Filho, professor de Genealogia da Ala 4 de Campinas e bibliotecário de Serviços a Usuários da Estaca Campinas; e Setuo Suzuki, líder dos sumos sacerdotes da Ala 4 de Campinas.

Nove formandos do curso "De Você para Seus Ancestrais" receberam certificados. A Irmã Miriam Simione Ponce falou sobre a Sucursal da Biblioteca Genealógica e de seus serviços prestados aos membros de Campinas. Marlene Veronezzi falou da necessidade de as famílias terem um Livro de Recordações. Falou também o Irmão Francisco Máximo Filho. Por último falou o Irmão Manoel Ricoy.

A reunião decorreu num clima de reverência e espiritualidade, fazendo-nos crer que o Espírito de Elias tenha tocado o coração dos presentes. O Bispo Edson de Marques entregou ao Irmão C. A. Domingues uma lista de 42 nomes de pessoas falecidas para serem realizadas as ordenanças do templo por elas.

Cozinha para Natal Acontece na Capela de Vila Maria

Enviado por Laureni Fochetto

A Presidência da Sociedade de Socorro da Estaca S. P. Norte muito se empenhou na realização de um Curso de Culinária para Natal que resultou em três dias inesquecíveis. O Jornal Autêntico, que circula pelo bairro, esteve presente registrando tudo e em sua edição do dia 20 de novembro divulgou a notícia ilustrada com fotos.

Animava as aulas a Prof. Elide Barros Amaro, que ao final de cada aula sorteava o prato do dia e brindes aos participantes.

Lotando sempre a capela muitas mulheres, membros ou não, apreciavam o preparo de cada prato como Peru a Califórnia, tortas e uma grande variedade de sugestões que auxiliam as melhores cozinheiras. O acontecimento deu-se nos dias 05, 06 e 07 de novembro de 1985 e o resultado muito animou as irmãs da Sociedade de Socorro não só pela numerosa presença, mas também pelo alto nível do curso apresentado.

Ala Rio Jordão Diplomou 12 Atendentes de Enfermagem

Enviado por
João Ary Pragana de Barros

Teve lugar no dia 6 de dezembro de 1985, a formatura do Curso de Enfermagem patrocinado pela Ala Rio Jordão, da Estaca de Boa Viagem Brasil.

O curso teve a duração de seis meses, sendo ministrado pela Irmã Ednéa Calado de Medeiros, enfermeira diplomada.

A cerimônia foi presidida pelo presidente da estaca, Irajá Bandeira Soares. Esteve presente a Sra. Cilene Leite Nogueira Paz Moraes, representante do Conselho Regional de Enfermagem (COREM).

Os formandos foram saudados pelo Irmão Gibson Pereira de Andrade, representante da ala.

O Presidente Soares encerrou a cerimônia ressaltando o trabalho das enfermeiras, inclusive agradecendo a Irmã Ednéa Calado, pelo seu amor e dedicação ao curso, principalmente a dedicação que a mesma teve para com as alunas.

Ressaltou o interesse de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em levar o conhecimento às pessoas, tanto membros como pesquisadores.

Parabéns Ramo União

Enviado por
Elton Licério Rodrigues Machado

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, organizada em Cachoeira do Sul, há pouco mais de um ano possuía apenas um ramo. Em 1984 este ramo obteve a divisão, para a alegria dos membros, que viram o crescimento da Igreja na cidade.

Assim nasceu o Ramo Cachoeira do Sul-União organizado em 18 de novembro de 1984. Um ano depois, este segundo ramo de Cachoeira do Sul comemorou o primeiro aniversário com fé e muita alegria de todos.

Com uma festa de integração, foi comemorado o aniversário deste ramo. Os missionários que por aqui passaram também foram lembrados, pois trouxeram pessoas à luz da verdade.

É desejo de todos os membros dividir novamente este ano. Enquanto isso não acontece o ramo vai se fortalecendo no Senhor. O terreno para a construção da capela já foi adquirido, e esperamos que a construção seja iniciada em 1987.

A presidência do ramo está assim constituída: Presidente — Jorge Reinaldo Martins; primeiro conselheiro — Donaldo Conceição da Silva Trindade; segundo conselheiro — Sílvio Sidnei Barbosa; secretário — Elton Licério Rodrigues Machado; secretário adjunto — Tagino Roberto Madrid Martins; secretário executivo — José Luís Rodrigues.

Feira Artesanal SUD 85

Enviado por
Francisco X. S. Santos

Nos dias 13 e 14 de dezembro p.p., realizou-se mais uma feira de artesanato SUD, organizada pelas irmãs da Sociedade de Socorro de todas as alas e ramos da Estaca Rio de Janeiro Andaraí Brasil. Estimamos que mais de 500 pessoas passaram pelos nossos balcões, das quais, cerca de 100 eram visitantes. Já no primeiro dia, 80 por cento dos trabalhos artesanais foram vendidos, denotando o sucesso do empreendimento. As missionárias, Bryan e Nobre, organizaram um pequeno 'stand' com folhetos e exemplares do Livro de Mórmon.

As Feiras Artesanais SUD têm muitos objetivos, entre eles, citamos: incentivar o desenvolvimento dos dons individuais na comunidade SUD — trabalhos manuais, artísticos e outros; desenvolver industriosidade, desenvolver espírito de solidariedade, ensinar cooperativismo e combater a ociosidade.

A presidência de nossa estaca vê nesses empreendimentos, um instrumento valioso para auxiliá-la no programa de assistência aos jovens que se estão preparando para a missão e àqueles que regressam. Quando suas famílias são carentes de recursos econômicos, através do Conselho dos Bispos da Estaca, esses jovens missionários estão recebendo bolsas de estudo para cursos profissionalizantes e faculdade. Ao receberem esse benefício, os jovens assumem o compromisso moral de devolver a ajuda financeira recebida para estudos e treinamento, quando tiverem condições. Eles sabem que, assim, alcançarão melhor dignidade, ajudando futuros missionários que vierem a passar pelas mesmas dificuldades que passaram.

Firmes Marchai

Enviado por Hélio Murillo Agner
Diretor de Comunicações Públicas da Estaca Rio de Janeiro Madureira

Esse foi o tema da conferência dos jovens da Estaca Rio de Janeiro Madureira, realizada em 13, 14 e 15 de dezembro p.p. no antigo Colégio São Bento.

Localizado no Alto da Boa Vista, Tijuca, o Colégio São Bento, desativado há 15 anos, abrigou os jovens para a conferência. Em meio às imagens e esculturas existentes nas dependências do internato, os jovens participaram das atividades, sem ser influenciados por essas coisas. Cerca de 75 jovens participaram das atividades iniciadas na sexta-feira pela manhã prolongando-se até a noitinha, quando foi realizada uma serenata pelas meninas, no pátio do colégio. Os rapazes desceram do alojamento para assistirem e participarem da seresta.

Houve competições, jogos, bailes, show de talentos, mensagens maravilhosas e os jovens puderam conhecer-se melhor e aprender mais. O segundo conselheiro da estaca, Tadeu Batista, acompanhou a conferência, e os líderes responsáveis cumpriram sua responsabilidade, mantendo a ordem e o respeito nesses dias de conferência. No domingo, uma reunião de testemunho encerrou a conferência.

Três Amigos em Missão

Enviado pelo Élder Antonio E. Rabelo

Os Élderes Rabelo e Tavares receberam seus chamados juntos, em Fortaleza. Foram para a mesma missão — Missão Curitiba — e, depois de um ano, encontraram-se com seu amigo Élder Francisco, também de Fortaleza. Os três estão felizes pela missão que estão cumprindo e pela oportunidade de propagar o evangelho.

Confraternização na Ala Jardim Taboão

Enviado por José Rosa

No dia 21 de dezembro último, na Ala do Jardim Taboão, realizou-se um jantar de confraternização. Foi uma belíssima festa.

As crianças da Primária apresentaram um maravilhoso show. Uma das apresentações contava o sonho de uma menina e suas bonecas. Durante o sonho as bonecas ganhavam vida e representavam fielmente a localidade de origem; assim, tivemos países como a França, o Japão, a Espanha, a Itália etc...

Uma outra apresentação foi de uma excelente banda musical com todas as crianças da Primária. Esta apresentação foi coordenada pela presidente da Primária, Aparecida Maria T. Rodrigues e sua conselheira, Stela Schneider. Elas contaram com a colaboração das líderes de música da Primária e da ala, Elizabeth Aguera de Mello e Albuquerque e Junia Giusti.

Parabéns à Primária da Ala do Jardim Taboão pela belíssima apresentação.

Reunião de Antigos Ex-Missionários do Brasil

O Élder James E. Faust, do Quorum dos Doze, e o Élder W. Grant Bangerter, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, que foram companheiros missionários no Brasil, há pouco tempo estiveram presentes a uma reunião comemorativa do qüinquagésimo aniversário de abertura da Missão Brasileira. A Missão foi estabelecida no Brasil em 1935, quando a Missão Sul-Americana, sediada em Buenos Aires, foi dividida com o Brasil. (A obra missionária no Brasil começou realmente sete anos antes, quando dois missionários da Missão Sul-Americana chegaram a Joinville.)

O Élder Faust, sentado, é o terceiro da direita para a esquerda. Serviu durante trinta e três meses no Brasil, de 1939 a 1942. O Élder Bangerter, sentado, o quarto a partir da esquerda, foi missionário de 1939 a 1941 e voltou como presidente de missão de 1958 a 1963.

Natal Especial em Rosário do Sul

Enviado por Élder Johnny Aravena Collao

Para mim e meu companheiro, Élder Roland Schuman, era o primeiro Natal que passaríamos longe do lar. Esperávamos que uma época tão especial não passasse em branco. Não sabíamos se ganharíamos presentes, mas resolvemos presentear.

Ao término da reunião sacramental do dia 22 de dezembro de 1985, meu companheiro, o Élder Schuman, entregou a cada mãe de família, uma rosa, simbolizando nosso amor. Era nosso presente às mães no Natal. Queríamos presentear também os pais. Queríamos dar algo especial também ao Pai Celestial. Batizamos nesse dia oito pessoas! Sabemos que esse foi um grande presente que poderíamos oferecer a nosso Pai, pois foram pessoas bem especiais que se congregaram.

Uma Entrevista sobre a Tradução da Palavra de Deus a "Todas as Nações, Tribos, Línguas e Povos"

Recentemente, a revista Ensign entrevistou Eb Davis, diretor internacional de tradução da Igreja. Irmão Davis falou da grandiosidade da tarefa de traduzir as escrituras para atender aos desafios do esforço missionário em todo o mundo.

P: Quando a Igreja começou a sentir necessidade de dar maior ênfase à tradução de escrituras?

R: Desde os primórdios da Igreja, os membros sentem-se fortemente motivados a traduzir as escrituras para o maior número de línguas possível. Na verdade, tradução foi uma das primeiras providências importantes tomadas pela Igreja no início, quando começou a obra missionária.

Logo após o Profeta Joseph Smith haver terminado a tradução para o inglês, o Livro de Mórmon foi traduzido para o dinamarquês, alemão, francês, italiano e galês. Embora essas primeiras traduções fossem mais literais, a maioria era surpreendentemente correta. O trabalho de tradução progrediu regularmente nos primeiros 138 anos da Igreja, e por volta de 1968, o Livro de Mórmon, bem como muitos outros materiais, haviam sido publicados em dezoito idiomas. E desde então o trabalho tem crescido rapidamente. Hoje, tanto o Livro de Mórmon, como seleções dele, ou materiais básicos do evangelho, têm sido publicados em noventa e seis línguas. Essas línguas são faladas por 76% da população mundial.

P: Isto é realmente impressionante, mas o que mais deve ser feito?

R: Embora nosso progresso tenha sido fenomenal, o desafio que temos é enorme. Nossa meta suprema foi estabelecida pelo Senhor, quando disse que o evangelho deve ser pregado a "todas as nações, tribos, línguas e povos" (D&C 42:58). Os 24% restantes da população mundial falam mais de 4.900 dialetos. Muitos desses dialetos são somente falados e não têm a escrita equivalente. Como nos dispusemos a traduzir a palavra do Senhor para esses povos, a liderança está-nos orientando sobre as diretrizes e o ritmo de trabalho, como julgam ser prudente. Eles nos têm aconselhado a "usar toda oportunidade que nos possibilitaria ensinar o evangelho a todos os povos". A liderança do Presidente Kimball foi vital nesta explosão da atividade de tradução.

Mas o momento certo para o início do trabalho tem sido estabelecido pelos próprios membros da Igreja, por seu trabalho dedicado e orações. Centenas de tradutores doam incontáveis horas traduzindo as escrituras. Por exemplo, temos tradutores trabalhando sob árvores na Micronésia, ou labutando à tênue luz de lampiões a querosene no Oriente Médio.

P: O senhor mencionou traduções do Livro de Mórmon ou seleções dele. O Livro

não é sempre traduzido inteiro e de uma só vez?

R: Nem sempre. Quando estamos começando a traduzir em uma nova língua, geralmente não iniciamos com o Livro de Mórmon. Primeiro começamos traduzindo o manual "Princípios do Evangelho", que contém os conceitos básicos do evangelho de maneira simples. Este método nos possibilita treinar novos tradutores, bem como sentir de antemão como a mensagem do evangelho será aceita por um povo ou cultura em particular. A seguir, baseados em nossa experiência com esse manual, seleções do Livro de Mórmon são traduzidas, depois o livro inteiro, e finalmente Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor.

P: Quantas línguas possuem a tradução completa do Livro de Mórmon?

R: Nós temos o Livro de Mórmon inteiro traduzido em trinta e uma línguas, incluindo algumas traduções mais recentes em vietnamita, hindi e kekchi — um dialeto Maia da América do Sul. Seleções do Livro de Mórmon foram traduzidas em trinta e sete outras línguas, incluindo as recém-terminadas em marshalês, haitiano e h'mong.

Somando a estas, recentemente completamos as traduções em islandês e africâner, de Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor, tornando-os acessíveis em vinte e sete línguas.

P: Em quais idiomas a Igreja está centralizando os esforços para o restante da década?

R: No passado, os esforços em traduzir parece-nos que estavam centralizados em determinadas áreas do mundo. Nos tempos de Joseph Smith e Brigham Young, o enfoque estava concentrado na Europa. Desde o início da liderança do Presidente Kimball, um maior esforço foi centralizado nas línguas lamanitas das Américas Central e do Sul.

Mais uma vez o enfoque está-se deslocando, pois para os próximos anos a liderança tem-nos instruído a nos voltarmos, principalmente, para a África e Ásia — Indonésia. Na África, onde o cristianismo está crescendo mais rápido que em qualquer outra área do mundo, estamos trabalhando com línguas e dialetos como o efik, o qual é falado na Nigéria; akan, em Gana; e outros incluindo o zulu, xthosa, swahili, e kiisi. Palaum, da Ilha de Palau no Pacífico Sul, e singalês, de Sri Lanka, são somente alguns dos idiomas indonésios que estamos traduzindo. Na última década adicionamos sete novas línguas a cada ano.

P: A Igreja tem feito alguma tradução da Bíblia?

R: Até o momento, não. A Sociedade Bíblica Mundial tem a Bíblia traduzida em, aproximadamente 1.700 línguas. Contudo, poderemos precisar fazer traduções SUD em áreas onde as atuais traduções da Bíblia são inadequadas.

A Igreja Cresce em Rondônia

O Ramo de Vilhena, com cerca de cem membros atualmente, teve início no ano de 1981, com a transferência, para lá, de três famílias vindas de São Paulo (Fernandes, Parronchi e Cunha) para iniciarem negócios no ramo de serraria.

Não foram bem sucedidos como esperavam, mas não desanimaram. Realizavam reuniões em casa e partilhavam o sacramento. Em 1982 juntou-se a eles também a Família Domiciano, continuando as reuniões, com autorização da Missão Brasil Rio de Janeiro para formação de um grupo. No ano seguinte mais duas famílias se juntaram, (Reguin e Pinto) e foi autorizada a oficialização do Ramo de Vilhena, a "Princezinha da Amazônia", a pequena cidade do interior de Rondônia, a 700 Km da unidade mais próxima, Cuiabá. Organizado em outubro de 1983, teve como presidente do ramo, Francisco Reguin, conselheiros Francisco Parronchi e João Jorge da Cunha.

Em 1984 foi autorizada a vinda de 2 missionários em caráter temporário, que batizaram 20 pessoas em 1 mês. Todos desejavam que os missionários permanecessem, pois havia notícia de mais membros espalhados no Estado de Rondônia. Em 1985 foi autorizada a permanência dos missionários, que fortaleceram o Ramo de Vilhena e abriram o Ramo de Porto Velho, com aprovação da Missão Brasília. Em dezembro, foi designado presidente o Irmão Domiciano e conselheiro o Irmão Abílio Joaquim Fernandes.

Pela dedicação ao Senhor, o ramo foi abençoado com a autorização de construção de uma capela, que será iniciada em breve, numa área bem localizada.

Sião cresce! Esta é a obra do Senhor!